

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NEILA MATIAS DE SOUZA

**MODELANDO A CAVALARIA: UMA ANÁLISE DA DEMANDA DO SANTO
GRAAL (SÉCULO XIII).**

Niterói
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NEILA MATIAS DE SOUZA

**MODELANDO A CAVALARIA: UMA ANÁLISE DA DEMANDA DO SANTO
GRAAL (SÉCULO XIII).**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social.

Orientador: MÁRIO JORGE DA MOTTA BASTOS

Niterói
2011

Catográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S729 Souza, Neila Matias de.

Modelando a cavalaria : uma análise da demanda do Santo Graal (século XIII) / Neila Matias de Souza. – 2011.
207 f.

Orientador: Mário Jorge da Motta Bastos.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2011.

Bibliografia: f. 200-207.

1. Graal. 2. Cavalaria. 3. Igreja. 4. Pecado. I. Bastos, Mário Jorge da Motta. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 271.791

NEILA MATIAS DE SOUZA

**MODELANDO A CAVALARIA: UMA ANÁLISE DA DEMANDA DO SANTO
GRAAL (SÉCULO XIII).**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História Social da Universidade Federal Fluminense, como requisito para a obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História Social.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos (Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr^a. Adriana Maria de Souza Zierer
Universidade Estadual do Maranhão

Prof. Dr^a. Vânia Leite Fróes
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2011

Aos meus pais,
Guerreiros sem proteção de armadura,
mas que lutam com honra e coragem.

AGRADECIMENTOS

Talvez o meu maior problema, mas sempre acredito que é a minha melhor qualidade, seja acreditar que posso tudo. Nessa condição me arrisco de peito aberto a todos os perigos, determinada de que sempre vou vencer. Mas não é tão fácil... Nunca o foi para mim. Pareço forte e intocável, eu mesma finjo acreditar nisso. Ninguém nunca percebe que só estou tentando me proteger?! Sempre soube que faria o mestrado. Tenho tanta certeza das coisas que às vezes tenho medo e me fecho para as pessoas. Os vínculos afetivos me aterrorizam profundamente e prefiro brincar de ser feliz.

Para aqueles que têm o meu sincero afeto, meus agradecimentos:

Aos meus pais, por todo apoio, confiança, cumplicidade, torcida, por agüentarem a saudade tanto quanto eu. Por me perdoarem quando eu errei, por reconhecerem que erraram comigo. Por todo amor incondicional e desmedido que têm por mim. Obrigada a toda a minha família.

À Adriana, que mudou minha vida ainda na graduação, meu Deus já se passaram oito anos! A primeira vez que a vi ela estava com um terninho branco e fazia uma palestra de boas vindas aos calouros, fiquei fascinada com aquela mulher medievalista, coisa inédita no Maranhão. Ela me incentivou a participar dos congressos, a publicar, a fazer o mestrado. Todas as vezes que meu telefone tocava, eu já sabia: Adri tinha sonhado com alguma coisa que iria acontecer comigo, e tudo era verdade...! aí eu sofria e ela me consolava... E cheguei até aqui. Mariano diz que essa nossa amizade já é de muito tempo. Eu não tenho dúvidas. Sem você Adriana eu não teria conseguido. Obrigada por tudo.

Ao Mariano por todas as palavras de força, pelo ombro amigo em todas as minhas crises e choros, por ouvir minhas confissões e me aconselhar. Obrigada por sempre ter a palavra certa para os momentos mais difíceis.

À Laurinda, que homenageia a flor com o nome de Rosa. Ela é uma das pessoas mais maravilhosas que já conheci. Obrigada por me ajudar tanto numa cidade onde eu não tinha ninguém até conhecer você. Obrigada por me hospedar em sua casa sem nunca ter me visto. Obrigada por todos os mimos e coisinhas bonitinhas de mulherzinha que você me presenteia, sim porque nós adoramos moda! E ela é a pessoa mais chic que conheço, fina no sentido mais meigo e generoso que a palavra pode ter. Além de tudo isso, ela tem um livro autografado pelo Carlos Drummond de Andrade (sempre conto isso para todos que conheço). Muito obrigada minha querida.

Ao meu orientador, por toda a paciência comigo, por suportar todas as minhas crises e sempre me oferecer ajuda quando mais precisei. Obrigada por todo o carinho. Desculpe-me por ter sido tão difícil.

À Alciane, minha grande amiga de Bom Jardim, minha cidade natal. Obrigada por ouvir meu desabafo, por chorar comigo diante de uma situação tão sensível e vulnerável. Você está no meu coraçãozinho.

Ao meu querido amigo Francisco, carioca de Petrópolis, carinhosamente chamado por mim de “Cisco dos meus olhos e do meu coração”. I love you xuxu!

Ao meu amigo Rafinha, que me pegou no aeroporto, quando pisei em terras cariocas pela primeira vez, na época da seleção em 2008. Obrigada meu querido por nos conhecermos desde 2003 no primeiro período da UEMA e fazer parte da minha vida.

Ao Fábio, carinhosamente chamado de Fabiola, quase meu professor na UEMA. Obrigada por todas as conversas engraçadas, pela força e apoio. Obrigada em especial pela história das “calinhas”, que proporcionou gargalhadas maravilhosas.

Ao meu amigo Agostinho, o Tinho, que me levou pela primeira vez num jogo de futebol (Botafogo x Palmeiras). E que me fez matar um pouco a saudade da Ilha quando na Feira de São Cristovão dançamos um legítimo reggae maranhense.

À Milena, minha professora da UEMA, que me definiu da forma mais linda que se poderia definir alguém: “Neila, você parece uma personagem de Machado de Assis”. Não me contive de felicidade e emoção quando ouvi isso. Obrigada.

À Sarinha, amiga do Maranhão, que me ajudou nesses momentos finais da escrita e que me apoiou pela proximidade das redes sociais. Você é uma fofa e botafoguense! À Daniela, pelas viagens em congressos, por uma conversa pela internet em que pude desabafar um pouco. Obrigada. Você também é uma fofa e botafoguense! À Elba, conhecida da UFMA, que se tornou uma amiga no Rio. Obrigada especialmente pelo show do Marcelo Camelo, quando fui muito feliz. Você também é fofa e botafoguense!

À professora Vânia, obrigada por ter aceitado o convite desde a qualificação, agradeço por todas as sugestões e críticas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), que, com todos os tropeços, me auxiliou com a bolsa para fazer o mestrado.

Obrigada a todos da secretaria do Programa de Pós-Graduação, especialmente Silvana e Inês, que sempre me trataram muito bem.

EPÍGRAFE

“As aventuras que agora acontecem são interpretações e os grandes sinais do Santo Graal. Mas os sinais e os significados do Santo Graal não aparecem ao pecador nem a quem está envolto nos prazeres do mundo”.
(A Demanda do Santo Graal).

RESUMO

A pesquisa que desenvolvemos no decurso do mestrado aborda a cavalaria, no Ocidente Medieval do século XIII, enquanto instituição militar que foi ganhando no decurso de seu processo de formação contornos crescentemente religiosos. Percebemos que isso foi parte de uma ação da Igreja na tentativa de controlar uma nobreza que se apresentava cada vez mais violenta e sedenta de riquezas; com esse objetivo várias assembleias que culminaram com as instituições da *Tregua Dei* e *Pax Dei* foram realizadas com o claro intuito de limitar os excessos da nobreza guerreira. Essa questão está presente nas fontes com as quais trabalhamos, *A Demanda do Santo Graal* e *O Livro da Ordem de Cavalaria*, que divulgam valores cristãos a serem seguidos principalmente pelos cavaleiros tão envoltos no pecado. Para isso há vários exemplos sobre o comportamento desses guerreiros, que identificamos e caracterizamos como modelares, seja como um bom exemplo a ser seguido ou um mal a ser evitado. São os modelos extremos, o “bom” e o “mau”, que trataremos aqui, entendendo-os como uma procura da Igreja em domesticar a cavalaria, enquadrá-la nos limites cristãos, imputando àquela instituição uma moral religiosa.

Palavras-chave: Cavalaria – Igreja – Virtude – Pecado – Salvação.

ABSTRACT

The research that developed during the master's degree discusses the cavalry in the Medieval West of the XIII century, while the military establishment that gained during its formation process increasingly religious boundaries. We realized that this was part of an action of the Church in an attempt to control the nobility that had increasingly violent and hungry for wealth, for this purpose several meetings that culminated with the institutions of *Truce Pax Dei and Dei Pax* were performed with the clear purpose to limit the excesses of the noble warrior. This issue is present in the sources with which we work, *The Quest for the Holy Grail* and *The Book of Order of Cavalry*, which disseminate Christian values to be followed mainly by riders so enveloped in sin. For this there are several examples of the behavior of these warriors, we have identified and characterized as models, either as a good example to be followed or an evil to be avoided. Models are the extremes, the "good" and "bad", which will be discussed here, understanding them as a demand of the Church in taming the cavalry, framing it within the limits Christians, blaming a religious morality that institution.

Keywords: Cavalry - Church - Virtue - Sin - Salvation.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS.....	11
<u>INTRODUÇÃO</u>	12
1. <u>QUAESTIO: A CAVALARIA NO OCIDENTE MEDIEVAL</u>	22
1.1 Os Primeiros Guerreiros.....	24
1.2 A Reforma da Igreja.....	29
1.3 Rumo à Cavalaria Clássica.....	33
1.4 Teoria e Procedimento Metodológico.....	49
2. <u>DENUNCIANDO OS PECADOS: O MILES DIABOLICUS</u>	60
2.1 <i>A Demanda Do Santo Graal E A História Dos Cavaleiros Da Mesa Redonda</i>	62
2.1.1 Origens.....	62
2.1.2 Temática Da Obra.....	69
2.2. O Que É Ser Um Mau Cavaleiro?.....	72
2.3. O Modelo Do Cavaleiro Mundano – Galvão.....	80
2.4. Caracterização do Modelo de Mau Cavaleiro.....	104
3. <u>DECLARANDO AS VIRTUDES: O MILES SANCTUS</u>	109
3.1 O Que é Ser um “Bom Cavaleiro”?.....	117
3.2 Modelos Espirituais e as Virtudes Cultiváveis – Galaaaz, o <i>miles santus</i>	124
3.3 Caracterização do Modelo de Bom Cavaleiro.....	148
4. <u>DETERMINANDO O POSSÍVEL: O MILES CHRISTI</u>	151
4.1 O <i>Miles Christi</i> , um cavaleiro arrependido.....	154
4.2 Pecados da Carne, Arrependimento, Purgação.....	166
4.3 Outros Cavaleiros Arrependidos.....	183
<u>CONCLUSÃO</u>	190
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	195

LISTA DE QUADROS

Fig.	REFERÊNCIA	Pág.
1	A “Matéria da Bretanha”: Origens da <i>Demanda do Santo Graal</i>	64
2	Genealogia de Galvão	80
3	Características do Cavaleiro Mundano (<i>miles diabolicus</i>)	104
4	Genealogia de Galaaz.	126
5	Diferenças entre os Bons e os Maus Cavaleiros.	148
6	Características do Bom Cavaleiro	149
7	Genealogia de Lancelot	155
8	Linhagem de Rei Bam	160
9	A Cavalaria Selvagem e Civilizada de Lancelot	173
10	Virtudes e Vícios de Lancelot	188

INTRODUÇÃO

A dissertação aqui apresentada é resultado da pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Inicialmente, elaboramos um projeto intitulado *O Guerreiro e o Eremita: Cavalaria e Religiosidade na Demanda do Santo Graal (século XIII)*. Com essa proposta, tínhamos como objetivo central compreender a relação entre cavalaria e religiosidade na *Demanda do Santo Graal*, percebendo a vinculação entre o eremita, o cavaleiro e a salvação, não só nessa novela de cavalaria, como também no *Livro da Ordem de Cavalaria*. Nosso trabalho intentava, ainda, estabelecer as diferenças entre o cavaleiro cristão e o cavaleiro pagão na *Demanda*, além de identificar a construção da imagem de um herói cristão representado pelo cavaleiro Galaaz. No decorrer da pesquisa percebemos outros focos de atenção e a relação entre cavalaria e eremitismo foi abolida de nossa problemática, assim como o estudo do cavaleiro pagão, embora nenhuma dessas questões tenham se tornado completamente estranhas ao nosso texto. O título do projeto não foi adotado para a versão final do texto dissertativo, pois, conforme destacamos, não caberia à nova análise elaborada. Assim, a mesma acabou por intitular-se *Modelando a Cavalaria: uma análise da Demanda do Santo Graal (século XIII)*¹.

Como a pesquisa foi ganhando novos rumos e perspectivas de análise, percebemos, então, novas necessidades de explicação e construção do nosso objeto. Deste modo, orientamos a análise à tentativa de compreender as relações entre a Igreja e a Cavalaria no século XIII, no que diz respeito a uma tentativa de enquadramento social da nobreza guerreira pela instituição, como observado nas fontes *A História dos Cavaleiros da Mesa Redonda*, em *A Demanda do Santo Graal* e no *Livro da Ordem de Cavalaria*. De modo geral, entendemos que a Igreja teve um papel fundamental na

¹ Trabalhamos também com a fonte *O Livro da Ordem de Cavalaria* do século XIII; ela consta na análise do nosso objeto assumindo a condição de fonte de apoio, concorrendo, essencialmente, à abordagem da fonte principal.

configuração da ética cavaleiresca e que, a partir do século XI, ela procurou enquadrar a cavalaria em moldes cristãos, imputando àquela instituição uma moral religiosa.

Para o desenvolvimento de nosso estudo utilizamos, principalmente, as contribuições de Jean Flori, Franco Cardini, Georges Duby e, especialmente, Dominique Barthélemy, com sua obra *A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII*.

O tema da Cavalaria já vem sendo estudado há muito tempo por autores como os acima referidos. Jean Flori, por exemplo, escreveu várias obras sobre o surgimento desta ordem de homens armados que se tornou muito importante na Idade Média Central e que ainda hoje desperta o interesse dos especialistas. Na obra citada, o autor desenvolveu um estudo profícuo da cavalaria desde os seus primórdios até a sua transformação em uma ordem com ética e ideologia próprias. É possível, assim, compreendermos como se deu o processo de fusão entre cavalaria e nobreza. Quando isto aconteceu, os cavaleiros distinguiram-se socialmente e passaram a gozar dos mesmos privilégios da nobreza. A cavalaria tornou-se, então, uma confraria com traços morais, éticos e religiosos.

Em *Guilherme Marechal, ou o melhor cavaleiro do mundo*, Duby ressalta a importância organizacional da principal atividade daqueles guerreiros, os torneios. “Eles combinavam entre si a melhor forma de escalonar esses combates simulados durante a temporada, e de providenciar a propaganda necessária para seu bom andamento. A cavalaria inteira contava com os bons ofícios desses organizadores”². Georges Duby analisa o que seria a honra e a ética cavaleiresca, e segundo ele seriam três as virtudes da moral de cavalaria, a fidelidade, o valor e a largueza. Quanto a esta última, o autor a define como aquilo que “realiza o gentil-homem, instaura a distinção

² Georges Duby. *Guilherme Marechal ou O Melhor Cavaleiro do Mundo*. São Paulo: Editora Ática: 1987, p. 126-127.

social. [...]. O cavaleiro tem o dever de nada reter em suas mãos. Tudo o que lhe chega ele dá. De sua generosidade haure a força que possui e o essencial de seu poder”³. Deste modo, a partir da biografia de um cavaleiro, Duby vislumbra todo o processo de formação dos guerreiros. Podemos compreender, então, o ritual de iniciação na cavalaria, as questões relativas ao casamento do cavaleiro, que pretendia ascender socialmente, e como era organizado o funeral de um nobre.

Dominique Barthélemy propõe uma nova questão: como se deu a origem da cavalaria? Como um grupo de guerreiros tornou-se uma instituição de cavaleiros, dando origem à cavalaria clássica? Voltando ao período germânico, o autor considera que as origens dos guerreiros da Idade Média não decorrem exclusivamente dos valores franceses ou das cortes palacianas, mas de elementos conjugados vindos da Antiguidade Tardia, dos gauleses, germanos, de alguns traços romanos que culminaram com a cavalaria conhecida como clássica, no século XII, com cavaleiros servindo numa corte virtuosa, cortejando uma dama e procurando conquistar terras e prestígio.

Estes estudos nos ajudaram no aprofundamento da pesquisa sobre a temática cavaleiresca, em especial na medida em que nos propusemos uma nova questão: de que forma o cavaleiro, praticante de uma atividade violenta, buscará a sua salvação, ou ainda, como ele é incitado a buscá-la? Para isso, compreendemos que a *Demanda do Santo Graal* apresenta modelos de cavaleiros como exemplos a serem seguidos pelos guerreiros da época, que tinham acesso a essas narrativas, como forma de enquadrá-los socialmente.

Tratando-se de uma fonte literária, pareceu-nos indispensável considerar a natureza complexa das relações entre a História e a Literatura. Assim, segundo Paul Zumthor, na Idade Média o processo de divulgação do escrito dava-se por mecanismos

³ Idem. Ibidem. p. 120-121.

fundamentalmente orais, baseado na palavra dita, que tinha o poder de verdade. O desenvolvimento destas questões, ainda que não exaustivo e apoiado, essencialmente, por autores como Raymond Williams, Lucien Goldmann, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier, consta do primeiro capítulo desta dissertação, assim como a apresentação da metodologia utilizada, baseada na proposta de Ciro Cardoso em *Narrativa, Sentido e História*.

A dissertação é composta por quatro capítulos, a saber: **Capítulo 1. *Quaestio*: a Cavalaria no Ocidente Medieval;** **Capítulo 2. Denunciando os Pecados: o *Miles Diabolicus*;** **Capítulo 3. Declarando as Virtudes: o *Miles Sanctus*;** **Capítulo 4. Determinando o Possível: o *Miles Christianus*.**

No primeiro capítulo, percebendo a necessidade de uma explicação mais detalhada do surgimento e desenvolvimento da Cavalaria como instituição dotada de moral e ética próprias, desenvolvemos uma espécie de introdução ao tema da cavalaria na Idade Média, abordando-a desde seus primórdios na Alta Idade Média até o nosso contexto de análise. Esta base é importante para que os capítulos seguintes apóiem-se em uma caracterização mais precisa da evolução histórica daquela instituição em suas linhas de força e elementos determinantes essenciais. Desse modo, trataremos do processo pelo qual um grupo de guerreiros reunidos chegaria a compor uma estrutura organizacional com desenvolvimento baseado em valores militares e de respeito ao oponente. Abordaremos os primórdios “dos guerreiros a cavalo”, e os sentimentos (se é que podemos falar nesses termos) que os uniam, a importância dada ao chefe do grupo, que comandava suas hostes incitando os homens a lutarem; a importância dos progressos da equitação e do uso da espada, lanças e outras armas de combate, o processo, enfim, pelo qual estes homens armados passaram a integrar os quadros da feudalidade nascente. No seu decurso de afirmação, a cavalaria teve nas cortes

principescas um local favorável para o desenvolvimento de várias de suas possibilidades: a aproximação dos guerreiros com os senhores feudais e, conseqüentemente, com os seus hábitos, traduzindo em cortesia o galanteio necessário para a conquista da dama e de toda a sua corte; a identificação e fusão da cavalaria com a nobreza; o desenvolvimento dos romances cortesês, das novelas de cavalaria que divulgavam os ideais da aristocracia guerreira, exaltava os ânimos dos jovens cavaleiros e idealizava e inspirava ações de homens dispostos a imitarem os exemplos dos personagens, como aconteceu como D. Nuno Álvares Pereira, desejoso de imitar o exemplo de Galaaz. E o que dizer daqueles homens que se inspiravam em cavaleiros como Lancelot? A cavalaria fez tanto sucesso que chegou mesmo a conquistar grandes reis, que também almejavam entrar para os quadros da ordem cavaleiresca. A ordem de cavalaria criou entre seus integrantes um sentimento de pertença grupal que a transformou numa instituição dotada de organização, moral, e ética próprias.

Também será abordada, nesse capítulo, a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, embasada na análise textual proposta por Tzevtan Todorov, além de estabelecido o referencial teórico adotado com a problematização das relações entre História e Literatura, em especial a partir das referências de Ciro Cardoso, em *Narrativa, Sentido e História*, e de Lucien Goldmann, em *A Sociologia do Romance*.

No segundo capítulo apresentaremos e caracterizaremos a nossa fonte principal de análise, a *Demanda do Santo Graal*, partindo da hipótese de que a mesma constituiu, junto com o *Livro da Ordem de Cavalaria*, instrumento importante – dadas as próprias características dessas obras literárias – de divulgação do modelo cristão da Cavalaria. As duas fontes são do século XIII. A *Demanda do Santo Graal* é uma novela de cavalaria que narra as aventuras dos cavaleiros do rei Artur, que partiram em busca do

Santo Graal, cálice que se acreditava conter o sangue de Cristo, para que a prosperidade retornasse ao reino de Logres. Enfrentando “aventuras maravilhosas”, estes cavaleiros são provados e somente aqueles guiados pelos valores cristãos conseguem terminar bem as provas que enfrentam. O *Livro da Ordem de Cavalaria* é uma espécie de manual, escrito pelo filósofo catalão Ramon Llull, com o objetivo de ensinar aos senhores da guerra a serem bons cavaleiros, um *miles Christi*. Com um teor ricamente didático, Llull elenca as virtudes a serem seguidas e os vícios a serem evitados.

Com base nestas duas fontes, desenvolveremos a perspectiva da construção de modelos cavaleirescos diversos no período, e começaremos pela caracterização do modelo do “mau cavaleiro”, segundo os princípios cristãos. Este tipo de cavaleiro representava tudo que os guerreiros não deviam ser, nem fazer: ele era uma ameaça para a ordem social porque não exercia sua função de proteger os demais grupos, *oratores* e *bellatores*. Ao contrário, este cavaleiro atacava os habitantes locais, descumpria com sua palavra, incorria nos sete pecados capitais, era perjuro e desleal para com os componentes da ordem de cavalaria e para com seu senhor, promovia discordâncias entre o grupo e incitava à violência de uns contra os outros. Com a violência vivida na época pelos ataques constantes às populações desprotegidas, havia a necessidade de que esta violência fosse limitada, “controlada”. É neste sentido que, aliada à moral cavaleiresca de respeito à ordem, surge também uma moral cristã, com o intuito de que os guerreiros não mais atentassem contra sua própria comunidade. O cavaleiro Galvão, sobrinho do rei Artur, que possui estas características é exemplo negativo na *Demanda*, não completando as aventuras e terminando por não atingir o reino dos céus. Entendemos que, por meio desta personagem, é transmitida a idéia de que seus feitos e de todos os que o seguissem não seriam recompensados com a salvação tão almejada pelo homem medieval.

No terceiro capítulo, em contraponto com “tipo anterior de cavaleiro”, é apresentado o modelo do cavaleiro “bom”, ideal, perfeito. Para o estabelecimento deste tipo utilizaremos a metodologia da análise do texto pelo quadrado semiótico aplicado em um capítulo em especial da *Demanda*, no qual o cavaleiro enfrentará sua principal prova. O modelo divulgado de cavaleiro bom devia ser seguido pelos outros cavaleiros, porque respeitava os valores cristãos e contribuía para a harmonia social. Este tipo de cavaleiro sempre cumpria com seus deveres para a manutenção da ordem e exercia fielmente a sua função de proteger os demais grupos sociais, possuía todas as virtudes necessárias a um bom cristão e nunca cometia pecado. Caracterizava-lhe, acima de tudo, a virtude mais prezada pela moral religiosa: a virgindade; era um homem puro que não se deixava cair em tentação pelos prazeres da carne, aproximando-se de um modelo de santidade uma vez que chegava a operar milagres. O bom cavaleiro, o exemplo a ser seguido, devia ser humilde, firme em sua fé, corajoso sem ser cruel, justo com seus adversários, qualidades que faziam dele um bom cristão. Esta construção conjugava-se com os movimentos (Paz de Deus e Trégua de Deus) da Igreja na tentativa de controlar a nobreza bélica que representava uma ameaça constante àquela sociedade. É neste intuito também que as Cruzadas aparecem como uma alternativa de escape social para os nobres, um grupo beligerante, necessitado da atividade guerreira que constituía sua identidade social, e para os demais grupos sociais que ficavam protegidos dos ataques violentos agora direcionados contra o inimigo pagão. O bom cavaleiro, portanto, deveria ser um “cavaleiro de Cristo”.

Nos dois primeiros capítulos de análise da fonte – o dois e o três – apresentamos o que consideramos modelos extremos de cavaleiros, restritamente factíveis na prática social do período. Configuram, ambos, modelos padronizados, exemplos sublimados de referência. O quarto capítulo desta dissertação, no entanto, será

dedicado a um tipo de cavaleiro que se situava no meio termo dos modelos paradigmáticos, ademais quantitativamente predominante na abundante exemplificação que constitui a *Demanda do Santo Graal*. Trata-se, exatamente, de um padrão mais factível e corrente, com o qual os guerreiros poderiam se identificar. Este cavaleiro é representado por Lancelot, considerado o melhor cavaleiro da corte arturiana até a chegada de seu filho Galaaz, então cognominado “o melhor dos melhores”. Lancelot é um cavaleiro com características mais humanas, porque mais complexas e contraditórias, o que podia tornar possível sua identificação com os jovens nobres daquela sociedade, profundamente sedentos pelos sentimentos, anseios e perspectivas que a leitura dos romances de cavalaria causava entre eles.

Nosso modelo de “cavaleiro oscilante” descendia de uma linhagem muito nobre, de reis muito importantes, o que já o configurava como nascido de boa cepa, portanto, tão bom quanto os seus ancestrais. Na Idade Média, a origem social era muito importante. A cavalaria tornou-se, ao longo do século XII, mais flexível quanto à entrada de futuros membros, tornando-se um corpo mais heterogêneo. Havia hierarquias em sua constituição, e um fator de diferenciação era precisamente o nascimento. Assim como Galaaz, com traços de santidade, justifica seu valor por sua descendência espiritual (rei Davi, José de Arimatéia), Lancelot confirma seu valor por uma linhagem guerreira respeitada por todo o reino de Logres, a linhagem do rei Bam. Também agregam elementos a este modelo, confirmando a sua caracterização, a trajetória de outros cavaleiros, como o rei Artur, Leonel de Gaunes, Erec, o que nunca mente, e Tristão. Todos estes cavaleiros têm em comum o fato de estarem muito vinculados à vida mundana, aos valores cortesês, aos prazeres da carne. Lancelot e Tristão cometem traição, são perjuros contra seus senhores. Artur era um rei muito digno, mas estava muito afastado da Igreja, cometeu alguns erros que não deveriam ser conhecidos pelos

seus súditos, pois perderia sua honra, mas continuava sendo um excelente guerreiro, como as narrativas anteriores já haviam estabelecido. Erec, um cavaleiro muito bom no manejo das armas, possuía como principal característica falar sempre a verdade e, por conta disto, para não desonrar sua palavra e por orgulho, acabou por matar sua própria irmã. Leonel desejou vingar-se de seu próprio irmão, Boorz, porque este escolheu salvar uma donzela em perigo a socorrê-lo; Leonel chega mesmo a matar um ermitão, mas se arrepende quando o Senhor intercede por Boorz. No entanto, estes cavaleiros conheceriam uma espécie de remissão pelo arrependimento. Talvez Tristão fosse o mais afastado disto: sua estória é contada num livro que tem seu nome, mesmo porque sua participação na narrativa é muito pontual, embora importante.

Todos estes cavaleiros sucumbiam aos pecados, e cada um mais fortemente no que caracterizava sua ação pecaminosa: por exemplo, Lancelot e Tristão cometiam o pior pecado segundo a ótica cristã da época, eram luxuriosos, e por este pecado o homem se perdia num mundo dedicado aos prazeres carnis. O rei Artur sofria de orgulho, não simplesmente porque era o melhor rei de toda a região, mas porque, quando podia ter evitado uma guerra entre as duas linhagens mais importantes da região, a sua e a do rei Bam, não o fez por orgulho, por honra real. Assim como ele, Erec também é orgulhoso, pois, para não manchar seu nome tirou a vida da irmã, cometendo um pecado mortal. Leonel foi tomado pela ira e não conseguiu perdoar seu próprio irmão. No entanto, todos eles conseguem de alguma forma a remissão de seus erros pelo arrependimento. Foi assim com Lancelot, que enfrentou uma aventura que marcaria sua trajetória: perdido na floresta ficou dias sem comer nem beber, quando finalmente acreditava-se próximo de satisfazer suas necessidades uma donzela pediu-lhe toda a sua caça. Mesmo desejando saciar-se de qualquer forma, até mesmo comendo a carne crua, honra sua palavra de cavaleiro e doa toda a sua comida. Continua durante

dias perdido, sem saída, enclausurado entre um rio violento, a floresta perigosa e duas pedras gigantes. Neste estado de selvageria e de contato com a natureza, Lancelot reflete sobre sua vida, passagem narrativa que marca uma nova etapa de seu caminho: a partir de então ele deixaria o pecado e honraria o rei.

Mesmo não obtendo, potencialmente, eficácia absoluta, os modelos referidos acabavam, de uma forma ou de outra, inculcando naqueles homens os valores religiosos que a Igreja pretendia divulgar. Assim, embora o modelo do Cavaleiro Santo fosse muito restrito na vida cotidiana, servia como uma base e um ideal a ser admirado; o Cavaleiro Diabólico podia facilmente ser encontrado entre aqueles guerreiros invejosos e sedentos de poder, mas, como a fonte evidencia, os maus não serão recompensados com o Paraíso. Já o Cavaleiro cristão pode ser identificado entre aqueles homens do século XIII, um guerreiro que pecava, mas seguia os valores da ordem e se arrependia de seus erros; e após anos de lutas infatigáveis podia, enfim, receber o descanso eterno no céu, segundo os anseios expressos na *Demanda do Santo Graal*.

CAPÍTULO 1. *QUAESTIO*: A CAVALARIA NO OCIDENTE MEDIEVAL

No estudo desse corpo militar que se tornou uma instituição na Idade Média Central, cabe a seguinte indagação inicial: Quando o homem que andava a cavalo deixou de ser um simples guerreiro, *miles*, e passou a ser chamado de cavaleiro?

Ah, “as nascentes são insondáveis”, como já disse o antigo historiador Heródoto, mas a necessidade que temos de encontrá-las faz com que essa busca deva ser realizada, ainda que somente vislumbremos um fio seu, talvez de esperança. É com esse intuito que partimos para o entendimento do que foi e de como surgiu a Cavalaria no Ocidente Medieval. Segundo Dominique Barthélémy⁴ a Cavalaria Clássica surgiu na França do século XII, lugar de onde parte a maioria dos cruzados:

É nas crônicas de monges ligados ao rei da França e ao da Inglaterra, duque da Normandia, de Suger, de Orderico Vidal, nos anos 1140, que encontramos freqüentemente evocados ao mesmo tempo um tipo de Cavalaria justiceira – a dos príncipes que dizem defender as igrejas e os pobres – e uma verdadeira Cavalaria de ato *performático* e espetáculo – aquela dos jovens nobres que, em tudo servindo a esses príncipes, se entregam a justas, se lançam desafios, demonstram boas maneiras entre inimigos.⁵

Na chamada Alta Idade Média, quando havia intensas influências e contatos entre os europeus, romanos, e os povos ditos “bárbaros”, a organização dos guerreiros, portadores de armas e cavalos, possuía uma importância fundamental não só em relação ao poder militar que representava, mas também em relação aos valores guerreiros que transmitia: o aspecto sagrado associado ao cavalo, o culto da espada, a valorização da coragem, a veneração da força física, a indiferença perante a dor, o menosprezo da

⁴ Barthélémy centra sua análise justamente no século XII por ter sido esse século, segundo ele, o do surgimento da “Cavalaria”. Mesmo nosso estudo sendo voltado ao século XIII, não podemos deixar de levar em consideração todas as transformações operadas no século anterior e que se afirmam ou se declinam no decorrer do XIII.

⁵ Dominique Barthélémy. *A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010; pp. 15-16.

morte, a destreza militar. Somado a isso, havia valores ligados ao poder do rei-chefe da tribo, a devoção pessoal. Com a união desses valores e de um contexto histórico político-social, surge então a cavalaria.

A organização dos guerreiros armados alcançou tal nível de estruturação em virtude das influências, dos contatos mútuos entre os diferentes povos da Alta Idade Média. Nesse período, habitualmente instituído pelos historiadores entre os séculos V – X, a Europa vivenciou a lutas constantes. A violência marcou profundamente esses séculos, tanto que se cristalizou a idéia de que tal época viveu uma barbárie incontrolável e que a selvageria dominava a todos. No entanto, como indaga Barthelémy, “é certo que os francos, depois os feudais dos séculos X e XI, foram apenas homens de violência, que nada em seus costumes preludia a Cavalaria clássica?”⁶ O que ficou desses senhores guerreiros foi muito mais que seus abusos para com os camponeses, a sua arrogância e o desejo premente de vingança e satisfação de seus desejos. É a história desses homens que ansiamos aqui iluminar de algum modo por meio de duas fontes do século XIII: *A Demanda do Santo Graal* e *O Livro da Ordem de Cavalaria*.

As duas obras apresentam claramente o universo cavaleiresco no período em questão. *A Demanda* é considerada por muitos especialistas como um “monumento da Idade Média”; a segunda possui um autor identificado e constitui-se como uma espécie de manual de formação para o cavaleiro, ensinando-o a ingressar e, principalmente, merecer fazer parte da Ordem de Cavalaria.⁷ Como esses textos remetem à Idade Média Central, já apresentam os guerreiros como portadores dos valores que os identificaram para a posteridade, com todos os atributos éticos e culturais que caracterizam a Cavalaria clássica. Mas, ainda assim, e inclusive por isso, carregam as marcas dos seus

⁶ Barthelémy, D. Op. Cit. p. 17.

⁷ As fontes serão caracterizadas detalhadamente no decorrer dos capítulos seguintes.

ancestrais, dos primeiros guerreiros, dos homens que lutaram, como germanos, normandos, gauleses, e foram vistos como “bárbaros”. As características de cavaleiro apresentadas nas fontes evidenciam uma cavalaria já estruturalmente formada, mas herdeira dos primeiros séculos do período medieval; daí a necessidade de entendermos como se deu o seu processo de constituição e como esses guerreiros se transformaram numa elite daquela sociedade.

1.1 Os Primeiros Guerreiros

Tanto os gregos quanto os romanos consideravam todos os povos que não faziam parte de sua cultura como “bárbaros”. Muitos desses guerreiros já utilizavam o cavalo nas lutas e formavam com ele uma arma poderosa, assim como também se distinguiam dos demais por estarem montados e visivelmente em um nível elevado. Assim ocorria com os gauleses, reconhecidos como bons em armas, mas incultos e incivilizados: “A raça que se chama em seu conjunto de gálica é apaixonada pela guerra, propensa à cólera e rapidamente se inclina à luta, mas, de resto, tem costumes rudimentares e sem vícios”⁸. Os gauleses, assim como os germanos, são os principais povos vinculados à formação dos valores guerreiros e do que se tornaria a Cavalaria. Para os germanos, o estatuto do guerreiro constituía-se como uma função na sociedade e o recebimento das armas era uma passagem da família para o Estado; isto é, marcava uma ascendência social: “uma espécie de cidadania que é na Germânia o estatuto do guerreiro, com participação nas assembléias e nas empreitadas guerreiras”⁹. Para esses homens, a valentia era o principal valor guerreiro, a bravura, a destreza nas batalhas, a coragem de lutar. Esses são alguns dos atributos que farão do guerreiro da Idade Média um cavaleiro.

⁸ Estrabão citado por Barthélemy em *Cavalaria: da Germânia...*, p. 24.

⁹ Id. Ibid. p. 29.

[...] na sociedade ocidental, merovíngia depois carolíngia, resultante da impregnação da malha romana antiga pelas mentalidades novas dos conquistadores germânicos, a guerra constitui um valor fundamental; as armas têm um caráter sagrado e todo rei, todo governante, todo “grande” só podia ser um guerreiro¹⁰.

Entre esses povos os assuntos da guerra eram sempre prementes e a comunidade constituía-se de tal forma permeada por eles que as relações davam-se tendo em vista a atividade militar e tudo que a ela estivesse ligado. Não só de homens era feita essa sociedade de guerreiros indômitos, e para que fossem de fato eficientes suas mulheres também deveriam sê-lo. Elas constituíam, então, um incentivo, uma incitação à prática belicosa por meio de um dote de armas:

[...] Um dote marital, que chamamos de duário, “não com presentes escolhidos para o agrado de uma mulher, nem destinados a adornar a recém-casada, mas com bois, um cavalo selado, um escudo com uma frâmea e um gládio”. Armas para uma jovem casada! Não que ela mesma as carregue com uma guerreira das amazonas. Mas ela é chamada, através desses símbolos sagrados, a se pensar como solidária a seu marido e a seus filhos em armas, como instigadora da virtude guerreira¹¹.

Segundo Barthélemy, os cronistas antigos carregaram muito nas tintas ao descreverem esses povos antigos, considerados “bárbaros”. Talvez parecessem muito ameaçadores pela forma de se vestirem, de manterem a aparência, e de se apresentarem imponentes sobre seus cavalos, como os hunos. “Mas não se trata de uma época de violência desenfreada. As imagens de um mundo sombrio e devastado parecem muito exageradas. Trata-se muito mais de uma violência diluída”¹². Embora no século VI os reis, ainda que cristãos, agissem muito duramente com seus servidores:

¹⁰ Jean Flori. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. p. 32.

¹¹ Barthélemy. Op. Cit. p. 37.

¹² Idem. *Ibidem*, p. 65.

[...] eles os submetem à tortura para extorquir confissões, os mutilam, os expõem, por vezes, de surpresa, a seus golpes mortais e, em suas guerras, pilham os camponeses, capturam pessoas para revendê-las como escravas ou para, pelo menos, pedir resgate. [...]. Mesmo reis e *leudes* não parecem ser poupados. Aos *leudes* desgraçados os reis procuram infligir a morte, o que às vezes conseguem ao termo de caçadas humanas e ao custo de algumas violações do direito de asilo nos santuários¹³.

A vingança, segundo os cronistas, demonstraria a ferocidade desses povos, sua incivilidade. As rixas entre comunidades vizinhas podiam fazer de uma incursão guerreira um ato de vingança, fundamentado em acusações de pilhagens, traição. Convém assinalar que mesmo nestas sociedades organizadas pela lógica da “faida” (vingança privada), havia muitos interesses e ligações, que ambos os envolvidos tinham grande interesse em conservá-los.

Ainda que impregnados pelos assuntos de guerra, esses homens não deviam obediência estrita ao chefe; eles eram incitados à batalha com promessas de butim, mas não eram obrigados a realizá-la. “Em outras palavras, esses guerreiros não devem uma obediência estrita, automática a um chefe, a um Estado digno desse nome. [...]. Mas é sempre necessário que eles partam e guerreiem de sua plena vontade, e por uma virtude da qual eles têm o mérito pleno que os honra”¹⁴. Quando conseguem obter uma vitória são assim recompensados e a empreitada, dependendo do ganho, pode ter sido proveitosa. Nesses momentos, além de ter a honra exaltada e valorizada, os guerreiros conseguem o que de fato estimam materialmente: bens que poderão proporcionar melhorias de vida e mesmo de prestígio. Nessas ocasiões, um dentre tantos guerreiros pode se destacar em relação aos outros, fazendo sua passagem à vida adulta de forma

¹³ Id. Ibid. p. 73.

¹⁴ Idem. Ibidem. p. 31.

ainda mais gloriosa, embora não possamos observar esse momento com o mesmo brilho, fausto e grandeza que se apresentará na França do século XII.

No princípio, séculos VII e VIII, não havia qualquer significado de solenidade na entrega das armas: “A entrega de armas, é, portanto, uma instigação a se honrar na guerra. Não há traço expresso de uma prova preliminar, menos ainda de uma “iniciação”¹⁵. Toda a preocupação que mais tarde será determinante na conduta e aprovação de um bom cavaleiro é herança desses primeiros séculos da Idade Média.

[...] também se notou que essas tropas de elite não são abertas a qualquer um. O prestígio dos ancestrais, os méritos de um pai, ou seja, todo um valor reconhecido, um renome socialmente alimentado são o critério da escolha. E, sem dúvida, ao mesmo tempo, a memória dos ancestrais é uma incitação a brilhar. De forma que a *nobreza* e a *virtude* devem necessariamente se associar na estima pública. Tudo deve ser feito pelo menos para que essa associação pareça natural, para que, na maioria dos casos, seja “constatada”¹⁶.

Entre esses guerreiros honrados, cuja ascendência transmitia valores reconhecidos por todos, prevalecia não um “homenagem” a ser feita a um “senhor”, mas o “companheirismo”, um tipo de juramento em que se assumia a lealdade, o respeito ao chefe. E aquele tido como chefe do grupo deveria também provar seu valor quando combatesse com chefes de outros bandos: “Notemos, sobretudo, que a instituição do “Companheirismo”, exaltando a coragem do chefe, o mantém estreitamente submisso às mesmas exigências a que estão sujeitos seus “Companheiros”. Ele é posto à prova diante da sociedade e em competição com outros chefes”¹⁷. Desse modo, a condução desses guerreiros estaria legitimada, tanto entre eles próprios, como entre os diversos grupos.

¹⁵ Barthélemy. Op. Cit. p. 38.

¹⁶ Idem. Ibidem. p. 39.

¹⁷ Idem. Ibidem. pp. 39-40.

Mesmo com tanta estima pela honra, esses homens não lutavam puramente e desinteressadamente somente por causa dela. Havia, sem dúvida, o interesse pelo butim, pelos ganhos advindos de uma boa vitória, a recompensa pelo trabalho duro realizado nos campos de batalha. “Todos são, portanto, motivados pela honra. Entretanto, também são necessárias recompensas palpáveis para concretizar a honra ou garantir um pouco de fruição após o esforço”¹⁸. Não basta apenas lutar, ganhar a batalha e adquirir honra, é essencial também a conquista material decorrente da vitória: cavalos, alimentos, terras, prisioneiros. É assim que um homem se faz guerreiro e é reconhecido por seus companheiros. Por isso a importância do papel do chefe, que além de conduzir deveria também dividir os resultados da conquista. Segundo Barthélemy:

A cremos em Tácito, simples e rudes de alma, esses germanos do ano 100 têm também um equipamento limitado. Pouca defesa: nenhuma couraça além do escudo. Nenhuma arma sofisticada a não ser a lança que chamamos de frâmea, e o dardo. E a cavalaria, não é, entre eles, nem decisiva, nem extremamente poderosa – ela se mistura à Infantaria. De fato, Tácito não assinala, tampouco, qualquer supremacia do cavaleiro sobre o infante. Os dois se misturam e lutam em interação.¹⁹.

No entanto, foram essas características que permitiram o desenvolvimento da cavalaria clássica. Por meio da relação de “companheirismo” com o chefe, da honra reconhecida e compartilhada com todos do grupo, foram criados os laços cujo desenvolvimento daria ensejo à constituição dos nobres cavaleiros da Idade Média que observamos nos romances e novelas de cavalaria como a *Demanda do Santo Graal* e o *Livro da Ordem de Cavalaria*.

¹⁸ Idem. Ibidem. p. 40.

¹⁹ Id. Ibid. p. 40.

1.2 A Reforma da Igreja

A Reforma da Igreja foi cunhada Gregoriana em honra do papa Gregório VII, embora as mudanças tenham se iniciado muito antes desse Papa. Essa “transformação” na Igreja não envolveu simplesmente o clero, atingiu toda a sociedade num amplo movimento de reforma moral, disciplinar e administrativa. “A centralização do poder papal, a reforma monástica, o ressurgimento do direito civil e canônico, são alguns dos aspectos do mesmo movimento intelectual que inspirou a nova dialética, a fundação de escolas, a arte românica, e o *Domesday Book*”²⁰. Os primeiros a lançar as sementes de uma reforma foram os monges no século X, encabeçados principalmente pela abadia de Cluny e o estabelecimento de suas regras para uma vida regular.

Os principais males que a Igreja sofria eram a “simonia” e o “nicolaísmo”. A simonia consistia inicialmente na crença de que dons sobrenaturais podiam ser negociados. Mais tarde, passou a significar a compra e venda de ofícios espirituais ou sacramentais, e depois estendeu-se a todos os serviços ou honorários oferecidos ou pedidos por ocasião de uma nomeação ou de uma ordenação sacerdotal ou episcopal. O nicolaísmo diz respeito à incontinência clerical quanto à castidade e ao celibato. Esta prática acarretava várias conseqüências sociais: transmissão hereditária das igrejas como benefício, o que ocasionava uma divisão progressiva da propriedade eclesiástica.

Antes da reforma, ou seja, antes do século X, o clero não formava ainda um corpo organizado, não possuía uma disciplina e sua vida não era muito diferente da do povo. O Papa geralmente servia ao imperador, estava sob o seu jugo quando não se encontrava envolvido em lutas políticas em Roma. A maioria dos bispos, quase sem exceção, era escolhida por grandes senhores feudais, servindo aos interesses de seus senhores temporais enriqueciam com os benefícios reais e os compromissos feudais

²⁰ Obolensky, D. e Knowles, D. *Nova História da Igreja: a Idade Média*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983. p. 179.

decorrentes da função. Muitas vezes conseguiam o cargo por dinheiro. Grande parte do clero do interior servia a um senhor para que sobrevivesse, ou a uma Igreja considerada parte da propriedade imóvel, cujo rendimento pertencia a um ou vários proprietários. Mesmo sendo reconhecida a supremacia do poder espiritual sobre o temporal “O Papa não passava de um barão romano e pequeno soberano, muitas vezes também capelão e súdito do imperador; os bispos, em geral bastante ricos, eram pessoas influentes entre os barões feudais; os sacerdotes eram pequenos agricultores, casados”²¹. O clero, portanto, não se diferenciava muito do resto da sociedade.

A principal reclamação dos reformadores, em relação aos mosteiros, era sobre a vida administrativa e litúrgica das grandes abadias: preocupações com propriedades agrícolas, rendas, cerimônias. Assim, os reformadores adotavam uma vida contemplativa ou voltavam às origens, sem qualquer conforto das ricas e grandes abadias, mas, de uma forma ou de outra, acabavam não escapando completamente da sociedade e retornavam gradualmente ao sistema comum. Os séculos monásticos com a influência predominante de abadias como a de *Cluny* e *Cister* e com todo um ideal de vida de perfeição evangélica, refúgio e disciplina para purgar o pecado tiveram no século XII sua mais impressionante fase representada pelo abade de *Cister*, Bernardo de Claraval. Justificando a necessidade de matar em uma batalha, o monge afirma: “[...] entre dois males, é preferível morrer corporalmente e não espiritualmente. Não porque matem o corpo morra também a alma: só a alma que peca morrerá”²². São Bernardo escreveu um tratado sobre a nova cavalaria, que deveria ser espiritual, voltada para Cristo, uma verdadeira milícia de Cristo.

O movimento de reforma foi ganhando acréscimos e reafirmações em suas propostas de mudança. Gregório VII foi o responsável por libertar o poder espiritual da

²¹ Idem. *ibidem*. p. 183.

²² S. Bernardo de Claraval. *Em Louvor da Nova Cavalaria (De Laude Novae Militae)*. Braga: Associação Famílias, 2000. p. 12.

tutela leiga, embora não tenha findado a luta entre *Sacerdotium e Imperium*. Já Urbano II renovou oficialmente os decretos contra a simonia, o nicolaísmo e a investidura leiga. Mas a grande ação desse Papa foi o lançamento das Cruzadas que elevaram o prestígio do papado com uma influência sobre toda a Europa, ao contrário do Imperador. Os papas reformadores fizeram ao longo do século XI sínodos para publicar programas e promulgar leis, mas nenhum deles tinha a pretensão de ser universal. No século XII, contudo, os papas obtiveram mais êxito em convocar a comunidade clerical para os concílios, reunindo grande parte dos bispos e preladados da Europa Ocidental. “De início estas reuniões eram destinadas principalmente à publicação e registro de importantes acordos políticos de interesse do papado, e a determinar pontos de disciplina, mais que de doutrina”²³. Mas, de todos os concílios, o IV Concílio de Latrão, em 1215, foi o de mais ampla repercussão na comunidade religiosa. Nele foi aplicada pela primeira vez a palavra “transubstanciação” à Eucaristia, introdução da confissão anual e da comunhão por ocasião da Páscoa. “Além da influência que exerceram na prática sacramental e na teologia, estes e outro decretos são importantes por representarem a primeira tentativa, num concílio inspirado pelo Papa, de legislar para a vida cristã como é vivida pelos leigos”²⁴.

Esses concílios, sínodos e decretos tendiam a regular a vida cristã, para isso os sacerdotes deviam ensinar as orações, as virtudes e os mandamentos. Nos séculos IX e X, muitos destes clérigos viviam misturados com o povo, principalmente aqueles das aldeias mais distantes, e possuíam uma formação muito elementar; muitos viviam em companhia de uma mulher, em matrimônio formal, ou em muitos casos em concubinato. Mas, ao longo dos séculos XI e XII, quando as resoluções dos decretos de reforma conseguem penetrar mais intensamente no interior da Europa, nas paróquias encravadas

²³ Obolensky, D. e Knowles, D. Op. Cit. p. 237.

²⁴ Idem. Ibidem. p. 239.

em lugares de difícil acesso, difunde-se a prática do celibato e torna-se cada vez mais rara a transmissão da herança aos filhos de sacerdotes.

Houve também, no século XII, uma reorganização na estrutura externa da Igreja. Assim, foram definidos os limites diocesanos e paroquiais, antes impossibilitados pela ineficiência administrativa e pela fragmentação de igrejas próprias, falta de supervisão episcopal e usurpação ou interferência de particulares. Mas aos poucos foram traçados os limites das dioceses, completando-se com a divisão total do território das paróquias. Também houve mudanças quanto à Maria. O prestígio de Maria teve um considerável progresso nesse tempo de reformas. Afirmou-se sua virgindade antes, durante e depois do parto e ela obteve o título de Mãe de Deus, merecido em razão de sua impecabilidade durante toda a vida. Aceitou-se sua assunção ao “céu”. Desenvolveu-se certas devoções à Nossa Senhora. Pela Santíssima Virgem floresceu novas festas, como a Assunção e a Purificação, a consagração do sábado como dia especial de sua comemoração e o Pequeno Ofício recitado diariamente em sua homenagem. “Aumentou igualmente a devoção à Santa Cruz, alimentada com a instituição de novas festas e a multiplicação de relíquias; o costume de rezar pelos mortos, comum na Igreja desde os primeiros tempos, tomou forma no ofício cotidiano pelos defuntos”²⁵.

Todas essas mudanças provocaram uma inserção cada vez mais crescente da Igreja na vida dos leigos no sentido de regulamentar sua conduta cristã. Isto foi sentido no meio cavaleiresco principalmente pelas instituições da Paz e da Trégua de Deus, que serão tratadas no decorrer dos capítulos seguintes. Desse modo, a instituição religiosa pretende atingir a sociedade controlando suas ações, seja pela regulação dos pecados e conseqüente estabelecimento de penas para redimi-los, seja pela divulgação das virtudes

²⁵ Idem. *ibidem*. p. 276.

cristsãs como meio de salvaçãõ e principalmente, pelo arrependimento sincero. Embora essa tentativa da Igreja nãõ tenha sido totalmente efetiva servia como uma forma de controlar o comportamento social pela mediaçãõ de seu poder espiritual.

1.3 Rumo à Cavalaria Clássica

Todas as características do chefe do grupo, como vimos anteriormente, passarãõ por transformações, mas preservarãõ o princípio da honra que chegará até os cavaleiros das mais prestigiosas cortes nos séculos XII e XIII. De acordo com Barthélemy:

Para os chefes, sobretudo, “o prestígio, o poder consistem em se cercar sempre de um círculo de jovens da elite: ornamento na paz, proteçãõ na guerra. E nãõ é apenas entre os seus, mas também nas cidades vizinhas que o renome e a glória sãõ notados pelo número e valor dos Companheiros”. Os chefes mais ilustres recebem embaixadas e presentes, “e frequentemente seu nome por si só decide o desfecho de guerras”²⁶.

Lembremos que em famosas batalhas ocorridas na Idade Média Central, o “chefe” dos combatentes era o rei, que por sua própria presença impunha respeito, prestígio, segurança e confiança aos seus combatentes; sua figura era de suma importância no comando das hostes e no prosseguimento das batalhas, demonstrando, assim, seu valor e sua honra, mesmo que arriscando sua cabeça real, o que suscitava ainda mais admiraçãõ pelos seus guerreiros. Com isso, no campo de batalha todos esses homens provam sua força e seu valor diante daquele que mais interessava, pois, ao final, dependendo do resultado e do desempenho de cada um, as possibilidades de conseguir os favores do rei tornavam-se bem palpáveis e o cavaleiro alcançaria, entãõ, nãõ só fama, mas também terras, senhorio e, quem sabe, um bom casamento. Segundo Barthélemy, os mesmos homens que praticavam a guerra serviam à justiça.

²⁶ Id. Ibid. p. 42.

Um sistema de *hoste* e de *placitum* conjuntos constitui, precisamente, o quadro que produz o ideal germânico, depois o reproduz e enriquece sob a forma de ideal Cavaleiresco. Ou, se preferirmos, digamos que esses ideais podem e devem se encarnar aí para assumirem toda sua função social. O guerreiro é sempre um governante, e é aí que se encontram melhor a guerra e a justiça e, portanto, a força e o direito²⁷.

Na cavalaria clássica, farão parte desse ideal de justiça também os princípios de fidelidade, obediência, proteção, honra à palavra dada. Esses povos, germanos e gauleses, que legaram atributos fundamentais à cavalaria medieval, foram descritos pelos “historiadores” da época como ferozes, bárbaros, violentos, sanguinários. No entanto, foram esses “bárbaros” que transmitiram o ideal de respeito ao chefe, a honra guerreira evidenciada na importância atribuída às armas, machados, lanças, flechas, espadas e escudos, que eram enterradas junto com o guerreiro. De acordo com Barthélemy, todo esse “furor” dos povos guerreiros era de alguma forma ambíguo:

Mostrar os ferimentos às mulheres não é, ao mesmo tempo, uma forma de se glorificar com sua dureza e pedir implicitamente o direito de não voltar para o combate? Ter cabelos longos ou o anel da ignomínia, como os catos, enquanto esperam para matar um inimigo – ora alguns se inocentam com o anel – talvez seja querer matar apenas um! A ferocidade, como a generosidade, tem algo de ostentatório²⁸.

A palavra *cavaleiro*, na acepção dos séculos XII e XIII, tem sua origem nos termos latinos *miles* e *militia*. Segundo Barthélemy, estas palavras também estão relacionadas a *vassus* (vassalo) e ao termo técnico *eques* (cavaleiro). “O termo *vassus* divulgar-se-á muito. É o termo céltico *gwas*, que significa *rapaz, servidor*; depressa foi latinizado. O desdobramento *vassalus* parece ter-se formado a partir do adjetivo *gwassawl* = ‘aquele que serve’”²⁹. Essas palavras “aparecem nas manifestações que dizem respeito à fidelidade e ao serviço, na defesa e na ilustração da vassalidade, ou

²⁷ Barthélemy. Op. Cit. p. 44.

²⁸ Idem. Ibidem. p. 60.

²⁹ Ganshof, F. L. *Que é o Feudalismo?* Portugal: Publicações Europa-América, 1974. p. 17.

seja, de uma instituição que mantém o estatuto, mas limita a liberdade dos nobres”³⁰.

Há uma evolução do equipamento militar, embora isso ocorra muito lentamente³¹:

Não estamos diante da unidade total (ofensiva) de blindagem completa da cavalaria e da esgrima com a lança. Mas a lança é um elemento normal do combate a cavalo, às vezes lançada como um dardo, mas principalmente empunhada por cima ou por baixo de forma a perfurar o inimigo, como mostram os saltérios iluminados. Ela é a arma mais carregada pelos infantes também, junto com o escudo que é de madeira e coberto de couro dos dois lados. Ele é redondo e convexo, podendo ser preso ao pescoço; capaz de deter um dardo, pode servir ao ataque graças a sua ponta³².

De acordo com os capitulários, como o de 792, são necessários 12 mansos para um pretendente a cavaleiro, ou seja, ele precisa ser capaz de manter couraça e cavalo. O armamento supunha uma certa posse, capaz de assegurar o guerreiro em batalha, pois era preciso manter em condições favoráveis a espada, o escudo, garantir um cavalo de qualidade, e isso tudo requeria boas condições financeiras. O proprietário de 12 mansos é um pequeno senhor, “um pequeno notável, um vassalo de abade ou de grande laico, que ele escolta, entre outros motivos, a fim de honrá-lo e lhe prestar apoio, em troca, sem dúvida, de dons de armas e equipamentos para complementar aquilo que sua propriedade lhe permite adquirir”³³.

Sem dúvida, os cavaleiros comuns não possuem um armamento completo, com tudo que ele tem de mais efetivo. Mas o equipamento do cavaleiro, ou seja, do “vassalo” como diz claramente o capitulário de 792-793, é um símbolo de superioridade social – um símbolo mais do que um meio absolutamente direto de superioridade social³⁴.

³⁰ Barthélemy. Op. Cit. p. 94.

³¹ De acordo com Barthélemy, entre uma mutação da cavalaria em 700 (que ele não chega a esclarecer exatamente) e a mutação da esgrima e do combate por volta de 1100 a melhoria no desenvolvimento militar permanece muito vagarosa.

³² Idem. Ibidem. p. 99.

³³ Idem. Ibidem. p. 98.

³⁴ Id. Ibid. p. 101.

A vassalidade “tornou-se qualquer coisa de procurado, de honroso, pelo menos quando se tratava da vassalidade do rei e quando o vassalo alcançava dele um benefício”³⁵. Por mais que possam ser diferenciados simbolicamente, esses homens pagam um preço muito alto por isso. Eles devem se submeter a um senhor mais forte, que lhes proporcione a qualidade de seu armamento, e por isso mesmo têm para com ele um dever moral a cumprir. A qualidade de vassalo evoca uma valentia guerreira e, conseqüentemente, honra. “Ao mesmo tempo, alguém é vassalo de outro, e os ritos, a promessa de fidelidade e mesmo a homenagem das mãos têm a propriedade sociológica de classificar na elite aquele que se submete, através desses atos, a um senhor: eles contrastam com os ritos de servidão”³⁶. O vassalo distingue-se especialmente dos outros tipos de homens que obtinham proteção em troca de serviços mais humildes. Por mais modestas que sejam suas origens, o vassalo “dispõe de um cavalo e de armas de guerra (lança, espada, escudo), ainda que a montada e o equipamento pertençam ao seu senhor. Faz desde então parte de um outro mundo, que não o do pessoal caseiro e dos trabalhadores do campo”³⁷.

Mas o laço entre vassalidade e “Cavalaria”, por mais fundamental que seja, é complicado, ambivalente. De um lado, o clima das relações entre senhor e vassalo comporta esforços de moderação e de justificação que são um claro prelúdio da sociabilidade Cavaleiresca: um vassalo, como Cavaleiro, tem direito a honrarias. Por outro lado, o serviço do vassalo é para ele uma obrigação e as faltas são objetos, a princípio, de sanções graves: morte ou exílio se o senhor é da realeza, frequentemente mutilação, pesadas multas, desonra pública pela *harmiscara*³⁸.

³⁵ Ganshof. Op. Cit. p. 33.

³⁶ Barthélemy. Op. Cit. p. 102.

³⁷ Ganshof. Op. Cit. p. 41.

³⁸ A *harmiscara*, cuja aparição dá-se a partir de 830, era uma punição, um rito de desonra, aplicada aos traidores de seus serviços vassálicos. “consiste em um vassalo cavaleiro marchar carregando sua sela sobre as costas, ou seja, se fazendo de cavalo e invertendo sua posição social dominante. Mas como ele próprio aceita essa penitência, ela não é uma destituição durável – e, no limite, o fato mesmo de passar

Um trecho de um juramento de fidelidade reproduzido a seguir expressa bem a relação fundamental que se dava na Europa Feudal entre homens livres que prometiam ajuda mútua; essa relação era a base de um sistema político, econômico e social que ficou conhecido por Feudalismo, e foi em seu interior que a cavalaria desenvolveu-se e ganhou os contornos de uma ordem militar. Essa definição do juramento foi feita pelo bispo de Chartres, Fulbert, no século XI:

“Importa portanto que, [...], forneça fielmente ao seu senhor conselho e ajuda, se quiser parecer digno do seu benefício e realizar a fidelidade que jurou. O senhor deve igualmente, em todos estes domínios, fazer o mesmo àquele que lhe jurou fidelidade. Se não o fizer, será com razão acusado de má fé; tal como o vassalo que fosse visto faltar aos seus deveres, pela ação ou por simples consentimento, seria ele culpado de perfídia e de perjúrio”³⁹.

Para Ganshof, o Feudalismo pode ser entendido pelos seguintes elementos: laços de dependência de homem para homem; grupo de guerreiros especializados a ocuparem os escalões superiores dessa hierarquia; parcelamento máximo do direito de propriedade; parcelamento do poder público. Essa acepção, a de sociedade feudal, reconhecida por Ganshof e empregada por Marc Bloch, pode ser assim definida:

Conjunto de instituições que criam e regulam obrigações de obediência e de serviço – sobretudo militar – da parte de um homem livre, chamado *vassalo*, para com outro homem livre, chamado *senhor*, e obrigações de proteção e sustento da parte do *senhor* para com o *vassalo*; a obrigação de sustento tem como efeito, na maior parte dos casos, a concessão pelo senhor ao seu vassalo de um bem chamado *feudo*.⁴⁰

por essa humilhação prova que alguém é estatutariamente um homem de serviço honorável: um servo não seria sujeito a isso!” (Barthélemy, 2010, p. 124)

³⁹ Citado por F. L. Ganshof em *O Que é o Feudalismo?* Portugal: Publicações Europa-América, 1974, p. 114.

⁴⁰ Ganshof. Op. Cit. p. 10-11.

Foi esse sistema que regeu a vida medieval, já plenamente desenvolvido e estruturado dos séculos XII ao XV. É nesse momento que se observa os laços de vassalagem cada vez mais presentes e definidos e foi no curso dessa instituição que a cavalaria ganhou seus contornos.

A concessão, o *feudo*, recebida pelo vassalo era geralmente uma parcela de terra destinada ao cultivo e à manutenção de seu próprio sustento, mesmo porque essa era uma sociedade que tinha como principal bem a terra e mantinha-se pela agricultura. Em troca do *beneficium* o vassalo deveria prestar alguns serviços, sendo o militar considerado mais importante. “O serviço militar do vassalo é, do ponto de vista do senhor, durante quase toda a época aqui considerada, a essencial razão de ser do contrato vassálico: é para dispor de cavaleiros que o senhor aceita vassalos”⁴¹. Foi assim que muitos homens livres, vassalos de grandes senhores, passaram a prestar serviço militar e constituíram um braço armado da aristocracia (da qual mais tarde farão parte), que tinha necessidade de proteção e de combater contra os seus inimigos. Entre os serviços devidos ao senhor, os vassalos deveriam se apresentar devidamente armados, aqueles que possuíam melhores condições para isso, ou armados como podiam; havia casos em que a obrigação militar poderia ser substituída por um pagamento, ou o vassalo enviaria seus próprios vassalos para prestarem o serviço em seu nome.

A principal forma de benefício, de feudo, era um patrimônio fundiário, porque esse era o bem mais importante da época, ainda que vários cargos públicos, funções e direitos foram enfeudados.

Nos séculos X e XI, vassalos laicos de grande importância recebiam, com frequência, igrejas como feudo – abadias, altaria, quer dizer, Igrejas paroquiais, capelas –, em virtude dos rendimentos retirados das

⁴¹ Idem. Ibidem. p. 118.

terras respectivas da dotação que lhes cabia ou do próprio exercício do ministério (ofertas ou oblatas dos fiéis, etc.); rendimentos de natureza eclesiástica, especialmente os dízimos, figuraram também entre os objetos mais procurados para a concessão como feudo⁴².

Essa proteção, em virtude das relações feudo-vassálicas, dava-se também no âmbito do combate ao homicídio e à própria vingança, que acabava por causar grandes males àquela sociedade. Assim, quando os homens eram atingidos por grandes mudanças climáticas assolando toda a produção agrícola e trazendo muita fome, essas transformações eram interpretadas como castigo divino; e uma forma de aplacar a cólera de Deus seria a diminuição de derramamento de sangue cristão, ou seja, a diminuição da violência proporcionada por disputas internas, vinganças, ataque aos indefesos. Esses foram os primeiros movimentos em direção às instituições de Paz. Para isso os reis contavam com o apoio dos bispos, do alto clero, em sua maioria oriundo da própria aristocracia, não defendia e nem tinha interesse em propor uma reforma social radical.

O alto clero entende por “defesa dos pobres”, antes de tudo, a defesa das propriedades da Igreja (das quais uma das justificativas, um dos usos efetivos, é a ajuda aos indigentes). Sob o rótulo de “justiça” ou de “concórdia”, de “paz” social, o clero efetua um trabalho de regulação bastante conformista, como vemos nos casos da servidão e do casamento. [...]. Mulheres e servos (ou camponeses em geral) terão, portanto, uma necessidade natural de possuir protetores (“Cavaleirescos”) e vocação a obedecer-lhes⁴³.

Há, portanto, uma clara afinidade entre o clero e a aristocracia, entre o poder temporal e o eclesiástico, relacionado à intermediação com Deus. Ligada a essa questão, está a perspectiva da existência de duas milícias: a do século e a do clero, uma milícia que combate pelas armas e outra pelas palavras e orações. Justamente por combater com a fé, garantindo, assim, o perdão dos pecados e a intercessão com o divino, que os

⁴² Idem. Ibidem. p. 154.

⁴³ Idem. Ibidem. Op. Cit. p. 121.

homens da Igreja reivindicam para si a isenção de impostos. Segundo Jean Flori, essa oposição entre duas milícias, uma marcada pelo serviço armado e violento e a outra pelo serviço desarmado e pacífico, transformou-se “em oposição entre duas categorias de homens, duas “ordens”: a dos clérigos (*clerici*) e a dos leigos (*laici*)”⁴⁴. Conforme assinala Barthélemy, há um desequilíbrio entre a idéia de duas milícias, uma espiritual e outra secular:

[...] O apego de clérigos e monges, pelo menos até o século XII, à ficção de suas armas espirituais dissimula talvez um complexo de inferioridade, diante dos verdadeiros Cavaleiros que zombam de sua covardia ou efeminação. Eles não emitem seu protesto viril apenas pela criação de uma metáfora, mas afirmando sua utilidade social: eles recebem suas rendas e seus privilégios para a realização de um combate, de um serviço. Para eles, a implicação prática é o dever de obediência a seus chefes.⁴⁵

É muito interessante essa análise do historiador francês, principalmente pelo fato de observarmos na *Demanda do Santo Graal* a grande proximidade existente entre os homens religiosos e os cavaleiros. Os eremitas, que embora na maior parte da obra sejam identificados assim, em alguns momentos são designados também como bispos, andam lado a lado com os cavaleiros, especialmente com aqueles que seguem os caminhos cristãos de compaixão, justiça, caridade, fé. Impedidos de lutar com as armas mundanas, o fazem através da palavra. São os eremitas que aconselham os cavaleiros, advertem-nos dos perigos, explicam-lhes os significados dos sonhos, como veremos nos capítulos seguintes a respeito dos sonhos de Lancelot, Galvão, Persival e de todos os conselhos que esses e outros cavaleiros recebem no decorrer de suas aventuras. Os eremitas orientam os guerreiros para que sejam verdadeiros *miles Christi*; se esses homens de Deus não podem defender combatendo com a espada, o fazem pelas orações,

⁴⁴ Jean Flori. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. p. 18.

⁴⁵ Barthélemy. Op. Cit. p. 125.

aplicando as penitências necessárias para o perdão, orientando os pecadores a jejuarem, se confessarem e, principalmente, se arrependem para alcançarem a salvação. E os cavaleiros, quando não podem mais lutar com as armas do século, retiram-se do mundo e entram na luta pelas armas da fé tornando-se eremitas. Assim, após anos servindo pelas armas do século⁴⁶, os cavaleiros despiam a couraça e vestiam-se com os mantos dos pobres homens das florestas. Despiam-se do mundo e vestiam-se de “santos”. “A “ordem laica”, por outro lado, tem armas verdadeiras e uma disciplina menos evidente. Tal como o emprega o renascimento carolíngio, o tema das duas milícias corrobora o papel das armas como símbolo de estatuto de uma elite única e também a sua legitimidade”⁴⁷.

O fato é que essa sociedade, nos termos que nos interessa aqui, dividia-se entre aqueles que portavam armas e os incapazes de lutar, os *inermes*. Desse modo, apenas alguns tinham o poder pela força e usavam-na segundo seus interesses causando males e destruição ao restante da população. Mas como faziam parte de uma comunidade religiosa, e por isso, irmãos em Cristo, “precisavam também não derramar o sangue de um igual”. Deste modo, desde o ano 600 há o estabelecimento claro de um sistema de penitências e de expiações na tentativa de moralizar a sociedade cristã. As faltas cometidas são classificadas pelo grau de gravidade, assim estabelecem-se os resgates necessários para a absolvição. Desse modo, a Igreja tenta intervir de alguma maneira para civilizar os modos, ainda que isso seja prejudicado, visto que tudo poderia ser absolvido com um preço certo.

[...] De repente, a suspeita surge de que o cristianismo medieval prega o Evangelho a tempo, mais do que a contratempo, de forma que ele tenderia a moldar sua moral sob os modos dos guerreiros nobres

⁴⁶ A expectativa de vida de um guerreiro ativo em batalhas era de aproximadamente quarenta anos. Após essa idade, eles não tinham mais condições de lutar em empreitadas tão arriscadas; assim, sem outra expectativa, passavam a lutar pela fé.

⁴⁷ Idem. Ibidem. p. 125-126.

(sobre as demandas racionais necessárias a seus interesses de classe) mais do que com a intenção de mudar esses modos⁴⁸.

Percebemos que as reformas da Igreja, que serão reiteradas com os movimentos da Paz de Deus e Trégua de Deus, já vinham sendo elaboradas desde pelo menos o século VII. De certa forma, essas ações evidenciam quão pouco eficazes eram essas intervenções religiosas, mas ainda assim necessárias. Todas estas atitudes de violência desencadeadas por famílias em disputas ou por conflitos de interesses entre vizinhos, uma verdadeira violência de classe, geravam o medo, principalmente entre os que não podiam portar armas; estes homens viam-se cada vez mais envolvidos num processo em que a sua viabilidade de sobrevivência seria colocar-se sob a tutela de outro homem.

No século IX ocorreu o que foi chamado de “mutação feudal”, como afirma Barthélemy

[...] os reis perdem todo o controle efetivo das províncias, seu palácio entra em decadência e acontece a ascensão dos condes, assim como de vassalos reais e, por vezes, de bispos, ao nível de senhores do país. O ano 888, ou seus arredores, é apreendido por todos os historiadores-cronistas do ano 1000 como o início das dinastias de condes guerreiros, dos castelos e das discórdias. As guerras de vizinhança se desenvolvem, como acabamos de ver, apresentadas como vinganças e represálias. Todos os senhores têm seu senhorio a título hereditário, e ninguém pode verdadeiramente desenraizar sua família, mesmo em caso de falta⁴⁹.

Mesmo sendo uma época de violências marcantes, ela não seria assim tão desenfreada, segundo defende Dominique Barthélemy; para ele, toda a suposta “selvageria” da primeira idade feudal, declarada por estudiosos como desmedida, seria fruto das leituras feitas das canções de gesta, que refletiam muito mais o presente do que

⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 130.

⁴⁹ Barthélemy. Op. Cit. p. 145.

um passado antigo. O ano 1000 veria um “renascimento carolíngio”, com crônicas e histórias sobre várias famílias nobres, narrativas de milagres, cartas, um aumento significativo, ou pelo menos a preservação, de documentação em relação à época anterior. “A documentação do ano 1000, devidamente solicitada, permite compreender bem as competências de dinâmica do mundo feudal que é menos uma anarquia do que uma ordem, ou pelo menos uma “anarquia ordenada”⁵⁰. Ainda conforme o historiador francês, o fato mais marcante dessa “virada feudal” foi a multiplicação das fortificações. “Em 900, elas são essencialmente muralhas de cidades, mas habitua-se a edificar fortalezas e paliçadas, a elevar burgados ao nível (estatuto) de castelo (com mercados como em Flandres)”⁵¹. Todas essas mudanças fazem os condes ganharem um aumento de seus poderes: acúmulo de vários condados, adição de outros títulos (marquês ou duque). O aumento do poder vinha acompanhado do aumento da exploração e da violência. Os senhores feudais eram vistos como “tirânicos” e recebiam fortes críticas dos monges. Esses últimos, não viviam essencialmente isolados do mundo, mantinham contato com ele por meio das esmolas que recebiam, viviam basicamente delas, e pelo atendimento das orações que realizavam; e embora criticando a ação violenta dos senhores feudais, não deixavam de legitimá-la quando sentiam seus interesses ameaçados. Assim, a justiça que esses homens de Deus reivindicavam não era plenamente ampla e irrestrita; ela seria válida se não mudasse as estruturas, então, estabelecidas.

Pressionados pelos monges, cluniacenses ou outros, que reivindicam o respeito a suas propriedades e privilégios, os príncipes inicialmente os reconhecem, mas depois os obrigam a reduzir essas propriedades e privilégios. Daí a insatisfação desses monges, as preces a Deus e aos

⁵⁰ Idem. Ibidem. p. 146.

⁵¹ Idem. Ibidem. p. 147.

santos para que amaldiçoem os espoliadores e os tiranos, para que os matem por meio da vingança milagrosa.⁵².

Nessas relações feudo-vassálicas a prerrogativa de colocar-se sob a proteção de outrem gerava obrigações para ambas as partes, e como o senhor poderia ter vários vassallos havia muitas disputas entre esses últimos para obterem maior benefício de seu senhor. As intrigas eram, portanto, constantes. Muitas vezes a vassalidade servia, também, para aplacar fúrias entre grandes do reino ou para partilhar o direito sobre um bem disputado. A homenagem constituía-se, então, como um meio para a reconciliação. Mas havia sempre um ou outro que se sentia prejudicado, alegando que uma das partes não cumpriu seu dever; desse modo, as guerras entre senhores e vassallos e entre vassallos de um mesmo senhor eram muito freqüentes. Como vimos, a quebra das obrigações gerava punições visando à reparação do mal cometido. Buscava-se um acordo para que o equilíbrio social voltasse a vigorar. No entanto, esta sociedade baseava-se também na vingança, que servia, sobretudo, como uma forma de canalizar a violência. Mesmo causando danos, a *faida* tinha sua utilidade, constituía-se como uma forma de controle social. As disputas entre vassallos muitas vezes escondia outros interesses, como a reversão de alianças: “Se um dos rivais crê estar sendo maltratado, ele lança o desafio de “fazer para si um outro senhor” (sim, tal expressão não é rara), fazendo o antigo senhor então acusá-lo de felonía (traição)... Seria isso a anarquia feudal?”⁵³. Essas guerras feudais entre vizinhos ocorriam em virtude do auxílio devido a um vassallo prejudicado ou a uma igreja atacada pelos abusos dos senhores. Nestas circunstâncias, entravam em cena os príncipes para assegurarem, talvez, se obtivessem uma vitória, a vassalagem de algum homem que se sentia prejudicado. A ação consistia em “fazer cerco a um castelo, pilhar os camponeses, realizar bloqueios por algumas

⁵² Idem. Ibidem. p. 148.

⁵³ Bathélemy. Op. Cit. p. 153.

semanas, tomando o castelo após um tratado ou conciliábulo, muito mais do que um assalto assassino, evitando geralmente a batalha frontal com aqueles que forçam o bloqueio”⁵⁴. Quando os monges eram atacados defendiam-se como podiam usando as armas espirituais: quando não podiam excomungar, proferiam maldições por meio de versículos tirados do Antigo Testamento. Com tanta violência verbal, o menor mal que acontecia a um cavaleiro era interpretado como resultante da fúria divina:

[...] uma queda de cavalo, um golpe de lança ruim depois, inesperadamente uma vingança do Céu. Como essa vingança não é imediata, nem mesmo é certa (embora Deus a reserve sem dúvida para o Além), é, sobretudo, uma ameaça que permite aos monges negociar em posição mais favorável. E notar-se-á também que isso os dispensa de armar seus camponeses. Eles lhes dizem que o santo os defende e, portanto, ordenam que permaneçam em seu estatuto de trabalhadores sem armas, vivendo sempre sob um defensor, Cavaleiro ou santo⁵⁵.

No ano 1000, muitos cavaleiros que conseguiam livrar-se do cativeiro, seja por fuga (na maioria das vezes) ou por negociação de sua libertação, agradeciam aos santos e, em especial a uma mártir, Santa Foy de Conques, que teria resistido firmemente aos seus perseguidores. Para Barthélemy, compilações como os *Milagres de Santa Foy* têm o mérito de “projetar aqui e lá um feixe de luz sobre toda zona de sombra da vida dos *hobereaux* (membros da pequena nobreza que vivem em suas terras) da Aquitânia. Vêm-se aí notadamente as preocupações muito concretas de pequenos e médios Cavaleiros”⁵⁶. Já desde o ano 1000, surgem algumas histórias de cavaleiros, na região da Aquitânia, que realizaram milagres (curas e vinganças após sua morte) sem deixarem as armas. “Logo, a “Cavalaria” – quer dizer, o estatuto de guerreiro nobre, a vida e os atos de senhor de castelo e de feudos – seria compatível com a santidade cristã”⁵⁷. A

⁵⁴ Idem. Ibidem. p. 153.

⁵⁵ Idem. Ibidem. p. 172-173.

⁵⁶ Idem. Ibidem. p. 189.

⁵⁷ Idem. Ibidem. p. 165.

bênção das armas nessa época não significava uma remissão dos pecados, ela poderia apenas garantir a salvaguarda muito mais do que uma vitória. “Os Cavaleiros do ano 1000, defensores de igrejas, procuram ser defendidos contra a morte por liturgias e paraliturgias”⁵⁸. Os cavaleiros estavam muito mais preocupados com suas posses do que com uma “honra” a ser preservada. A intenção não era ser o melhor guerreiro, ter reconhecimento como herói, adquirir glória Cavaleiresca.

[...] Eles se ocupam muito mais em ter o máximo de terras e de castelos. E a própria palavra *honra* nessa época, empregada positivamente, designa apenas terras (feudo ou senhorio), ou, se preferirmos, baronias. A moral da honra só se aperfeiçoa negativamente: as crônicas atestam bem, entre os condes, os senhores e os Cavaleiros do ano 1000, o pavor da desonra, com os riscos correspondentes, a começar pelo deserdamento⁵⁹.

As premissas da Cavalaria clássica começam a dar sinais a partir do ano 1000 quando são observáveis nas narrativas de vários cronistas, cada um a sua maneira, evidenciando a necessidade que se tem de justificar as guerras, do auxílio dos santos nos combates, a exaltação da coragem. É assim que, a partir do século XI, os príncipes procuram cada vez mais afirmar seu poder, coragem e perfil guerreiros; pelas armas eles poderiam ganhar maior prestígio e ganhos políticos. Desenvolvem-se em suas cortes e hostes guerreiras as práticas cavaleirescas clássicas: “o adubamento, a proeza, os belos gestos e os jogos. Tudo o que é necessário para atenuar a dureza de suas guerras sem colocar em questão o ideal guerreiro reforçando sua ascendência moral e política, e mesmo jurídica, sobre o resto da nobreza”⁶⁰. O adubamento cavaleiresco caracteriza a entrada na vida adulta, “é um rito de integração à nobreza feudal, do qual se pode querer sublinhar, mais ou menos, a hierarquia ou a igualdade, da mesma forma que acontece

⁵⁸ Idem. Ibidem. p. 173.

⁵⁹ Barthélemy. Op. Cit. p. 152-153.

⁶⁰ Idem. Ibidem. p. 205.

com os demais ritos da vassalagem”⁶¹. Esse ritual também proporciona um sentido de comunidade, de pertença a um grupo.

Ele marca a maioria de herdeiros nobres, manifesta sua iniciação sem lhes infligir prova, ele os agrega, se não a uma “Cidade”, ao menos à sociedade dos Cavaleiros, ou seja, dos feudos adultos, suscetíveis de reivindicar e de defender seu direito. É dessa forma que eles inicialmente realizam suas provas, antes de buscarem se ilustrar nas guerras de príncipes e nos jogos⁶².

Com a entrada em uma nova vida e a partir de então fazendo parte, de fato, da sociedade, o jovem guerreiro ornado cavaleiro se integrava ao mundo dos grandes. Recebia a cavalaria de um senhor importante, um conde, um duque e, por isso mesmo, já estava demarcado aí uma forma de acentuar a dívida do adubado para com seu senhor. Isso era um meio de estabelecer posições, declarar poderes e submissões. O adubamento é também um dom, recebido de um príncipe numa cerimônia que apresenta o novo membro da sociedade de guerreiros feudais. É um símbolo de nobreza que honra o recebedor. “Muito rapidamente, ele se torna efetivamente essa marca essencial que convém ao *Cavaleiro* admitido como tal por toda parte desde que seu comportamento e seu futuro não o desmintam”⁶³. Estabelece-se, assim, um tipo de comunidade de honra entre todos os cavaleiros, mesmo havendo uma gradação na “Cavalaria” de uns e de outros, desde o rei ao Cavaleiro de “média nobreza.

E uma forma de demonstrar essa diferenciação e a nova condição é através da participação nas guerras, principalmente naquelas promovidas pelos príncipes, em que se encontram cavaleiros dos mais diferentes lugares e das mais diversas famílias, propiciando uma sociabilidade entre os “melhores homens” então existentes. “Iguais” que se encontravam, iguais pelo fato de serem bons combatentes e de fazerem parte de

⁶¹ Idem. Ibidem. p. 212.

⁶² Idem. Ibidem. p. 208.

⁶³ Idem. Ibidem. p. 218.

um mesmo grupo. Aliado a isso, terá lugar o melhoramento nas técnicas de combate, que permitirão um maior controle sobre o cavalo e a forma de lutar. Ocorrerá também a individualização do combatente: agora ele não é apenas um grupo que luta, mas um cavaleiro que busca proezas e quer se tornar ilustre; isso será possível com o auxílio do desenvolvimento da heráldica, dos emblemas, que identificarão um cavaleiro e, conseqüentemente, toda a honra que ele representa. Todos esses elementos comporão o conjunto que permitirá o pleno surgimento e reconhecimento de uma cavalaria clássica já no século XII. A Cavalaria, a partir de então, significará um estatuto, uma diferenciação social. Homens que armados de metais e de espada em punho marcarão uma época e ficarão para a história como nobres guerreiros, embora em grande parte de suas práticas atentassem contra a honra tão proclamada por eles mesmos. Na verdade, a história desses homens dá-se de forma tardia e de acordo com as preocupações de cada época em que são escritas. Mas cumpre ressaltar a importância de seu surgimento e das mudanças de suas características para a idéia que o Ocidente tem de guerra e de estratégias de combate. Uma cavalaria que avança séculos e pode, ainda, ter seus traços percebidos em combates atuais.

1.4 Teoria e Procedimento Metodológico

As relações entre História e Literatura são tão imbricadas que parecem naturais. Eis uma das principais dificuldades em se trabalhar com fontes literárias nas análises históricas. Esta naturalização nos impede muitas vezes de vislumbrar a sociedade além do texto, e suas possibilidades histórico-sociais nos enredam em sua própria trama narrativa. A própria definição de Literatura ainda mantém muitas controvérsias. Alguns negam a dificuldade de defini-la afirmando que literatura “[...] é

tudo aquilo que com esta palavra é indicado pelos falantes”⁶⁴; enquanto que para outros, ainda negando a dificuldade, afirmam que “[...] encontram precisamente na impossibilidade de definição a única definição possível”⁶⁵; e há ainda os que constataam que “[...] da literatura se fala e se escreve empregando os mesmos instrumentos do que se pretende estudar, ou seja, a linguagem, anunciam que da literatura não se pode falar a não ser produzindo-a”⁶⁶. Ciro Cardoso sugere para o historiador uma forma mais útil, segundo ele, de abordar a questão:

Por fim, existe uma forma mais útil para o historiador de abordar a questão. Seriam discursos etnoliterários aqueles provenientes de povos que não reconheçam a arte ou a literatura como setores específicos de discursos e atividades. Seriam discursos socioliterários aqueles surgidos em sociedades que reconheçam tais áreas como existentes: sociedades em que as noções de autor, público e literatura existam e sejam reconhecidas explicitamente. Assim não há como definir a literatura em si: o que pode existir é a conotação social de certos discursos como literários. A literatura é e só pode ser uma noção historicamente definida.⁶⁷.

Nem sempre as palavras são ou foram como nós as pensamos. As palavras não são por si só, elas também são fruto de uma época, possuem sua historicidade, portanto, uma acepção no tempo. A palavra literatura, em sua origem, não designava tal qual a entendemos hoje, um conjunto de obras especializadas pertencente ao campo das letras.

Em latim, *litteratura* (Quintiliano) vem de *littera* (em grego *gramma*) ‘letra do alfabeto’ (de onde *grammatike*): é, pois, uma conexão com os caracteres escritos ou impressos. No nosso século XIV, *literato* indicava o alfabeto e o homem (laico) de saber e de ciência, mas também ‘escrito com letras’ (falava-se de “mármore literato”). Com o Renascimento, o termo assume um significado próximo do de “pessoa

⁶⁴ F. Fortini. “Literatura”. In: *Enciclopédia Einaudi, Volume 17- (Literatura-Texto)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. p. 176.

⁶⁵ Idem. Ibidem. p. 176.

⁶⁶ Idem. Ibidem. p. 176.

⁶⁷ Ciro F. Cardoso. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas, SP: Papyrus, 1997. p. 24.

culta”. Entre os séculos XVII e XIX, ‘literatura’ indica uma especialização, uma atividade e uma prática. A especialização consistia não tanto no produzir algo de escrito e impresso (ou seja, o que hoje se chama “produção literária”) como num nível específico de preparação cultural, ao qual correspondia uma classificação social ou de classe⁶⁸.

Literatura, como podemos perceber com Raymond Williams, foi usada inicialmente no sentido de “situação de leitura: ser capaz de ler e de ter lido”⁶⁹. Com o passar do tempo ela vai ganhando cada vez mais conotações ligadas ao “bom gosto”, adquirindo, portanto, um caráter de distinção social.

[...] Isto é, *literature* era uma categoria de uso e uma condição mais do que de produção. Era uma especialização particular daquilo que até então havia sido considerado como uma atividade ou prática, e uma especialização, nas circunstâncias, feita inevitavelmente em termos de classe social. Em seu primeiro sentido ampliado, além do sentido puro e simples de *literacy*, foi uma definição do conhecimento “culto” ou “humano”, e com isso especificou uma distinção social particular.⁷⁰

Na Idade Média a distinção social em um de seus aspectos dá-se pela capacidade de ler ou não, assim, há uma divisão clara separando toda aquela sociedade em letrados e iletrados. Fazia parte do primeiro grupo o clero e do segundo todos os outros grupos sociais. Mas, a época medieval foi principalmente marcada pelos relatos orais. Com tão poucos detendo o poder da leitura, a sociedade tinha acesso ao que era escrito através da oralidade. Portanto, “a obra medieval, até o século XIV, só existe plenamente sustentada pela voz”⁷¹. De acordo com Paul Zumthor, “a palavra proferida pela Voz cria o que ela diz. No entanto, toda palavra não é só Palavra”⁷². Ainda segundo Zumthor, as palavras são de dois tipos: palavra ordinária (superficialmente

⁶⁸ Idem. Ibidem. p. 177.

⁶⁹ Raymond Williams. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 51-52.

⁷⁰ Idem. Ibidem. p. 52.

⁷¹ Michel Zink. “Literatura”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006. p. 80.

⁷² Paul Zumthor. *A Letra e A Voz*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993. p. 75.

demonstradora, inconsistente, versátil) e palavra-força (arquivo sonoro de massas, que em sua maioria ignoram a escrita). Essa última possui portadores (velhos, pregadores, santos, poetas) e lugares (corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a encruzilhada da igreja) privilegiados. A oralidade sempre foi uma característica marcante dos povos antigos, especialmente para os gregos, cuja escrita servia principalmente para a produção do som, visto que se acredita que a escrita na Grécia visava a uma leitura oralizada. Quando irrompe a escrita na cultura grega, por volta do século VIII a. C, ela chega num mundo de tradição oral.

[...] na Grécia dos primeiros tempos, a palavra falada reina de modo incontestável, muito particularmente sob a forma de *kléos*, “fama”, transmitida aos heróis da epopéia pelos aedos de tipo homérico. Para os gregos da época arcaica, este *kléos* é um valor primordial, uma verdadeira obsessão. Se o herói homérico aceita morrer combatendo, é porque espera ganhar a “fama imperecível”, e é significativo que a palavra que se traduz por “fama” ou “glória”, isto é, *kléos*, tenha o sentido fundamental de “som” (assim como indicam os parentes etimológicos da palavra nas línguas germânicas, por exemplo, o alemão *Laut*). A glória de um Aquiles é, portanto, uma glória para o ouvido, uma glória sonora, acústica. No plural, *Kléos* é de fato o termo técnico que Homero utiliza para designar sua própria poesia épica. Em sua sonoridade, a palavra é eficaz, é ela que faz existir o herói⁷³.

No entanto, mesmo com a importância da oralidade no período medieval a Igreja proclamava-se a única detentora de um saber escrito, de uma autoridade divina pautada nas letras da Escritura. Assim, os outros saberes, baseados numa tradição oral, eram vistos como heréticos, ainda impregnados da religião pagã e de seu misticismo, considerado pelo poder clerical como causador das desgraças do homem, que se esquecia da fé em Deus e apegava-se aos deuses. Na contramão da instituição religiosa,

⁷³ Guglielmo Cavallo e Roger Chartier. *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 41.

[...] os ensinamentos e os rituais da “religião popular” se transmitiriam da boca ao ouvido. A voz se identificava ao Espírito vivo, seqüestrado pela escrita. A verdade se ligava ao poder vocal dos que sabiam, perpetuava-se só por seus discursos; retalhos do Evangelho aprendidos de cor, lembranças de histórias santas, elementos dissociados do Credo e do Decálogo, afogados num conjunto móbil de lendas, de fábulas, de relatos hagiográficos⁷⁴.

Um desses lugares privilegiados da voz, não só ouvida, mas posteriormente escrita, eram as cortes principescas. Nelas, os jograis, os *trouvelles*, os menestréis faziam suas apresentações, contando suas estórias, cantando-as e encenando-as no meio palaciano. Muitos desses artistas eram os próprios fabricantes dessas obras, outros apenas interpretavam-nas e muitos compilavam tradições orais e perpetuavam-nas em suas andanças. É nesse aspecto que percebemos as questões relacionadas a autoria, não só nesse tipo de produção, como também nos romances e novelas.

[...]. No caleidoscópio do discurso que faz o intérprete da poesia na praça do mercado, na corte senhorial, no adro da Igreja, o que se revela àqueles que o *escutam* é a unidade do mundo. Os ouvintes precisam de tal percepção para... sobreviver. Apenas ela, pela dádiva de uma palavra estranha, faz sentido, isto é, torna interpretável o que se vive. Mas o homem vive também a linguagem da qual ele provém, e é só no dizer poético que a linguagem se torna verdadeiramente signo das coisas e, ao mesmo tempo, significante dela mesma⁷⁵.

O autor nomeado ou a sua ausência traz à obra motes de direcionamento variados. Primeiramente tem-se que atentar especialmente ao fato de que o autor é fruto de sua época e de sua sociedade. Sua obra não se explica simplesmente pela sua história de vida, isso seria cair a um reducionismo biográfico e fazer de sua história de vida uma determinação de sua obra. Também sendo fruto de uma época, não podemos superestimar sua criação como genialidade, sacralizando criador e criatura, tornando-os

⁷⁴ Zumthor. Op. Cit. p. 79.

⁷⁵ Zumthor. Op. Cit. p. 74.

inquestionáveis e, portanto, acima do bem e do mal. “(...) é necessário para aqueles que pesquisam literatura e literatos historicizar radicalmente seu objeto”⁷⁶. Para Lucien Goldmann é “o grupo social que – por intermédio do criador – se conclui *ser, em última instância, o verdadeiro sujeito da criação*”⁷⁷. Não podemos, no entanto, abdicar dessas informações, pois elas são elementos de análise.

Quando a autoria é anônima, fato freqüente no período medieval, não se corre o risco de limitar-se à biografia para explicar a produção e seu sentido. Mas possui alguns perigos, “em particular o de confiar muito, seja na classificação das obras por gêneros e na sua análise interna, seja na responsabilidade geral de eventuais determinismos sociais e econômicos, sem dar atenção suficiente aos agrupamentos em função dos meios e da vida literários”⁷⁸. Um caminho seria, portanto, utilizar de todos os elementos que permitam entender esse produto humano sem que qualquer um deles signifique um caráter determinista para sua compreensão. Eis as dificuldades de se trabalhar com fontes literárias, como já dissemos acima. Mas isso não pressupõe uma impossibilidade, é apenas um olhar mais atento.

O que podemos assim chamar de literatura medieval, constituía-se de textos (falados e escritos) primeiramente em verso e depois em prosa. O romance mesmo sendo em prosa, também era lido: “O romance é o primeiro gênero (se, no início, esta forma nebulosa merece este nome) destinado à leitura, mas é uma leitura em voz alta”⁷⁹. Isso é muito bem percebido na *Demanda* quando em determinadas passagens o narrador inicia por “Ora, deixa o conto falar...”, entre tantas outras, que indicam um leitor que fala pelo texto e o faz ser ouvido pelos presentes.

⁷⁶ Adriana Facina. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 09.

⁷⁷ Lucien Goldmann. *A Sociologia do Romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

⁷⁸ Zink. Op. Cit. p. 84.

⁷⁹ Zink. Op. Cit. p. 81.

Para analisarmos essas fontes literárias, consideramos pertinente a utilização da metodologia da análise de textos a partir das referências de Ciro Cardoso, Tzvetan Todorov e Lucien Goldmann⁸⁰.

O texto escrito, sua apropriação e difusão, transmite seu conteúdo por meio de um relato, de uma narrativa, as duas noções são sinônimas:

Relato deriva do verbo latino *referre* (levar consigo, referir, transcrever), do qual *relatu* é o particípio passado. Significa o ato ou efeito de relatar (no caso, narrar, expor, descrever). Quanto a *narrativa*, é a substantivação do feminino do adjetivo *narrativo*; pode ser substituída por *narração*. *Narrativo*, termo que, portanto, origina *narrativa*, vem do latim *narratu*, particípio passado de *narrare* (narrar). No que nos interessa, narrativa é, pois, sinônimo de relato⁸¹.

Relato e narrativa também significam uma forma de comportamento humano a serviço da comunicação. Disso podemos inferir que os textos produzidos e sua leitura em voz alta são, e não só, expressão de uma dada sociedade numa época determinada, mas também divulgam seus valores, suas intenções, algum propósito, uma mensagem destinada a um fim. “Um relato, na aproximação mais geral de que posteriormente se podem derivar as estruturas narrativas, caracteriza-se pela passagem de um estado ou de uma situação a outro, por meio de uma transformação”⁸², que pode ser exemplificada segundo o esquema abaixo:

ESTADO 1 —————> TRANSFORMAÇÃO —————> ESTADO 2

Assim, numa narrativa para que haja alguma mudança no percurso do que é contado ocorrem diferenças entre uma situação anterior, inicial e uma situação posterior, final. Na passagem desses estados aparecem oposições que podem ser: 1) oposição categorial, quando não admite meio-termo (por exemplo verdadeiro/falso,

⁸⁰Ciro F. Cardoso propõe uma metodologia conjugada com a *Poética* de Todorov e o “Método Estruturalista Genético” de Lucien Goldmann em *A Sociologia do Romance*. Também utilizaremos de Todorov *As Estruturas Narrativas e Literatura e Significação*.

⁸¹ Ciro F. Cardoso. Op. Cit. p. 10

⁸² Idem. Ibidem. p. 14.

legal/ilegal); 2) oposição gradual, quando apresenta pontos intermediários entre os extremos: a oposição quente/frio pode variar em fervente/quente/morno/frio/gelado; 3) oposição privativa “é a que confronta duas unidades, das quais uma se caracteriza por apresentar uma propriedade de que a outra carece (por exemplo vida/morte, dinâmico/estático, animado/inanimado)”⁸³.

Quando por meio de oposições, diferenciamos num relato os estados 1 e 2, é preciso prestar atenção a que a percepção da diferença implica, ao mesmo tempo, algum nível ou grau de semelhança (**de um modo análogo, descontinuidade e continuidade só podem ser percebidos no relato uma em relação à outra**). O jogo entre identidade e alteridade é o que concede coerência ao texto ou discurso. **Os estados 1 e 2 devem estar aparentados entre si de algum modo, sem o que um relato seria absurdo**. Assim, por exemplo, se o estado 1 tiver a ver com doença, o estado 2 poderá ligar-se a cura – mas não a riqueza. O contrário supõe o seu contrário: o próprio fato de dois termos ou situações serem cada um o contrário do outro cria um vínculo entre eles⁸⁴.

Ao longo dos capítulos, quando fizermos a análise de algumas situações narrativas das fontes poderemos perceber essa relação de oposição acima explicada entre os dois estados narrativos.

O método estruturalista genético de Goldmann parte da hipótese de que “*todo o comportamento humano é uma tentativa para dar uma resposta significativa a uma situação particular e tende, por isso mesmo, a criar um equilíbrio entre o sujeito da ação e o objeto sobre o qual ela se exerce, o mundo ambiente*”⁸⁵. No entanto, segundo Goldmann, todo equilíbrio é provisório, visto que as relações entre o homem e o mundo sempre tendem a se modificarem; assim há uma transformação em que o antigo

⁸³ Idem. Ibidem. p. 14-15.

⁸⁴ Idem. Ibidem. p. 14. Os grifos em negrito são nossos.

⁸⁵ Goldmann. Op. Cit. p. 204.

equilíbrio já não serve mais e é gerado, então, um novo equilíbrio, que por sua vez, acarretará em outro.

Como Lukács, de cujas idéias partiu, Goldmann adota um conceito de valor estético e literário da obra definido como uma tensão superada entre a multiplicidade e a riqueza sensível por um lado, e a unidade organizadora de tal multiplicidade em conjunto coerente, por outro. Toda obra literária tem uma função crítica, já que, ao gerar um universo rico e múltiplo de personagens e situações, é levada a representar também as posições que sua visão de mundo recusa (único modo de conseguir que as personagens antagonistas sejam verossímeis: o autor, para tal, precisa expressar o que for possível a favor da atitude e do comportamento delas)⁸⁶.

A poética de Todorov não é uma descrição das obras literárias, é uma ciência que discute e transforma as premissas teóricas pelas quais se faz uma representação racionalizada do objeto de estudo. “A poética não terá pois como tarefa a descrição ou interpretação correta das obras literárias do passado, mas o estudo das condições que tornam possível a existência dessas obras. Por outras palavras, o objeto da poética não são as obras mas o discurso literário”⁸⁷. “A poética quer estabelecer leis gerais com base em dois princípios metodológicos: a *abstração* (desejo de generalizar) e a *imanência* (as leis são procuradas no interior da própria literatura)”⁸⁸. Para a compreensão do texto parte-se para a análise literária que

baseia-se na distinção de três aspectos, presentes em cada obra: *verbal* (“frases concretas pelas quais o relato nos chega”), *sintático* (“combinação das unidades entre si e das relações mútuas que mantêm) e *semântico* (“o que o relato representa e evoca, os conteúdos mais ou menos concretos que contém) (Todorov, 1973, p.35-36). Esses aspectos, em linhas gerais, evocam os que a antiga

⁸⁶ Ciro Cardoso. *Narrativa, Sentido, História...* p. 29.

⁸⁷ Tzvetan Todorov. *Literatura e Significação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1973.

⁸⁸ Ciro Cardoso. Op. Cit. p. 37.

retórica conhecia como estilo (*elocutio*), composição (*dispositivo*) e temática (*inventio*)⁸⁹.

Enumeraremos as diferentes etapas em que cada aspecto da obra é analisado literariamente. Assim, temos:

1) Registros da Fala

- Frases que apresentam oposição entre *concreto* e *abstrato*;
- Presença ou ausência de figuras retóricas: *repetição* (relação de identidade), *antítese* (relação de oposição) e *gradação* (quantidade);
- Presença ou ausência de referências a discursos anteriores: *monovalente* e *polivalente*;
- Oposição entre subjetividade e objetividade da linguagem: discurso emotivo e modalizante/ discurso objetivo.

2) Modo do Discurso

- Estilo direto;
- Estilo indireto;
- Discurso narrado ou contado.

3) Temporalidade

- Anacronias: *retrospecções* e *prospecções*;
- Duração: *pausa*, *elipse*, e *cena*.
- Frequência (discurso): *singulativo*, *repetitivo*, *iterativo*;

4) Conhecimento *Objetivo* ou *Subjetivo* dos Fatos

- Extensão: *visão interna* e *visão externa*;
- Profundidade (presença ou não de motivações psicológicas).

5) Presença ou Ausência de Informações

⁸⁹ Idem. Ibidem. p. 37.

6) Presença ou Ausência de uma Avaliação Moral

- Explícita;
- Implícita;

7) Proposição Narrativa (sequência de pelo menos cinco partes):

- a) Situação Inicial;
- b) Perturbação da Situação Inicial;
- c) Desequilíbrio ou Crise;
- d) Intervenção na Crise;
- e) Novo Equilíbrio (semelhante ou não à situação inicial).

Conjugado a essas etapas da análise temos a utilização do Quadrado Semiótico. Ele se faz a partir de termos geradores (S_1 e S_2), que estão em relação de contrariedade e são chamados de contrários. Cada termo gerador possui o seu oposto ($-S_1$ e $-S_2$) chamado de subcontrário; ficam localizados na diagonal oposta aos seus geradores. “ S_1 e S_2 são contrários porque, no interior do texto examinado, a negação de um implica a afirmação do outro (ou, no mínimo, pode implicá-la) e vice-versa. [...] Em outras palavras: existe uma relação de complementaridade entre $-S_2$ e S_1 ou entre $-S_1$ e S_2 ”⁹⁰. É importante ressaltar que “O quadrado semiótico admite dois percursos e somente dois: de S_1 a S_2 passando por $-S_1$; e de S_2 a S_1 passando por $-S_2$ ”⁹¹.

O método ficará mais compreensível com a sua instrumentalização nos capítulos seguintes. Entendemos que ele foi de suma importância para a elaboração da análise que propomos, como poderá ser percebido adiante.

⁹⁰ Ciro Cardoso. Op. Cit. p. 111.

⁹¹ Idem. Ibidem. p. 111.

Capítulo 2. DENUNCIANDO OS PECADOS: O *MILES DIABOLICUS*

O mundo medieval em sua plenitude de diversidades, de simbologias, de pertencimentos e contrastes não pode deixar de ser pensado como um mundo dual, no qual as forças do bem e os horrores maléficos protagonizavam uma luta constante; isso porque tende-se a considerar sociedades extremamente religiosas como fixas, imutáveis. Um espaço e um tempo caracterizados por uma forte religiosidade não podem ser problematizados por nós como um ambiente rigidamente enquadrado numa religião seguida incontestavelmente. Os homens, pertencentes ao tempo em que vivem, nesse caso a sociedade cristã medieval do século XIII, não podem ser dicotomizados: ou era-se bom cristão e imune ao pecado, ou sendo um pecador perdia-se a condição de cristão. O que observamos, na verdade, são homens que, embora cristãos e tementes a Deus, não deixavam de atender às suas necessidades físicas e materiais.

Diante disso, percebemos, em nossa fonte principal, *A Demanda do Santo Graal e a História dos Cavaleiros da Mesa Redonda*, mais conhecida somente como *Demanda do Santo Graal*⁹² duas visões de mundo contrapostas – inclusive já observadas no título⁹³: um mundo perfeito, cristão, de busca da salvação, conseqüentemente da felicidade, um mundo ideal; por outro lado, um mundo real, imperfeito, humano, da busca dos prazeres e de uma felicidade imediata, terrena, da possibilidade de se viver na terra o paraíso celestial. É sempre o contraponto do homem que busca na superfície da vida material a chance de vivenciar o divino. É nesse sentido que pudemos observar que os cavaleiros presentes na obra, personagens que trazem em si um traço de real da época, visto que a literatura carrega em si um aspecto do vivido, não podem ser enquadrados com fixidez absoluta. Por isso, ressaltamos aqui as

⁹² Nas próximas referências à fonte utilizaremos a sigla DSG.

⁹³ A esse respeito, Ludmila Aragão, em *A Produção dos Sentidos como Reprodução n'A Demanda do Santo Graal*. Coimbra: Pé de Página Editores, 2002, aponta para a dualidade da fonte perceptível a partir de seu título, que indicaria duas narrativas: uma voltada para o mundo espiritual, que seria a busca do Graal; e outra voltada para o mundo material, que discorre sobre os cavaleiros e suas aventuras terrenas.

construções, na fonte em questão, de modelos paradigmáticos que carregam em si características que, para um leitor desatento, poderiam ser consideradas contraditórias, incompatíveis.

Tomemos, por exemplo, os calorosos debates e a antiga polêmica que divide os literatos sobre a razão pela qual Galvão, “a flor da cavalaria” em romances anteriores dos diversos ciclos⁹⁴ (Ciclo do Robert de Boron, Ciclo da Vulgata e Ciclo da Pós-Vulgata) que compõe a assim chamada “Matéria da Bretanha” que reúne todos os escritos sobre rei Artur e seus cavaleiros, tornou-se de herói cultuado em um “vilão”, um anti-herói? Entendemos aqui que ele representa um tipo de cavaleiro real, de homem real, numa época marcada por profundas transformações sociais. Talvez a resposta certa para a pergunta certa, seja: ele é fruto de seu tempo, simples assim! O homem sempre expressa algo de sua vivência, de sua realidade, mesmo, e, sobretudo, no plano fictício, pois sem um “fundo real”, esse fictício não seria entendido, percebido, reconhecido. Esse é um traço característico da Literatura enquanto escrita da sociedade à qual está circunscrita. Portanto, Galvão e outros cavaleiros da *Demanda* não deviam ser considerados a partir de modelos rígidos e estanques, dicotômicos, que nela constituem uma exceção e não uma regra. Cada um deles porta um traço, um fio, uma marca que poderia colocar em xeque seu comportamento, como veremos no decorrer da dissertação, no que diz respeito aos interesses da Igreja de imputar aos cavaleiros uma conduta de respeito vigoroso aos ideais cristãos e de bom funcionamento social, com a diminuição da violência e o auxílio aos desprotegidos. Esses modelos, e por isso são modelos, ou seja, possuem intermediações, cruzamentos; mas transmitem, anunciam um comportamento, com características que tendem a determinado juízo de valor – bom ou mau – e que passa a defini-los. Analisaremos nesse primeiro capítulo, o exemplo de

⁹⁴ Ver as páginas 3, 4 e 5 deste capítulo.

Galvão e o modelo que ele representa enquanto cavaleiro. Inicialmente faremos a apresentação da fonte, suas origens, influências de textos diversos, características e qual o tema que aborda.

2.1 A DEMANDA DO SANTO GRAAL E A HISTÓRIA DOS CAVALEIROS DA MESA REDONDA

2.1.1 Origens

A *Demanda do Santo Graal* faz parte do que os estudiosos chamam de “Matéria da Bretanha”; é assim chamada por compreender toda a ficção literária em torno da figura lendária e mítica do Rei Artur e de seus cavaleiros da Távola Redonda.

No entanto, não há nenhuma unanimidade a respeito da composição dessas narrativas; muito pelo contrário, elas provocam grande polêmica e inúmeras discussões entre os estudiosos

[...] não só por causa da enorme quantidade de textos, muitos deles ainda inéditos, como também pelas numerosas versões de uma mesma obra, cada uma delas desfigurando o exemplar anterior, ao gosto do copista, que naqueles tempos se dava o direito de interferir na narrativa, restringindo-a ou ampliando-a em nomes de motivos nem sempre claros.⁹⁵

Alguns especialistas, como Gastão Paris, defendem que essa literatura surgiu no País de Gales, visto que era um reduto no século XII da tradição céltica. Já Wendelin Foerster defende uma origem francesa da literatura cavaleiresca, uma vez que as noções de amor e as idéias de cavalaria são francesas.⁹⁶

⁹⁵ Lênia Márcia de M. Mongelli. *Por Quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur*. Cotia, SP: Íbis, 1995, p. 55.

⁹⁶ M. Rodrigues Lapa. *Lições de Literatura Portuguesa*. Coimbra, Coimbra Ed., 1973, p. 220.

Outros, como o celticista Fernando Lot, procurou conciliar essas duas teses afirmando que a Bretanha francesa, Gales e Cornualha mantinham relações entre si, o que provocou o desenvolvimento dessas lendas célticas.⁹⁷

O fato é que essa matéria chegou à Península Ibérica e isso nos interessa muito intimamente, uma vez que o manuscrito com o qual trabalhamos é uma versão portuguesa da DSG que foi traduzida de um original francês no último quartel do século XIII. Essa fonte é a única cópia hoje existente, uma vez que a versão francesa só existe em fragmentos incompletos, e conserva-se no códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena, composta em 199 fólios escritos em letra gótica em duas colunas.

A primeira edição integral deve-se a Augusto Magne, um francês naturalizado brasileiro, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que trabalhou durante duas décadas para trazer ao público uma versão fac-similar da DSG portuguesa. Utilizamos, em nosso estudo, as edições de 1955 e 1970⁹⁸, que correspondem respectivamente aos volumes I e II,⁹⁹ e ainda a edição organizada por Heitor Megale¹⁰⁰. A edição de Magne apresenta o texto em gótico e sua transcrição em português arcaico.

A *Demanda do Santo Graal* constitui a terceira parte de um tríptico, a segunda prosificação da Matéria da Bretanha, que é chamado de *Post-Vulgata* ou ciclo do *Pseudo-Robert de Boron*. As duas primeiras partes são *O Livro de José de Arimatéia* e *Merlim*. A primeira prosificação dos romances em verso é chamada de *Vulgata* ou ciclo do *Pseudo-Map* e é composta, além dos três livros com o mesmo título acima citados, pelo *O Livro de Lancelot do Lago* e *A Morte de Artur*.

⁹⁷ Idem. *Ibidem*. p. 221.

⁹⁸ A primeira edição data de 1944, mas foi muito criticada por causa da interferência religiosa feita no texto: Augusto Magne achou conveniente suprimir alguns episódios que considerava destoantes da moral cristã, como, por exemplo, o episódio da filha de rei Brutus insinuando-se a Galaaz.

⁹⁹ *A Demanda do Santo Graal*. (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).

¹⁰⁰ *A Demanda do Santo Graal*. (org. Heitor Megale). Rio de Janeiro: Cia. de Bolso, 2008.

O ciclo da *Vulgata* constitui a primeira prosificação dos romances em verso de Robert de Boron. Seu primeiro título, *A Estória do Santo Graal*, relata as origens do santo vaso e a sua chegada ao Ocidente; *A Estória de Merlim* é o livro sobre esse mago que profetiza a chegada do cavaleiro eleito e as aventuras do Graal; *O Livro de Lancelot do Lago* narra as aventuras desse cavaleiro; *A Questão do Santo Graal* é um romance profundamente religioso com o cavaleiro eleito que chega ao Graal; e *A Morte do Rei Artur* é um relato sobre o fim do seu reino e de sua vida.

No ciclo da *Pós-Vulgata*, que constitui a segunda prosificação, há uma distribuição diferente da matéria e também uma simplificação. É composto por uma trilogia da qual faz parte a fonte que analisamos aqui. Nesse ciclo foi eliminado *O Livro de Lancelot do Lago* e houve uma redução de *A Morte de Artur*, que foi acoplado à *Demanda*. A trilogia inicia-se com o *Livro de José de Arimatéia*, que é praticamente o mesmo texto da *Estória do Santo Graal*; a segunda estória é a de *Merlim*, que relata o casamento de Artur com Genevra e anuncia a vinda de Galaaz; o último título da Pós-vulgata é o que nos interessa: *A Demanda do Santo Graal*. Observemos o quadro abaixo, que sintetiza as referências relativas às origens da *Demanda*:

Quadro 1. A “Matéria da Bretanha”: Origens da *Demanda do Santo Graal*.¹⁰¹

ROMANCE EM VERSO	1º PROSIFICAÇÃO	2º PROSIFICAÇÃO
------------------	-----------------	-----------------

¹⁰¹ Esse quadro foi publicado em Neila M. de Souza. “A Demanda do Santo Graal e o Melhor dos Melhores Cavaleiros do Mundo”. In: Adriana Zierer (org.); Neila M. de Souza e Flávia S. Gomes (colabs.). *Uma Viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares*. São Luis: Editora UEMA, 2010. pp. 247-261, p. 248.

ROBERT DE BORON (séc. XII)	GRANDE CICLO DA VULGATA OU DO LANCELOT-GRAAL OU CICLO DO PSEUDO-MAP.(1215-1230).	POS-VULGATA (1230-1240) OU CICLO DO PSEUDO-ROBERT DE BORON.
<i>L'EST DOU GRAAL</i>	<i>L'ESTOIRE DU SAINT GRAAL</i>	<i>O LIVRO DE JOSÉ DE ARIMATÉIA</i>
<i>LE LIVRE DE MERLIN</i>	<i>L'ESTOIRE DE MERLIN</i>	<i>MERLIM COM SUAS CONTINUAÇÕES</i>
<i>DIDOT-PERCEVAL</i>	<i>LE LIVRE DE LANCELOT DU LAC</i>	-----
	<i>LA QUEST DEL SAINT GRAAL</i>	<i>A DEMANDA DO SANTO GRAAL</i>
	<i>LA MORT D'ARTUR</i>	-----

O fato é que esse tipo de literatura chegou a Portugal, pois “realizaram-se no último quartel do século XIII, talvez já na corte de D. Afonso III, traduções de romances franceses em prosa do ciclo da Demanda do Graal e talvez de outros”¹⁰².

As estórias do ciclo arturiano não se restringiram, em sua difusão, somente a Portugal, elas chegaram também a toda a Península Ibérica. “Essa literatura foi conhecida na Península especialmente depois do casamento de Afonso VII de Castela, em 1170, com Leonor Plantageneta, filha de Henrique II da Inglaterra.”¹⁰³

Também fazem parte da Matéria da Bretanha os escritos de Chrétien de Troyes, como *Lancelot, o Cavaleiro da Charrete*. Mas Chrétien possui uma obra que

¹⁰² A. H. Saraiva e Oscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 1978, p. 88-89.

¹⁰³ Rodrigues Lapa. Op. Cit., p. 222.

está intimamente ligada a DSG, *Perceval, ou o Conto do Graal*. É nesse romance que será desenvolvido o tema do Graal, que, na obra do romancista, assume a forma de um vaso sagrado com a função de alimentação e manutenção da vida. O herói que dá título ao romance, após várias aventuras, até mesmo amorosas, chega ao castelo do Rei Pescador, que era guardião do Graal e sofria de uma grande enfermidade. Estando no castelo real, Perceval vê passar diante de si um cortejo iniciado por uma lança branca da qual escorria sangue, seguida do graal trazido por uma donzela.

Mesmo ardendo de curiosidade, o cavaleiro não pergunta absolutamente nada sobre o significado daquele acontecimento, pois lhe fora recomendado por um velho guerreiro que se mantivesse discreto e que só perguntasse quando fosse indispensável. Como privou-se de perguntar, o rei não se curou de sua grave doença e Perceval acordou sozinho no castelo. Chrétien não terminou seu romance, pois morreu antes disso.

Esse Perceval do *Conto do Graal* tem muito pouco da pureza que irá adquirir na DSG. No *Conto*, Perceval não evita os prazeres da carne. Talvez tenha sido por isso que, em nossa fonte principal, ele tenha sido substituído por Galaaz, um cavaleiro imaculado que conhecerá o significado do Santo Vaso e o rei Pescador finalmente obterá a sua cura.

A respeito do Graal, há várias explicações e linhas de interpretação sobre a sua origem, que é de fato bastante instigante.

Não está assente onde se teria originado o culto do Graal, simbolizado ora por um vaso, como na nossa novela, ou por uma pedra preciosa, como no poema de Wolfram d'Eschenbach. Supõem alguns, entre eles Bardach, que os primeiros esboços do Graal nasceriam em Jerusalém, entre o círculo de peregrinos cristãos, nos séculos V e VI, ao contacto de lendas persas e arábicas. De Jerusalém a fábula passaria para Constantinopla e, depois da primeira cruzada, para a Europa, onde, na Provença ou na Bretanha, teria tomado a

forma definitiva. Outros, como Jean Marx, acentuam a origem e o caráter céltico da lenda. Grande número de contos galeses e irlandeses tem por objetivo a conquista de objetos maravilhosos do outro Mundo. Entre esses objetos figuravam taças e vasos mágicos, que alimentavam as pessoas sem jamais se esvaziarem.¹⁰⁴

Quanto à origem celta do mito do Graal, ela decorreria do tema do caldeirão:

Na mitologia céltica existem dois tipos de caldeirão: o caldeirão do renascimento e o caldeirão da abundância. *Dagda*, o pai de todos os deuses, possuía um caldeirão proveniente da cidade de Múrias. Ao provar dele ninguém passava fome. [...]. No poema galês *Preiddeu Annwn (Os Despojos do Outro Mundo)*, composto entre os séculos VIII e IX, o rei Artur e seus companheiros tentam inutilmente buscar numa expedição o caldeirão da abundância, representante da realeza e autoridade. [...]. Havia ainda um terceiro caldeirão entre os celtas, o caldeirão do sacrifício, no qual os maus monarcas eram jogados.¹⁰⁵

Com a cristianização do Graal, ele vai tomar a forma de um vaso ou taça, relembrando o cálice da Última Ceia. Esse objeto sagrado, além de servir como alimento material e espiritual, era também um elemento de articulação entre o povo escolhido e Deus.

Em *Merlim*, além de acoplar o Graal e Merlim, uma vez que é esse mago e profeta que preparará o povo da Bretanha para a vinda do cavaleiro eleito a “dar cima” às aventuras do Reino de Logres, há também uma interligação entre as três mesas, a mesa do Graal, a mesa da ceia de Cristo e a terceira mesa que é a Távola Redonda, fundada pelo rei Artur:

E Nosso Senhor ordenou que fizesse uma mesa, no modelo daquela mesa da ceia, e colocasse sobre ela o vaso [...]. Nesta mesa estavam todos desejosos de tomar assento. Havia sempre um lugar vazio, em lembrança do lugar em que Judas sentou na ceia, quando ouviu o que

¹⁰⁴ Rodrigues Lapa. Op. Cit., p. 239.

¹⁰⁵ Adriana Zierer. “Significados Medievais da Maça: Fruto Proibido, Fonte do Conhecimento, Ilha Paradisiaca”. In: *MIRABILIA. Revista de História Antiga e Medieval*. Ano 1, n°1, 2001, p. 08-09.

Nosso Senhor lhe disse. E ele renunciou à companhia de Nosso Senhor e seu lugar ficou vazio até que Nosso Senhor e os apóstolos elegeram outro para ocupar seu lugar, para inteirar a conta dos doze. Essas duas mesas estão, pois, em perfeita concordância e desse modo Nosso senhor, na segunda mesa, cumula os homens com sua graça. Essa é a razão pela qual as pessoas chamam Graal a este vaso que vêm e do qual recebem essa graça. E, se quiserdes seguir meu conselho, instituireis a terceira mesa, em nome da Trindade, cujas três pessoas estarão representadas nessas três mesas.¹⁰⁶

Já estava anunciada a vinda de um escolhido, e o mais importante é que ele havia sido eleito por Deus. Ele ocuparia um assento que representava um lugar entre os doze apóstolos, participando dessa forma não só da mesa do Graal como também da mesa da Última Ceia. A Távola Redonda completaria com as duas outras mesas um trio que representava a Santíssima Trindade e conteria também um lugar vazio, do qual era dono um verdadeiro “cavaleiro de Cristo”, o mancebo Galaaz. Mas, a exemplo do santo Vaso, a Távola Redonda também possui uma origem nas tradições célticas. “A mais geral é a da ‘Mesa dos Festins’. Em determinadas regiões e em determinadas ocasiões, essa mesa podia justamente ter forma redonda.”¹⁰⁷ Como a DSG recebeu influências e fusões de várias outras narrativas antigas dos diversos ciclos anteriores a ela e de origens célticas, muitos de seus elementos foram cristianizados; a mesa da corte de Artur vai adquirir correspondências com a mesa da Última Ceia e com a mesa do Graal, como já foi dito anteriormente. É assim que a Távola Redonda será dotada de um vigoroso caráter moral que se impõe aos cavaleiros que dela participam.

Os cavaleiros que nela tomam lugar vêm-se imediatamente unidos, desde a primeira refeição em comum, por tão grande afeição que jamais desejarão separar-se. A partir daí, amam-se “como um filho

¹⁰⁶ Robert de Boron. *Merlim*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993, pp. 122-123.

¹⁰⁷ Jean-Pierre Foucher. “Introdução”. In: Chrétien de Troyes. “Lancelot, o Cavaleiro da Charrete”. In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 16.

deve amar o pai”. Sentar-se à Távola Redonda para participar de seus benefícios expressa então o ideal da cavalaria¹⁰⁸.

Na DSG, há, pois, a presença desses dois elementos, a Távola e o Graal, além de outros elementos com forte carga simbólica. Sob esses e muitos outros aspectos, a *Demanda* é um texto bastante rico no que diz respeito ao conhecimento que podemos obter da civilização da Idade Média.

2.1.2 Temática da Obra

Nessa novela de cavalaria do século XIII, o núcleo principal, que é constituído pela busca do Graal, é direcionado para todos os cavaleiros que “juram” a demanda, embora apenas poucos cheguem a cumpri-la. É por isso que, no decorrer da narrativa, serão distinguidos os “bons” dos “maus” cavaleiros. Esses últimos sucumbem principalmente aos pecados da carne, enquanto os primeiros conseguem resistir às tentações e mantêm-se fiéis ao seu propósito espiritual de encontrar o Santo Vaso. Segundo Rodrigues Lapa, a idéia central da narrativa “continua a ser o mistério da eucaristia, alimento espiritual e prelibação da vida eterna; e a Demanda é, em última análise, a sede infinita das almas à procura de Deus, do sumo Bem.”¹⁰⁹

E, ainda de acordo com José Saraiva e Oscar Lopes:

A obra tem uma intenção religiosa e representa, relativamente à moral cortês, que inspira os cantares de amor, uma completa inversão de valores. Ao passo que na lírica cortês, como em todo o romance cortês anterior a esta fase, se exalta o amor como o caminho para a felicidade e a perfeição moral, na *Demanda* todo o amor é considerado pecaminoso, e a virgindade recomendada como o estado mais perfeito. O antigo herói, modelo de cavaleiros e amantes, Lançarote do Lago, vê-se eclipsado por seu filho, que é também a sua réplica, Galaaz, o qual não conheceu nunca mulher.¹¹⁰

¹⁰⁸ Idem. Ibidem. p. 17

¹⁰⁹ Rodrigues Lapa. Op. Cit., p. 239.

¹¹⁰ A. H. Saraiva e Oscar Lopes. Op. Cit., p. 91.

É assim que, nessa novela da Matéria da Bretanha, os feitos de cavalaria e os enlances amorosos foram profunda e inteiramente adaptados a uma intenção religiosa. Portanto, o que há de importante não são as lutas cavaleirescas por si só, mas o quanto elas significam na aproximação com Deus.

É interessante observar que a narrativa foi estruturada em forma de novela, ou seja, há uma multiplicidade de células dramáticas com ação, tempo e espaço que permitem um encadeamento lógico entre si. Desse modo,

[...] observa-se o entrelaçamento sistemático e complexo das “aventuras”: os cavaleiros, por morte ou temporário afastamento, cedem lugar a outros, que protagonizam as suas “aventuras”, sendo, por sua vez, substituídos por terceiros, e assim por diante. A novela forma-se, portanto, da agregação de unidades dramáticas permanentemente abertas.¹¹¹

Organizada dessa forma e estruturada de uma maneira que chama a atenção do leitor, a matéria em vários momentos não possui um narrador, quando é o texto que toma a palavra para falar de si: “Ora diz o conto que...”, “Ora deixa o conto falar de...”.

De acordo com Tzevetan Todorov, há dois tipos de episódios na DSG, uma vez que a interpretação está incluída na própria trama narrativa. “Uns e outros episódios se ligam (sem nunca se identificar entre si) por isto de comum: os sinais, assim como sua interpretação, não são outra coisa senão narrativas.”¹¹²

A novela é recheada de aventuras nas quais os cavaleiros ingressam para provar-se e, dessa forma, almejam atingir o Graal. É assim, pois, que cada aventura “é ao mesmo tempo uma aventura real e o símbolo de outra aventura”¹¹³. Desse modo, os

¹¹¹ Massaud Moisés. “Novela”. In: Massaud Moisés. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix, 2004, p. 322.

¹¹² Tzevetan Todorov. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 171.

¹¹³ Idem. *Ibidem*. p. 175.

cavaleiros passam por diversas “provas” de aventuras que servem, na verdade, para que eles conheçam a si próprios.

O que é narrado na DSG é uma matéria totalmente diferente dos romances cortesês. No romance cortês, o que importava eram as aventuras do cavaleiro para provar seu valor diante da dama. Essas aventuras bastavam por si mesmas para que o cavaleiro tivesse seu mérito reconhecido. Na *Demanda* as aventuras não são o suficiente para enaltecer o cavaleiro, na verdade ele nem está preocupado em receber a glória de seus feitos, pelo menos se estiver realmente comprometido com sua busca espiritual. E é esse tipo de cavaleiro o modelo proposto na obra. Ele não deveria importar-se com as coisas mundanas, sua única preocupação era a salvação de sua alma.

Na *Demanda do Santo Graal*, “podemos observar a conjugação de vários elementos da cavalaria medieval como, por exemplo, a busca de aventura, a proteção de donzelas em perigo, a lealdade entre companheiros de batalha”¹¹⁴. Mas há, também, o contrário de tudo isso: donzelas que eram defloradas, cavaleiros que buscavam glórias vãs, companheiros que se enfrentavam em combates e acabavam matando uns aos outros.

A sua mensagem maior é a busca de Deus, manifesta no encontro do Santo Vaso, que era uma “cousa maravilhosa”. Mas, completar essa missão é um encargo destinado a poucos, somente três chegarão até ele: Boorz, Persival e Galaaz. E somente esse último conhecerá seu significado.

A novela tem, portanto, um caráter místico, religioso, messiânico. Ela constitui uma busca, uma demanda dos cavaleiros pelo Graal, o qual se acreditava conter o sangue de Cristo. Muitos partem nessa demanda porque a haviam jurado, mas poucos

¹¹⁴ Neila M. de Souza. “Alguns Valores que Permanecem: a Idade Média e os dias Atuais”. In: Cláudio Zannoni (org.). *Anais do VII Encontro Humanístico*. São Luis: Edufma, 2008, p. 55.

são os realmente comprometidos na sua busca. E, por isso, muitos perecerão. Dos três que chegam ao Santo Vaso somente Boorz retorna à corte de Artur e ainda assim deixará sua vida de cavaleiro tornando-se ermitão.

A narrativa que constitui a última parte dos relatos sobre o rei de Camaalot também refere-se ao seu fim: Artur morre, mas sempre lutando, pelas mãos de seu sobrinho Morderet¹¹⁵. O reino e tudo que o mantinha acabam, as linhagens dos nobres cavaleiros enfrentam-se em combate mortal¹¹⁶. Tudo parece desmanchar-se no ar, não restando pedra sobre pedra, exceto por uma única esperança: Artur foi levado, mortalmente ferido, por Morgana, a fada, sua irmã e seu corpo nunca foi encontrado.

Daí surgiria o messianismo em torno de Rei Artur, o valoroso rei que lutou contra os saxões e defendeu a Bretanha. Esse messianismo chega também a outros reinos como Portugal, onde se espera a volta de D. Sebastião, o Encoberto, que trará a todos a paz e a prosperidade.

2.2. O Que é ser um Mau Cavaleiro?

Constituindo-se como uma atividade violenta, visto que era praticamente impossível combater sem ferir, e com um enorme poder de disrupção social, o papel desses homens de armas foi objeto de diversas tentativas de enquadramento nos limites de uma convivência possível, seja por meio da intervenção de seus senhores superiores, através de seu recrutamento e orientação de sua ação de acordo com seus interesses, seja pelo intuito da Igreja de disciplinar a violência desse grupo social constituído organicamente a partir do século XII. Visto que

Enquanto as cerimônias do revestir da armadura – que, apesar de alguns esforços nesse sentido, nunca tinham assumido um caráter verdadeiramente

¹¹⁵ Na *Demanda* é somente nesse momento da morte do rei que Morderet é caracterizado como seu filho, mas não há nenhuma explicação a respeito.

¹¹⁶ Heitor Megale, em sua obra *O Jogo dos Anteparos – a demanda do santo graal: a estrutura ideológica e a construção da narrativa*. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992, analisa como o reino de Artur se mantinha através de suas linhagens e como chega ao fim quando elas entram em conflito.

sacramental e nunca tinham sido celebradas nem na Igreja, nem na presença de religiosos (apesar de, em finais do século XIII, o Pontifical de Guilherme Durand fornecer uma sistematização litúrgica desses ritos) – vão adquirindo formas cada vez mais análogas às dos sacramentos e, em especial, do baptismo¹¹⁷.

No estudo desse corpo militar que se tornou uma instituição na Idade Média Central, cabe a seguinte indagação: Quando o homem que andava sobre um cavalo deixou de ser um simples guerreiro, *miles*, e passou a ser chamado de cavaleiro?

Os *bellatores* aos quais cabia, segundo a ideologia da sociedade tripartida, a função de guerrear, possuíam o privilégio de portar armas e de estarem isentos de algumas taxas e tributos.

Na chamada Alta Idade Média, quando havia intensas influências e contatos entre os europeus e os povos ditos “bárbaros”, a organização dos guerreiros, portadores de armas e cavalos, possuía uma importância fundamental não só em relação ao poder militar que ela representava, mas também em relação aos valores guerreiros que ela transmitia: aspecto sagrado associado ao cavalo, o culto da espada, a valorização da coragem, veneração da força física, indiferença perante a dor, menosprezo da morte, destreza militar. Somado a isso, havia valores oriundos dos povos “bárbaros”, principalmente aqueles ligados ao poder do rei-chefe da tribo, a devoção pessoal. Com a união desses valores e de um contexto histórico político-social, surge então a cavalaria.

Ela, de fato, possui elos estreitos com a vassalagem que se instaura, certamente, desde antes do desaparecimento do Império Romano no Ocidente; mas, também com o declínio da autoridade dos reis, depois dos condes, decorrente da desintegração do Império Carolíngio, com a formação das castelhanias que marcam o início da chamada época feudal; com as tentativas da Igreja de inculcar nesses guerreiros uma ética ou, ao menos, regras de conduta que limitassem a violência e seus efeitos sobre as populações desarmadas; [...]. Ora, a maioria

¹¹⁷ Franco Cardini. “O Guerreiro e o Cavaleiro”. In: Jacques Le Goff. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 57-78, p. 66.

desses elementos quase não aparece antes do ano 1000. Não é, portanto, sábio falar de cavalaria antes dessa data.¹¹⁸

É assim, portanto, que, por volta do ano 1000, forma-se, no seio da sociedade medieval, um novo grupo social, segundo Jean Flori, com uma nítida característica que o distingue: são homens que andam a cavalo e são capazes de usar armas, os cavaleiros.

A palavra “cavalaria”, utilizada no início do século XII para designar o guerreiro, não denota de nenhuma forma um nível de elevação social, antes somente caracteriza o serviço armado. No entanto, ao longo do século XII, ela adquire cada vez mais conotações honoríficas, culturais e ideológicas. É com essa coloração que a cavalaria será designada, em finais do século XII, passando a ser uma instituição, uma ordem.

Assim, no que diz respeito aos cavaleiros, nota-se uma outra diferenciação social. Enquanto no Ocidente da Alta Idade Média, a clivagem social essencial distinguia os livres e os não-livres, a nova divisão isola aqueles que portam armas (os *militēs*) daqueles que são desprovidos delas (os *inermes*). Desse modo, há um crescente prestígio desse combatente a cavalo, além de uma distinção socioeconômica e sociojurídica separando armados e desarmados.

A própria investidura do cavaleiro não possuía, em seu início, todo o caráter pomposo, ritualístico e cerimonial que, no entanto, tornar-se-iam evidentes com o final do século XII. A investidura, originalmente, não possuía nenhuma conotação social, religiosa ou cerimonial. Na maioria das vezes, ocorria apenas a entrega das armas, que poderia acontecer até mesmo às vésperas de uma batalha. Ela tinha, assim, um sentido muito mais utilitário. A famosa bofetada ou tapa, por exemplo, que era dado no aspirante à cavalaria nas famosas cerimônias de investidura, não está presente desde as

¹¹⁸ Jean Flori. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 12.

suas origens. “De fato, o tapa não é, como veremos, um elemento essencial da investidura, menos ainda um elemento primitivo ou mesmo muito antigo dessa cerimônia. Quase não temos traço disso antes da segunda metade do século XII.”¹¹⁹

O adubamento é um cerimonial de enorme importância na vida de um futuro guerreiro, pois se trata de um rito de passagem pelo qual, terminada a infância, o agora homem será admitido na sociedade dos adultos, tornando-se cavaleiro. “Os ritos de investidura consagram essa cerimônia na qual um homem toma posse de si mesmo”¹²⁰. Ser armado cavaleiro talvez fosse considerado o evento principal na vida de um homem.

Antes de receberem as armas, nesse dia notável, os rapazes se despiam e lavavam o corpo. Tal como se lavava o corpo dos recém-nascidos e o dos defuntos. Pois essa entrada, essa passagem, era análoga às outras passagens, nascimento, morte. Era como se eles viessem ao mundo pela segunda vez, a única, na verdade, que importava realmente. Até então o que tinham vivido era ainda a gestação, devidamente protegidos. Alguém alimentava-os, tutelava-os. Com a errância começava a liberdade, porém também o perigo.¹²¹

As armas que o cavaleiro recebia – a espada, o escudo, a lança, o elmo, as esporas – na cerimônia de investidura também possuíam um simbolismo, que servia para fortalecer o dever e a missão de um cavaleiro. Carregando essas armas, o guerreiro carregava também a força cristã necessária para o combate, já reforçada inicialmente com a investidura como sacramento. Pois, “cada arma, cada veste, cada gesto, transforma-se em símbolos de virtude e de requisitos cristãos. A espada será o gládio do espírito, o elmo será a fé e assim por diante.”¹²²

As armas cavaleirescas adquiriam cada vez mais simbolismos cristãos na medida em que a cavalaria assume importância cada vez maior na sociedade do século

¹¹⁹ Idem. Ibidem. p. 24.

¹²⁰ Georges Duby. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p. 100

¹²¹ Idem. Ibidem. pp. 100-101.

¹²² Cardini. Op. Cit., 1989, p. 66.

XIII, despertando assim o interesse da Igreja. Observamos, desse modo, uma forte tendência de clericalização da investidura a partir desse século.

E talvez o revestir da armadura que, até então, fora uma cerimônia leiga realizada no grupo de profissionais das armas que, deliberadamente, tivessem decidido cooptar um novo companheiro, tenha começado a comportar um reconhecimento religioso por parte de uma Igreja que já há algum tempo (e disso nos certifica o pontifical romano-germânico de Magúncia, no século X) costumava benzer as armas, à semelhança do que fazia com os instrumentos de trabalho e de uso diário.¹²³

A investidura cavaleiresca, especialmente a de filhos de reis e de grandes senhores feudais, acontecia em datas importantes, em épocas de festas religiosas como Pentecostes, Páscoa, Natal ou São João. A cavalaria ganhava assim uma feição religiosa, que seria aliada a uma ética e uma moral própria.

Essa moral cavaleiresca não permitia entre outras coisas que o cavaleiro fosse covarde atacando um outro que estivesse desarmado: “a moral dos guerreiros, dos autênticos, dos nobres, dos francos mandava que se tomasse todo o cuidado no sentido de não matar os cavaleiros; e proibia, isso de maneira formal e absoluta, matá-los desse modo, pelas costas, ainda sem terem em mãos todas as suas armas.”¹²⁴

A ética cavaleiresca envolvia, entre outras coisas, o socorro a donzelas em perigo e mulheres que fossem violentadas por outros cavaleiros, o respeito à palavra dada, o zelo pela reputação. Em suma, o cavaleiro deveria exercer perfeitamente o que incumbia à sua função: proteger os demais.

É com esse suposto propósito de proteção, não de ataque aos indefesos, que a cavalaria constituía-se como uma instituição reguladora da ordem social. No entanto, seus próprios membros feriam o código que o regiam e instaurava-se o caos! Afinal,

¹²³ Idem. Ibidem. p. 60.

¹²⁴ Duby. Op. Cit., 1987, p. 108.

como pode aquela que deveria socorrer agredir? Diante de uma situação temerária, na qual as disputas entre famílias geravam constantemente guerras e comprometia a própria ordenação social, impunha-se o enquadramento, a domesticação da turbulência guerreira, uma tentativa de reduzir os riscos da entropia que punha em risco a própria reprodução social. Assim, era preciso impor, na prática, o que pregava a ideologia cavaleiresca, como que “relembrar” aos cavaleiros a função a que estavam destinados, que sua atividade corretamente exercida propiciava o bom funcionamento do conjunto social.

A DSG aparece assim como uma espécie de instrumento de difusão de um modelo ideal de cavalaria através das ações imputadas aos seus personagens, positivando os comportamentos a serem seguidos e negativizando aqueles a serem evitados. Há, portanto, uma concepção de cavalaria expressa na *Demanda*, concepção essa ligada aos valores cristãos representados principalmente pelas virtudes cardeais (justiça, prudência, fortaleza e temperança) e teologais (fé, esperança e caridade).

Todos os comportamentos destoantes, contrários a essas virtudes configuravam a concepção de um mau cavaleiro, exemplo a ser evitado, razão dos distúrbios e desordens na sociedade. Isso pode ser observado na fonte através das ações de alguns cavaleiros e de seu paradigma modelar, Galvão. Esse personagem encarna em si todos os vícios, pecados e maldades condenados pela ética cavaleiresca e por uma tentativa de enquadramento cristão da cavalaria. Ele é um anti-herói, uma espécie de erva daninha no seio de uma corporação que se pretendia homogeneamente unificada pelos sentimentos de pertença simbolizados pela Távola Redonda, onde todos são iguais e merecedores da graça do rei. De fato, essa concepção de uma corte perfeita era apenas um ideal longe de constituir-se enquanto realidade. As cortes eram lugares para onde se dirigiam muitos cavaleiros em busca de uma melhor condição de vida: vincular-se a um

grande rei e servi-lo poderia significar uma possibilidade de ascendência social, de garantia de um bom casamento e de um rico patrimônio fundiário. Para isso, a conduta de muitos cavaleiros ignorava as “regras do código”, e era à sua revelia que buscavam atingir seus objetivos, garantir sua sobrevivência, sua continuação social; daí tanta intriga, tanta inveja. A *invidia*, ou inveja, era o principal pecado dos cavaleiros apresentados na fonte, a maioria deles sofria desse mal, que estava vinculado principalmente àqueles que pereceram na busca do Graal.

Com o estudo da DSG e de outra fonte do século XIII *O Livro da Ordem de Cavalaria*¹²⁵ – manual codificador da ordem cavaleiresca, percebemos uma necessidade de enquadrar esse grupo social por meio de ensinamentos reguladores de sua prática. Desse modo, divulga-se por meio de obras literárias, que, sem dúvida, tinham grande circulação, por meio de jograis, trovadores, poetas que andavam nas cortes, um comportamento considerado correto pela Igreja. Assim, para ser bom cavaleiro não bastava simplesmente respeitar o código de sua ordem, era preciso também ser bom cristão. Em virtude dessa consideração, todo e qualquer cavaleiro que não se adequasse a esta tipificação era considerado um mau cavaleiro, pois portava vícios condenados pela Igreja.

Esclarecemos que convencionamos designar os cavaleiros que fracassaram na busca do Graal, cujo comportamento é claramente condenado na fonte, por atributos que reúnem todas as suas características negativas: maldade, apego aos prazeres do mundo. Assim, na construção da análise estabelecemos, consoante a essa característica, o modelo do Cavaleiro Mundano, um “mau cavaleiro”.

¹²⁵ Não se sabe exatamente a datação da obra, nem o local preciso de sua redação, mas ela foi escrita provavelmente entre os anos de 1279-1283. A edição que estamos utilizando é bilíngüe com a tradução do professor Ricardo da Costa. A obra tem autoria definida: Ramon Llull, um homem que deixou todas as suas riquezas e tornou-se um pregador da fé cristã.

Essa caracterização foi possível porque, em meio às várias indagações e inquietações que a leitura da fonte nos proporcionava, vislumbramos a ocorrência de uma clara distinção entre os cavaleiros: os que cumpriam com sucesso a tarefa de chegar ao Graal e os que se perdiam pelo caminho nessa busca. Os primeiros sempre eram retratados como bons cristãos: jejuavam, oravam e confessavam-se; os últimos, além de não cumprirem suas obrigações cristãs, atentavam contra ela: cometiam suicídio, matavam semelhantes, irmãos se odiavam. Isto posto, consideramos que a DSG constitui um vigoroso conjunto textual voltado as iniciativas de domesticação e enquadramento de uma cavalaria cuja “disfunção” encerrava uma vigorosa ameaça de fratura da ordem social.

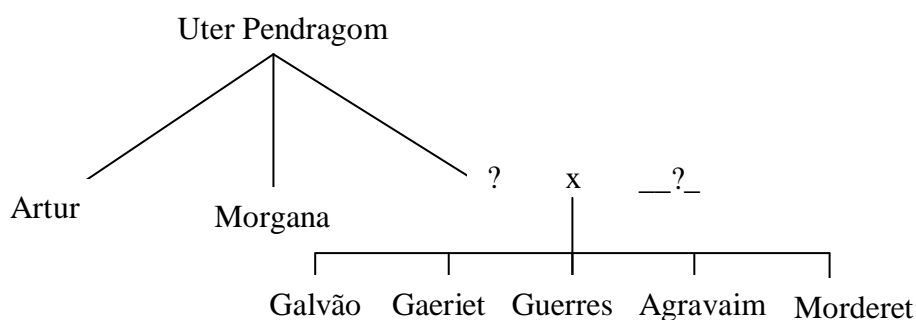
Diante dessa configuração apreendemos a veiculação, na fonte, de dois tipos¹²⁶ extremos de cavaleiros – o ideal exemplar e o anti-cavaleiro –, imagens-limite que abrigam, num vasto campo intermédio, de certo os padrões mais recorrentes de uma cavalaria afeita a condutas intrinsecamente violentas e a relações sociais irremediavelmente tensas e potencialmente conflituosas. Consideremos, então, a seguir, a construção, na DSG, do anti-exemplo de cavaleiro, uma sua espécie de imagem em negativo, cujas características apresentadas podem ser condensadas em um único cavaleiro e que constitui o paradigma do modelo condenado pela Igreja de cavaleiro. Em convergência com esse quadro paradigmático, poderemos apreender a constituição de outros cavaleiros que se adéquam nessa formação, pois também carregam os males do pecado. Eles fazem parte de um tipo humano incapaz de resistir aos prazeres mundanos e preocupados somente com sua glória pessoal, por isso não faziam parte dos cavaleiros divinos, dos espiritualizados, e suas características são sempre negativas.

¹²⁶ Consideramos a veiculação de um terceiro tipo de cavaleiro, que convencionamos chamar de “Modelo Oscilante”, a ser analisado no quarto capítulo.

2.3 O Modelo do Cavaleiro Mundano – Galvão

Esclarecemos de início, que a palavra arquétipo está sendo utilizada como sinônimo de “paradigma”, “modelo exemplar”. Para entender a trajetória desse cavaleiro, entendemos que é importante estabelecermos a sua genealogia, configurando assim a linhagem da qual faria parte segundo a DSG.

Quadro 2. Genealogia de Galvão



Galvão fazia parte da linhagem do rei Artur, linhagem nobre e que, justamente por essa condição denotava uma espécie de superioridade, de qualitativo pessoal. A linhagem fundamentava a vida e a organização do reino mítico, através dela estabeleciam-se hierarquias e por ela os principais homens das redondezas e mesmo de lugares muito distantes desejavam que seus filhos servissem a um grande senhor, importante e poderoso. Assim, “os *juvenes* saídos da classe dominante integraram-se muitas vezes na domesticidade guerreira dos senhores de maior fortuna, de monarcas até, na esperança de virem um dia a ser instalados em senhorias próprias, e para isso freqüentemente atravessaram grandes distâncias”¹²⁷.

A palavra “nobre” é de emprego raro antes do século XIII, designando uma virtude, uma elevação da alma, e significando qualidades morais.

¹²⁷ João Bernardo. *Poder e Dinheiro: do poder pessoal ao estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. (Parte II: Diacronia – conflitos sociais do século V ao século XIV*. Porto: Edições Afrontamento, 1997, p. 132.

É, portanto, antes de tudo a dignidade do comportamento de certos seres, homens e mulheres, que lhes vale o qualificativo de “nobre”. Ele é sinônimo de “notável”, “digno de admiração”, “célebre”, “reputado”, e destaca, ao mesmo tempo, a excelência moral e a notoriedade social decorrente. É empregada, ainda nesse sentido, nos séculos XI e XII, em latim e em francês antigo, a respeito de coisas muito mais que de seres vivos. Uma vila, uma fortaleza, um cavalo, uma roupa ou uma espada podem assim ser qualificados de “nobres” para destacar sua opulência, sua invencibilidade, sua riqueza, sua beleza ou sua extrema qualidade. O mesmo acontece com os homens, dos quais o termo “*nobilis*” exprime o valor reconhecido. Dizer de um homem que ele é “originário de uma nobre família” expressa principalmente a reputação que ela tem.¹²⁸

Somado a todos esses qualificativos, ser generoso também era ter uma atitude nobre principalmente para com a Igreja que recrutava desse grupo, de nível social elevado, até mesmo seus próprios santos. Ou seja, nobreza e santidade estavam intimamente ligadas.

Essa tão estimada qualidade torna-se então de cunho hereditário a partir do século XIII. É assim que um membro que descendia de uma dessas famílias acabava por se tornar também um nobre. Portanto, nascia-se nobre, nobre de sangue. “Decididamente, os textos só conhecem um elemento permanente e consubstancial ao grupo: o sangue. Desde a Alta Idade Média, a cantilena é a mesma: *genere nobilis, nobilibus ortus parentibus*. Nasce-se *ingennus*, ‘nobre de sangue’”¹²⁹. Para a nobreza, a sua condição moral traduzia uma distinção, que assumia um caráter social.

Aliada a essa distinção social, a nobreza também se manifesta pela detenção do poder social.

Poder e dinheiro engendram e mantêm uma mentalidade e um comportamento. Um nobre não deve ser sovina. Ele quer escapar de

¹²⁸ Flori. Op. Cit., 2005, p. 115.

¹²⁹ Léopold Génicot. “Nobreza”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II. pp. 279-291, p. 280.

todos os tipos de controle que submetem e limitam os outros homens. Ele se casa na sua classe. Traço particularmente significativo, ele não se mistura com a massa dos fiéis. Nem na vida nem na morte ¹³⁰.

Embora seja reconhecido que a nobreza se assente no nascimento, ela nunca foi uma classe hermeticamente fechada. “A nobreza não tem nenhuma política familiar. Padece com as revoltas que acabam mal e perde muitos homens nas guerras privadas e nas vinganças. Dessa forma, aparecem vazios em suas fileiras” ¹³¹. Para sobreviver diante de tantas mudanças que se impunham no mundo da qual fazia parte, sua renovação – ainda que comedida – tornava-se realmente necessária. Os cavaleiros que tão próximos viviam dos poderosos, pois eram seus braços armados, acumulavam, entre tantos privilégios, a isenção de impostos. Foi assim que, servindo de mãos armadas à aristocracia, esses cavaleiros se fundem a ela, conjugando costumes e mentalidades e obtendo também uma condição socioeconômica elevada, fato que foi propiciado por vantajosas alianças matrimoniais. “A cavalaria ornamenta-se assim com um tal esplendor que se subtrai das *consuetudines* comuns julgadas *indecentes et contra ordinem militarem*, derrubando desta forma uma das barreiras que impedem o acesso à nobreza. Ela concede mais brilho que o sangue” ¹³². É com o prestígio cada vez maior que essa instituição vem ganhando que ela consegue confundir-se com a nobreza, no quadro geral da aristocracia:

Só são armados cavaleiros os filhos de pai cavaleiro e de mãe nobre. Por essas disposições, a nobreza controla a entrada na cavalaria e reserva o acesso a ela a seus próprios membros, numa época em que a dignidade cavaleiresca acrescenta distinção àquele que a recebe. Cavalaria e nobreza acabam por se fundir ou por se confundir. ¹³³

¹³⁰ Idem. Ibidem. p. 280.

¹³¹ Idem. Ibidem. p. 282.

¹³² Idem. Ibidem. p. 284.

¹³³ Jean Flori. “Cavalaria”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 185-199, p. 190.

Seu brilho é tamanho que passa a atrair cada vez mais os olhares da nobreza, que reivindica, então, sua filiação, seu controle e, mais tarde, sua exclusividade, pois

logo a nobreza controla e comanda a cavalaria, empresta-lhe sua ideologia a ponto de, a partir do fim do século XII, a cavalaria aparecer como expressão militar da nobreza, que a considera território particular e alicia seus membros. Desde então, um cavaleiro não é somente (e, posteriormente, nem tanto!) um guerreiro a cavalo, mas um membro reconhecido da aristocracia. Cavaleiro torna-se título nobiliárquico¹³⁴.

A partir disso, somente poderá ser cavaleiro quem fizer parte da nobreza, quem compartilhar dos valores nobres. “Sonho e realidade misturam-se assim para formar nos espíritos uma cavalaria que, mais que corporação ou confraria, torna-se uma instituição, um modo de viver e de pensar, reflexo de uma civilização idealizada”¹³⁵.

Nosso modelo, Galvão¹³⁶, exemplo de mau cavaleiro, nasceu na nobreza, pois descendia de grandes reis. Seu avô teria sido um poderoso monarca, Uter Pendragom, um herói que conseguiu livrar seu reino do temível dragão que aterrozava a todos¹³⁷. Artur, seu sucessor, também teve que provar seu valor através da prova da espada, *excalibur*. A trajetória de nosso anti-herói principia também com uma provação semelhante. Desse modo, Galvão teria a chance de demonstrar seu valor por um teste que remetia à prova de sua parentela, de sua linhagem, uma espécie de rito comprobatório do próprio sangue. Contudo, ao passar por duas aventuras de espada, ambas revelam apenas seus defeitos e fracassos¹³⁸. Assim, como modelo de um mau cavaleiro, que é claramente divulgado na obra, nada do que ele possa fazer será

¹³⁴ Idem. Ibidem. p. 185.

¹³⁵ Idem. Op. Cit., 2006, p. 186.

¹³⁶ Galvão, dependendo da fonte, é também conhecido por “Galvam”, “Gawaine”. “Green Knight”. Ele será tratado aqui por Galvão.

¹³⁷ A recorrência de um herói que deveria cumprir provas e provar seu valor era comum nos textos antigos, como exemplificado pela conhecida figura de Hércules.

¹³⁸ Ver página 49 deste capítulo.

revertido em bondade, todas as suas ações pesam para a perversidade, que será anunciada pela espada que jorra sangue.

Era fato que havia, nas cortes régias e senhoriais, nas quais orbitavam vários cavaleiros que serviam como braços armados, aqueles considerados como favoritos pelos reis ou senhores. Ora, essa condição de privilégio, num meio tão marcado pela ostentação, valorização de si e cultivo de vaidades, gerava, sem dúvida alguma, um vício capital, condenado pela moralidade cristã: a inveja. É desse mal que sofre Galvão, o sobrinho querido do rei Artur. Em outras narrativas da Matéria da Bretanha, ele aparecia representado com o cognome de “Cavaleiro das Donzelas” mas, na *Demanda*, ele recebe o epíteto de “Cavaleiro do Diabo”.

Logo no início da narrativa, percebemos a ausência, em sua personalidade, de uma qualidade muito prezada pelo cristianismo: a humildade. Isso é observado na aventura da primeira espada, a “espada da pedra”, que só poderia ser terminada pelo cavaleiro escolhido: “[...]. Então aproximou-se Galvão e pegou a espada pelo punho e puxou-a o mais que pôde, mas nunca tanto que a pudesse sacar da pedra”¹³⁹. Uma das coisas mais humilhantes para um cavaleiro era não dar fim a algo que começou, não realizar bem algo a que se propôs. A DSG está recheada de fatos assim, quando, por exemplo, Persival pede a Galaaz que o deixe levar uma donzela em segurança, pois já o tinha prometido a ela; quando o próprio Galvão reconhece que seria muito feio voltar ao reino de Logres sem ter terminado uma aventura. Esse cavaleiro sofre ainda de outro mal, que também é compartilhado por vários outros cavaleiros pecadores na *Demanda*, pois só acredita no que vê. Após a aparição do Graal e de recebidas as suas graças, Galvão constata: “Mas como fomos enganados que o não vimos senão coberto”¹⁴⁰. É diante dessa postura, de procurar uma verdade passível aos olhos que ele é o primeiro a

¹³⁹ DSG, 2008, p. 26

¹⁴⁰ DSG, 2008, p. 39

jurar a demanda e fazer com isso, que todos os outros cavaleiros o sigam e deixem Artur solitário em sua corte e vulnerável aos ataques de inimigos como veremos adiante.

No entanto, ele passa por uma aventura maravilhosa a que consegue dar fim. Mas essa era uma má aventura, uma aventura que designava uma conduta ruim, pois através dela será sabido que um cavaleiro derramará o sangue de muitos inocentes durante a busca do Graal. Antes de partirem, chega à casa de Artur uma donzela, “a donzela feia”, que anuncia os grandes horrores que serão causados pelo cavaleiro que, ao tirar a espada que ela traz da bainha, fizer jorrar sangue tão “quente” e “vivo”. Essa aventura provada implicava, para o envolvido, que não poderia jamais ir à demanda do santo graal, pois de suas mãos viria grande mal aos cavaleiros e à corte de Artur.

Sabede que esta spada, que ora veedes tam fremosa e tam limpa, será tôda tinta de sangue caente e vermelho, tanto que a tiver na mão aquel que fará a maravilha de matar cavaleiros em esta demanda mais que outrem. Esta spada trouxe eu aqui polo conhecerdes e pólo fazerdes aqui ficar, ca, sem falha, se êle i vai, tanto de mal e de pesar averrá ende e tanta mortura de homeês boôs¹⁴¹.

A participação de Galvão é, portanto, vaticinada como catastrófica, dela decorrerão muitas desgraças, mas ainda assim ele não desiste de entrar na demanda. Ele realmente mata muitos de seus companheiros e, na maioria dos casos, é por deslealdade. Galvão constitui-se, então, como um mau cavaleiro, distante dos propósitos divinos, ligado intrinsecamente ao mundo terreno e aos valores que são prezados por ele. “De modo geral, o comportamento dos cavaleiros os revela mais inclinados a atender desvios do padrão religioso do que a cumprir os deveres por ele impostos”¹⁴². É sabendo disso que seu tio o proíbe de participar da busca pelo santo vaso, mas Galvão recorre a algo incontestável, a ética cavaleiresca: “parece-me que não cuidais da minha

¹⁴¹ DSG, 1955, p. 35-37

¹⁴² Megale. Op. Cit. p. 67.

honra, mas do meu mal e da minha vergonha, porque, se eu não for, sou perjuro e desleal e então ninguém me deveria considerar como cavaleiro”¹⁴³. É interessante na narrativa que o ideal de bom cavaleiro proposto deveria conjugar não só os valores cristãos como também a honra cavaleiresca; não era suficiente ser bom no manejo das armas, era necessário principalmente agir como um bom cristão, cultivando virtudes e praticando boas ações.

Mesmo diante da proibição e dos males que serão cometidos por ele, Galvão parte na demanda e confirma toda sua miserabilidade, cometendo crimes que ferem as normas cavaleirescas e a união dos companheiros da mesa, isto é, a lealdade que todo cavaleiro devia um ao outro. Segundo Rodrigues Lapa, ele “é agora aqui um personagem estranho, sobre o qual pesa uma fatalidade imensamente trágica”¹⁴⁴. Galvão mente, é traidor, mata seus companheiros, mesmo quando os reconhece; é covarde, pois abandona seu amigo no perigo por medo de morte. Ele fere todos os preceitos da boa cavalaria; por sua espada que muitos homens bons – ótimos cavaleiros, reis – serão mortos.

Em uma de suas aventuras, Galvão tem uma visão, em sonho. As visões representavam, no mundo medieval, uma possibilidade de conhecer o futuro, na maioria dos casos desastroso, e constituíam também uma chance de remissão, de arrependimento. “O sonho tornou-se nos séculos XII e XIII uma ‘experiência total’ que envolve o corpo e a alma, o indivíduo, suas relações com a coletividade dos cristãos e suas chances de salvação”¹⁴⁵. Galvão sonha com 150 touros orgulhosos e bonitos, todos iguais, menos três, que estavam ligados pelo chifre. Os outros saem em procura de um

¹⁴³ DSG, 2008, p.43.

¹⁴⁴ Lapa. Op. Cit. p. 248-249.

¹⁴⁵ Le Goff. “Sonhos”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006. pp. 511-529, p. 525.

pasto melhor e quando voltam estão magros e cansados, passam fome e grande sofrimento.

[...]. Parecia-lhe que estava em prado verde, onde havia muitas flores. E naquele prado havia um curral onde estavam cento e cinquenta touros e os touros eram orgulhosos e bonitos maravilhosamente, e todos eram diferentes afora três; destes, um era ainda não bem malhado, nem bem sem malha, por isso parecia branco e que tivera já malha. Os dois eram tão formosos e tão brancos que mais não podiam ser. E estes touros estavam ligados pelos chifres com sogas fortes e rijas. Todos os outros touros diziam entre si:

- Vamo-nos daqui buscar outro melhor pasto do que este.

Os touros se afastaram dali. Então foram pela terra e não pelo prado e viveram lá muito. E quando voltaram, eram menos do que antes, e os que voltaram estavam tão magros e tão cansados que não podiam manter-se em pé, a não ser com dificuldade. Dos três que eram sem mancha, viera um e os dois ficaram. E quando todos voltaram a seu curral, tiveram muito grande sofrimento de fome, porque lhes faltou o pasto e tiveram de se separar uns para cá e outros para lá¹⁴⁶.

Em busca de uma explicação para essa visão, Galvão procura por um ermitão, que poderia explicar-lhe o significado de seu sonho. Esses religiosos constituíam uma fonte de sabedoria, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos divinos. É, portanto, o eremita que lhe desvendará o significado:

E eles partiram da corte e foram pela terra, que não pelo prado, porque não foram à confissão, como deviam fazer os que entram em serviço de Nosso Senhor, nem partiram com humildade nem com paciência, o que entendemos pelo prado verde, mas foram pela terra seca, onde não havia verdura, nem flor, nem fruta. Essa foi a carreira do inferno, onde todas as coisas são secas, que aí vão. E quando tornavam, morriam por isso os mais; e por isso haveis de entender que, ao voltar desta demanda, faltarão muitos, porque morrerão nela. E os touros que voltavam estavam tão magros e tão cansados, que dificilmente podiam manter-se de pé. Estes são os cavaleiros que da demanda escaparão e voltarão à corte, que estarão tão manchados de pecados e tão envolvidos neles que uns matarão os outros e não terão nem bondade nem virtude em que possam estar, que não caiam no inferno¹⁴⁷.

Os que caem no pecado são, portanto, todos aqueles que não se comportam como bons cristãos. É por isso que os cavaleiros pecadores da demanda não conhecerão as graças divinas, eles não se confessavam, não jejuavam, não se arrependiam e nem pediam perdão pelos seus pecados. Galvão é um típico exemplo da decadência humana

¹⁴⁶ DSG, 2008, p. 151-152.

¹⁴⁷ Idem. Ibidem, p. 158-159.

frente à perfeição divina: corrompe-se pela carne, fere o mandamento de não matar e durante quatorze anos não se confessou uma única vez. As virtudes cristãs não habitavam no sobrinho do rei, por isso ele é mau, por isso fracassa, constituindo-se em contra-exemplo. Da sua negação decorrerá, em parte, o modelo do bom cavaleiro.

Os sonhos, visões, eram muito recorrentes na Idade Média e serviam como um *exemplum*, pois a partir deles, um indivíduo teria a oportunidade de saber de seu futuro e mudar sua conduta de vida para alcançar a salvação. Há outros cavaleiros que também sonham com o que irá lhes acontecer, e as visões mais significativas são aquelas que envolvem os cavaleiros que se desvirtuam da conformação cristã de cavalaria: Galvão, Heitor e Lancelot. Mas, para esses três, há a possibilidade de redenção pelo arrependimento, facultada a todo cristão sincero em seus sentimentos.

Galvão, em vários momentos da narrativa, é agraciado com alternativas para mudar sua trajetória, por meio de conselhos, de sonhos, da palavra de um ermitão. Mas, embebido no pecado tão presente no mundo medieval, todas as suas ações só intensificam seu caráter concupiscente. A comunidade, cortês, à qual pertence e, principalmente, o meio cavaleiresco é antes de tudo uma comunidade de pecadores: há os que continuam pecando e não se arrependem; os que pecam, arrependem-se e tentam expiar seus pecados; e há os que nunca pecam, e que ademais o evitam por meio das penitências.

A vida social parece-lhe dirigida, em todos os níveis e em todos os seus mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avareza, a corrente de subordinações alimenta a inveja¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Carla Casagrande e Silvana Vecchio. “Pecado”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 337-351, p. 338.

De fato, na sociedade cristã medieval, e em especial na avaliação dos homens da Igreja, o pecado era onipresente. A nobreza, da qual a cavalaria passou a fazer parte em finais do século XII, era um grupo gerado e reproduzido no orgulho e no desejo de afirmação individual e da obtenção dos favores do senhor. É nesse meio cheio de vícios que o homem vive, que o cavaleiro deve mostrar-se não só bom no manejo das armas e no cumprimento do código cavaleiresco, mas também capaz, segundo a ótica daquela instituição, de resistir às tentações e aos desvios de sua salvação. O guerreiro deve, portanto, lutar contra o pecado, pois aquele que não consegue combater o mal, não pode ser considerado um bom cavaleiro segundo os moldes da Igreja, segundo o que propaga.

Esse propósito de luta contra os vícios, contenção dos pecados e cultivo das virtudes é bastante divulgado no *Livro da Ordem de Cavalaria*¹⁴⁹, uma espécie de manual elaborado pelo filósofo catalão Ramon Llull no século XIII. Nele é ensinado como um cavaleiro deve ser bom, deixar o pecado e se guiar nas virtudes e no respeito aos sacramentos cristãos.

Todo cavaleiro deve conhecer as sete virtudes que são raiz e princípio de todos os bons costumes e são vias e carreiras da celestial glória perdurável. Das quais sete virtudes são as três teologais e as quatro cardeais. As teologais são fé, esperança, caridade. As cardeais são justiça, prudência, fortaleza, temperança¹⁵⁰.

Das virtudes elencadas as principais são a fé e a fortaleza. A fé é importante porque por ela o homem tem esperança e acredita em Deus. E a fortaleza “é virtude que se encontra no coração nobre contra os sete pecados mortais, que são carreiras pelas quais vai-se aos infernais tormentos que não têm fim: gluttonia, luxúria, avareza, preguiça, (acídia), soberba, inveja, ira”¹⁵¹. Ora, Galvão, nosso arquétipo, e a maioria

¹⁴⁹ Doravante LOC.

¹⁵⁰ LOC, 2000, p. 89.

¹⁵¹ Idem. Ibidem. p. 95.

dos cavaleiros da Demanda, como veremos, não possuem essas virtudes. Eles são “Cavaleiros de fé apoucada e de pouca crença, estas três coisas que aqui vistes vos faltam e por isso não podeis vir à demanda do santo Graal que tendes nela honra”¹⁵². A fé compunha as virtudes teológicas e era segundo *O Livro da Ordem de Cavalaria* fundamental aos bons costumes que pertenciam ao cavaleiro, pois

Cavaleiro sem fé não pode ser bem acostumado porque, pela fé vê o homem espiritualmente a Deus e suas obras, crendo nas coisas invisíveis. E pela fé o homem tem esperança, caridade, lealdade, e é servidor da verdade. E pela fraqueza de fé, o homem descrê em Deus e nas suas obras e nas coisas verdadeiras invisíveis, às quais o homem sem fé não pode entender nem saber¹⁵³.

Desse modo seu livro era um manual, um ensinamento de como ser um bom cavaleiro, já que, segundo Llull, só se pode ser bom em alguma coisa quando se tem conhecimento sobre ela. “Pois nenhum cavaleiro pode manter a Ordem que não sabe, nem pode amar sua Ordem, nem o que pertence à sua Ordem, se não sabe a Ordem de Cavalaria, nem sabe conhecer as faltas que são contra sua Ordem”¹⁵⁴.

Llull era um homem religioso, mas que não pertencia ao clero secular e também não estava vinculado a nenhum mosteiro, embora tivesse simpatia pelos franciscanos. Mesmo sem vinculação oficial, ele representava o pensamento comum da Igreja, de enquadrar, de ensinar ao cavaleiro que para ser bom em armas e garantir o reino dos céus era fundamental ser bom cristão. Nesse sentido, temos a chance de observar em duas obras do século XIII, seja por um manual específico ou uma obra de cunho mais literário voltado para a corte, um claro intuito de regulamentação da atividade militar.

¹⁵² DSG, 2008, p. 153.

¹⁵³ LOC, 2000, p. 89.

¹⁵⁴ Idem. Ibidem. p. 09.

Num meio tão privilegiado para o desenvolvimento do pecado, como eram a cavalaria como instituição e as cortes reais, onde os cavaleiros se dirigiam para atingir fama, poder e prestígio social, a necessidade de um discurso normatizador e limitador não só da violência, mas do próprio comportamento do homem, como cristão, era uma questão presente e uma tarefa a ser realizada pela Igreja.

A nova atenção com que os homens da Igreja consideram os comportamentos sociais insere-se num contexto de um discurso ético que, a despeito da contínua insistência sobre a interioridade e a escolha individual, se molda cada vez mais pelo exercício da autoridade, dotado como os órgãos da justiça secular, de códigos próprios de justiça e de mecanismos de punição¹⁵⁵.

E um desses mecanismos de punição e de remissão dos pecados oferecido aos cristãos eram as confissões, o jejum, as orações constantes, maceração do corpo, que é o grande corruptor da alma. Mas entre tantos cavaleiros pecadores, poucos são os que se arrependem, a maioria compõe o modelo de mau cavaleiro com maior ou menor grau de características.

Aliado aos pecados religiosos, nosso arquétipo fere inescrupulosamente e conscientemente a ética e a moral da ordem de cavalaria. Houve historiadores, como Émile Théodore Léon Gautier¹⁵⁶, que classificaram os deveres dos cavaleiros em forma de decálogo, expressando um claro paralelismo com os dez mandamentos que Moisés recebera do próprio Deus para guiar a vida cristã. O cavaleiro deveria obedecer aos seguintes princípios:

1. Acreditarás em tudo que ensina a Igreja e observarás seus mandamentos.
2. Protegerás a Igreja.
3. Respeitarás todas as fraquezas das quais te constituirás defensor.
4. Amarás o país em que nasceste.
5. Não recuarás diante do inimigo.
6. Farás contra o inimigo uma guerra sem tréguas.

¹⁵⁵ Carla Casagrande e Silvana Vecchio. Op. Cit., p. 346-347.

¹⁵⁶ Citado por Heitor Megale em *O Jogo dos Anteparos...*, p. 20

7. Aceitarás exatamente teus deveres feudais, se eles não forem contrários à lei de Deus.
8. Não mentirás e será fiel à palavra dada.
9. Serás fiel e aceitarás a todos.
10. Serás o defensor do direito e do bem contra a injustiça e o mal, sempre e em todos os lugares.

Claro que essa foi uma organização subjetiva elaborada de acordo com as concepções de quem a elaborou, mas nela é possível perceber os deveres que os cavaleiros deveriam seguir e respeitar. No entanto, uma vez que esses deveres são tão enfaticamente apresentados nas fontes, presume-se que eles eram pouco respeitados e o não cumprimento deles acarretava violência gratuita contra todos aqueles que não podiam proteger seja suas vidas, suas plantações, suas mulheres, seus mosteiros.

Também era um descumprimento à ordem e conseqüentemente pecado matar um cavaleiro companheiro. Essa atitude é uma prática constante na *Demanda* e exemplificada com maior intensidade por Galvão, que mata Ivã, o bastardo; Patrides; Caleogrante; Erec; rei Pelinor; rei Bandemaguz. Grande parte desses homicídios ele pratica conscientemente, ou seja, sabia que estava lutando contra seus próprios companheiros, o que já constituía desrespeito à regra cavaleiresca. Além de combater com irmãos da mesa e não bastando vencê-los, nosso modelo, tomado pelo desejo da vingança, pelo pecado da ira e da inveja só se contentava com a morte do adversário.

É assim que, covardemente, ele tira a vida de Erec por orgulho e inveja. Tendo vencido um torneio, Galvão teria que lutar com o primeiro cavaleiro que aparecesse, no caso Erec, para garantir seu título de campeão. Após lutar e perder a batalha reconhece seu companheiro Erec, mas não acredita que ele poderia ser tão bom em armas a ponto de vencê-lo. Parte, então, em busca de vingança contra Erec, que invoca a Galvão o código de cavalaria:

Ai, dom Galvão, que é isto que dizeis? Lembrai-vos do juramento e da homenagem da mesa redonda, em que somos irmãos e companheiros, e não vos escarneçais nem confundais por tal homem como eu; porque, certamente, se me matardes, sereis por isso perjuro e desleal e jamais tereis por isso honra e estando eu como estou, mais vergonha e desonra vos advirá, porque estou ferido em tantos lugares que tanta força tenho como um cavaleiro morto¹⁵⁷.

Nessa passagem observamos, em um único cavaleiro, vários crimes contra a ordem cavaleiresca, pois também fazia parte dela não atacar cavaleiro ferido, que como tal seria incapaz de se defender. Após ter satisfeito a sua sanha, Galvão não se arrepende, o que é ainda mais grave: tem plena consciência do que fez. Uma das definições de pecado elaboradas pelos teólogos da Igreja afirma que “o pecado nasce, sempre e de todo modo, de um ato livre da vontade humana e já aparece completo em sua culpabilidade, antes mesmo de se traduzir em ação exterior”¹⁵⁸.

Por meio de nosso personagem, também podemos perceber o aparecimento da consciência de indivíduo, tema já tratado por Duby¹⁵⁹. A partir do século XII, com o desenvolvimento das cidades, da maior circulação de moedas, da melhoria das estradas etc. há uma recorrência crescente no sentido de ganhar – para os cavaleiros isso se traduzia em ganho –, além de riqueza, de fama, de prestígio, reconhecimento e admiração. Tudo isso era possível de ser adquirido pelos cavaleiros em torneios, servindo a um grande senhor, combatendo como mercenário; constitui-se assim uma valorização da pessoa, reconhecendo-se o indivíduo como tal, que mesmo consciente enquanto pessoa sabia da importância e da necessidade de formar uma família, de fazer parte de um grupo, de está vinculado a outros e ser por isso considerado pertencente ao corpo social. É nesse cenário que a consciência aflora e o indivíduo passa a refletir

¹⁵⁷ DSG, 2008, p. 328.

¹⁵⁸ Carla Casagrande e Silvana Vecchio. Op. Cit., p. 346-347.

¹⁵⁹ Georges Duby faz uma interessante análise sobre o despertar do indivíduo na Idade Média em “A Emergência do Indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIII”. In: Philippe Àries e Georges Duby. *História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

sobre suas ações. Como os modelos nunca são estanques, fixos, irredutíveis, em dois momentos da trajetória de Galvão observamos a atuação de sua consciência, de uma espécie de arrependimento por um instante, de um raio de bondade: no homicídio de Bandemaguz e na descoberta da traição de Lancelot. Analisaremos esses dois episódios mais adiante. Com esse afloramento da consciência, do arrependimento do erro cometido e da instituição de penas e a possibilidade de purgar os pecados que o homem pode sentir novamente a chance de salvação. Assim

O caráter remissível dos erros e o monopólio que a Igreja exerce sobre o poder de perdoar os pecados e de prescrever punições situam o binômio erro-castigo no interior de um sistema de trocas entre o mundo terreno e o Além (preces, penitências, indulgências), que constitui um dos elementos específicos da religião cristã¹⁶⁰.

Encontramos essa alusão aos sacramentos cristãos, à necessidade de confissão, do jejum, da oração. Todos esses sacramentos entraram no processo de adubamento do cavaleiro e demonstram o grande interesse da Igreja em englobá-lo nos seus moldes e nos princípios cristãos a cavalaria. Desse modo, para o escudeiro entrar na Ordem de Cavalaria, “convém que se confesse das faltas que fez contra Deus, ao qual quer servir na Ordem de Cavalaria; e se estiver sem pecado, deve receber o precioso corpo de Jesus Cristo segundo condiz”¹⁶¹. Essas insistências permanentes na manutenção da paz e do bom cumprimento de suas funções só denotam o quanto os cavaleiros descumpriam o que era dever deles, pois

Se cavaleiro que é tão honrado ofício, fosse ofício de roubar e de destruir os pobres e os despossuídos, e de enganar e de forçar as viúvas e as outras fêmeas, bem grande e bem nobre ofício seria ajudar e manter órfãos, viúvas e pobres. [...]. Se justiça e paz fossem contrárias, Cavalaria, que concorda com justiça, seria contrária à paz; e se o fosse, então estes cavaleiros que agora são inimigos da paz e

¹⁶⁰ Carla Casagrande e Silvana Vecchio. Op. Cit., p. 347.

¹⁶¹ LOC, 2000, p. 67

amam guerras e trabalhos são cavaleiros; e aqueles que pacificam as gentes e fogem de trabalhos são injuriosos e são contra a Cavalaria.¹⁶²

Uma aventura que envolve Galvão e seus irmãos vem confirmar a crueldade de sua linhagem e corroborar em elementos diversos o modelo de mau cavaleiro. Seus dois irmãos (Gaeriete e Morderete) lutavam sem se reconhecerem, até que Morderete pede ajuda a Galvão, também sem o reconhecer; após algum tempo combatendo, ao se ouvirem, percebem que todos os envolvidos eram irmãos e deram-se conta da grande aventura porque passavam. O importante aqui não é apenas o acaso que fez com que cavaleiros companheiros e irmãos se atacassem – algo muito comum na narrativa – mas o motivo pelo qual estavam combatendo: descumprimento das normas de cavalaria, segundo relata Gaeriete:

Eu o achei – disse ele – ontem nesta floresta, quando arrastava, na cauda de seu cavalo, uma donzela, que matara pouco havia. E nunca alguém de nossa linhagem fez tão grande deslealdade, e pela grande brutalidade que o vi fazer, fui a ele, porque não o reconhecia, mas defendeu-se muito tempo de mim, e deixou a donzela. A batalha durou muito; e mais durara, mas porque não viu seu proveito fugiu.¹⁶³

Por esse exemplo, percebemos que a obrigação de proteger donzelas em perigo não era assim tão bem respeitada como o código prescrevia. Por isso a necessidade de controlar a violência desmedida dos cavaleiros. Morderete também se envolve em outra má aventura em que ataca uma donzela:

Que mal fiz agora que não peguei aquela donzela e não fiz nela meu prazer! E se eu fosse cavaleiro como me dizem, não me escaparia assim. – Então voltou muito rápido e foi á donzela, e pegou-a pelo freio [...]. E quando ele viu que gritava assim, feriu-a e fez-lhe quantos escárnios pôde e pegou-a pelos cabelos e arrastou-a para um atalho e

¹⁶² Idem. Ibidem. p. 39 e 49.

¹⁶³ DSG, 2008, p, 268.

desonrou-a o pior que pôde, como quem era um dos bravos cavaleiros do mundo¹⁶⁴.

Ora, o ofício de cavaleiro era, segundo a ética que lhe foi instituída a partir do século XI, proteger os mais fracos, aqueles que não tinham capacidade de se defender; é isso o que faz o rei Bandemaguz, pois luta com Morderete para defender a donzela, e quando Galvão encontra seu irmão ferido mata o rei por desconhecimento. Sente-se culpado: “- Ai, Deus, como aqui há grande desgraça, que por tal desventura matei o melhor homem do mundo”¹⁶⁵. Pede perdão de joelhos ao rei, pois não o havia reconhecido, arrepende-se e, por fim, um “homem bom”, ou seja, um ermitão acredita em sua sinceridade:

- Senhor, por que fazeis tal lamentação? Vosso chorar não vos vale nada. Isto é já cousa passada. Deus lhe tenha piedade da alma. Mas, se vos aprouver, dissei-me quem é, e como teve nome, porque muito o desejo saber, porque o vi arrepender-se bem de seus pecados¹⁶⁶.

Esse é um dos dois únicos momentos que o nosso modelo apresenta algum sentimento de culpa, de arrependimento, de valor moral. Na companhia de seus irmãos continua a participar de más aventuras, atacando o melhor cavaleiro do mundo, o modelo do bem, Galaaz, por pura soberba como ele mesmo reconhece: “- Muito erramos que atacamos por nossa soberba. Ora podem bem rir de nosso escárnio ele e todos aqueles que a respeito ouvirem falar”¹⁶⁷. O orgulho e a inveja destacam-se entre os vícios do mal cavaleiro. É o orgulho ferido que o faz maldizer os habitantes de Corberic porque não conseguiu entrar no paço venturoso:

E quando iam pela rua, achavam muitos e muitas que riam e faziam escárnio deles, porque voltavam tão cedo do paço aventureiro. E depois que Galvão saiu do castelo, começou a maldizê-lo e a quantos

¹⁶⁴ Idem. Ibidem, p. 273.

¹⁶⁵ Idem. Ibidem, p. 276.

¹⁶⁶ Idem. Ibidem, p. 279.

¹⁶⁷ Idem. Ibidem, p. 466.

dentro moravam e disse que o ferisse tal corisco, que o derrubasse no fundo dos abismos¹⁶⁸.

É a inveja, o orgulho ferido e a ira por ter perdido a luta que o faz provocar por mentira a batalha entre Palamades, o bom cavaleiro pagão, e Galaaz. E é um cavaleiro pagão quem contesta admiradamente a honra do sobrinho de Artur: “-Dom Galvão, por que sois tão vilão e invejoso? Não tendes valor nem sois um dos corteses do mundo”¹⁶⁹. Esse sentimento ruim que ele nutre, assim como vários outros cavaleiros, contra a melhor linhagem, pode ser observado quando Boorz, terminadas as suas aventuras, chega à corte: “Mas o prazer que tinha a linhagem de rei Bam não tinha par, porque consideravam que tinham em seu bando um dos melhores cavaleiros do mundo. E quanto agradara a eles, tanto pesara a Galvão, porque a linhagem de rei Bam crescia”¹⁷⁰. A inveja, segundo Ramon Llull, era um vício de quem tinha pouca coragem e não estava capacitado a integrar a ordem de cavalaria:

Invidia é inveja desagradável à justiça, caridade, largueza, que convêm com Ordem de Cavalaria. Logo, quando o cavaleiro possui fraca coragem, não pode sustentar nem seguir Ordem de Cavalaria. Por falta de fortaleza, que não está na coragem do cavaleiro, a inveja expulsa de sua coragem a justiça, caridade, largueza; e por isso, é o cavaleiro invejoso de haver outros bens e é preguiçoso para ganhar semelhantes bens pela força das armas, e por isso diz mal daquelas coisas que gostaria de possuir daqueles que as possuem. Logo, por isso, inveja lhe faz cogitar como pudesse fazer enganos e faltas.¹⁷¹

Ao lado de seus irmãos, sua linhagem está condenada ao fim e a causar o fim da corte arturiana, pois é através deles que o rei Artur saberá da traição de Lancelot. Mas Galvão, por um instante, demonstra compaixão e senso de justiça, ao afirmar não ser capaz de acreditar nessa traição, pois Lancelote era tão leal cavaleiro que só poderia

¹⁶⁸ Idem. Ibidem, p. 517.

¹⁶⁹ Idem. Ibidem, p. 530.

¹⁷⁰ Idem. Ibidem, p. 582.

¹⁷¹ LOC, 2000, p. 101.

ter feito isso por força do amor, que transforma facilmente um leal em traidor. Apelando ao direito feudal, Morgana incita os irmãos a contarem toda a verdade ao rei: “[...] conjuro-vos, pela fé que me deveis e pela coisa do mundo que mais amais, que digais a meu irmão a verdade de Lancelot e da rainha. E o deveis fazer, porque sois seus vassallos e seus jurados, e se lhe mais encobrires, sereis perjuros e desleais”¹⁷². De acordo com as relações feudo-vassálicas, violar um juramento era tornar-se culpado de perjúrio, ou seja, de pecado mortal, pois “um juramento de fidelidade consistia numa promessa de ser fiel apoiada por um juramento. Este último não pressupunha só o apelo à divindade; implicava ainda o toque de uma *res sacra*, relíquia, evangeliário etc.”¹⁷³

Em um de seus momentos de lucidez, Galvão alerta aos seus irmãos que o conhecimento, por todos, sobre a traição da rainha só levará ao fim do reino, pois isso provocaria uma guerra entre Lancelot que era o melhor cavaleiro do mundo e o principal representante da tão temida linhagem de rei Bam. Mas, presos aos laços vassálicos de lealdade e fidelidade ao rei deviam honrá-lo contando toda a verdade, com isso também podiam ter, ainda que remota, a possibilidade de eliminar a melhor linhagem. Assim, a guerra “que nunca mais terá fim”, instaura-se na corte do rei. Mas, é o próprio Galvão quem incita a vingança: “E isto vos digo, porque se agora fizésseis paz estando na hora de vos vingardes, vo-lo teriam por mal os vossos e os estranhos”¹⁷⁴. E, quando a paz é instaurada, insiste novamente na vingança: “[...] aquela paz não demorou muito, porque depois veio aí rei Artur, como todo seu exército para vingar a morte de seus sobrinhos e isto foi por conselho de Galvão”¹⁷⁵.

Trata-se esse, apenas, do personagem que encarna mais intensamente todas as características condenáveis a um cavaleiro e, portanto, serve de base, na narrativa, para

¹⁷² DSG, 2008, p. 271.

¹⁷³ F. L. Ganshof. *Que é o Feudalismo?* Portugal: Publicações Europa-América, 1974, p. 44

¹⁷⁴ DSG, 2008, p. 609.

¹⁷⁵ Idem. Ibidem, p. 611.

a elaboração do modelo de mau cavaleiro. Mas, há outros cavaleiros que enriquecem esse modelo, como por exemplo, Eliezer e Dalides, que cometem suicídio porque orgulhosamente se julgavam grandes cavaleiros e, ao descobrirem outros melhores, não suportam a verdade e atentam contra a própria vida; Arciel, acometido pela luxúria, disputa com seu irmão uma donzela e acaba matando os dois; três cavaleiros irmãos que eram invejosos e covardes e odiavam a linhagem de rei Bam, mas que foram vencidos por Galaaz; os cinco cavaleiros da Deserta, que também odiavam a linhagem de Bam: “Todos estes cinco eram cavaleiros de grandes feitos, mas eram pobres, e por isso tinham muita inveja da linhagem de rei Bam, porque os viam ricos e honrados e pareciam-lhes que a eles não faziam tanta honra nem tanto amor como mereciam”¹⁷⁶.

A cavalaria, embora fosse regida por um código próprio e agrupada por sentimentos de pertença de seus membros, não era de modo algum homogênea. Havia muitas diferenciações em sua constituição: muito de seus componentes não tinham nascido naquela nobreza tradicional, formada há várias gerações, muitos não eram ricos e só conseguiram melhores condições com muito tempo de prática guerreira, como Erec, cujo avô tinha sido um cavaleiro pobre, mas devido ao seu valor de armas e acúmulo de prestígio, tornou-se muito poderoso e chegou a ser rei. Esse exemplo literário confirma um dado real, pois assim também aconteceu com Guilherme, o Marechal; ele teve que enfrentar muitas batalhas, servir fielmente ao rei e, devido aos seus valores cavaleirescos e a sua honra, conseguiu se tornar “o melhor cavaleiro do mundo”¹⁷⁷. Portanto, no meio cavaleiresco, havia distinção e reconhecimento herdados por aqueles que descendiam de altas linhagens, importantes não só materialmente como pelos seus valores guerreiros e por sua honra. Havia uma hierarquia a ser obedecida e que governava a cavalaria:

¹⁷⁶ Idem. *Ibidem*, p. 383.

¹⁷⁷ Georges Duby. *Op. Cit.* 1987.

E, para significar que um só Deus é senhor de todas as coisas, o imperador deve ser cavaleiro e senhor de todos os cavaleiros; mas, porque o imperador não poderia por si mesmo manter e reger todos os cavaleiros, convém que tenha abaixo de si reis que sejam cavaleiros, para que o ajudem a manter a Ordem de Cavalaria. E os reis devem haver abaixo de si condes, condores¹⁷⁸, varvesores¹⁷⁹ e assim os outros graus de Cavalaria; e debaixo destes graus devem está os cavaleiros de um escudo, os quais sejam governados e possuídos pelos graus de Cavalaria acima ditos¹⁸⁰.

Atingindo a capacidade de portar armas, o cavaleiro não integrava mais a família sanguínea, da qual fazia parte, agora era preciso partir para uma grande corte e receber os ensinamentos necessários; por não ser o filho primeiro e conseqüentemente não ter direito à herança, a chance de conseguir um bom casamento e constituir sua própria família era servir a um grande senhor. No entanto, muitos

[...] continuavam a errar sem morada certa, não podendo constituir família por não terem casal ou senhoria onde se instalar. A estes chamaram os coevos “*juvenes*” ou “*pueri*”, os jovens. Não se tratava de uma condição etária, mas social, abrangendo todos aqueles adultos que se encontravam excluídos da família sem entretanto haverem fundado um núcleo familiar próprio: camponeses sem pouso fixo que ganhavam o sustento a alugar-se como agricultores ou pastores; guerreiros da aristocracia em busca de fortuna, pela difícil obtenção de uma esposa com dote ou por feitos fáceis de armas; e também tentavam outra vida clérigos com ordens menores e sem vinculação a quaisquer igrejas, as quais cumpriam para os religiosos funções de família artificial”¹⁸¹.

Essa nova família formada no aprendizado da corte e nas batalhas era uma família fraternal, unida por laços de solidariedade, ainda que facilmente dissolvidos

¹⁷⁸ Segundo nota do tradutor, esse seria um grau imediatamente inferior ao conde na hierarquia feudal catalã.

¹⁷⁹ Esse cargo corresponderia a infanções em Portugal, de acordo com o tradutor.

¹⁸⁰ Ramon Llull. Op. Cit., p. 27.

¹⁸¹ João Bernardo. Op. Cit., p. 131.

quando a inveja e a sede de riqueza rápida colocavam em xeque os interesses dos envolvidos. Mesmos frágeis, esses laços são muito prezados pelo homem medieval, que considerava todo aquele que vivia sozinho como à parte da sociedade e, portanto, suscetível ao mal. São esses filhos secundogênitos, também à margem, pois desprovidos de qualquer possibilidade de riqueza por herança, que vão à busca de glória e de reconhecimento pessoal. Mas, nessa busca muitas vezes desenfreada, a violência atingia seu ápice e a carnificina reinava entre a população desprotegida. É o que observamos em diversas obras do período, como as que aqui abordamos.

Essa violência é muito bem percebida na ação do rei Mars, em muitos aspectos semelhante à conduta do rei Artur¹⁸². O rei da Cornualha age contra Camaalot com a justificativa inicial de a corte arturiana ter abrigado seu sobrinho Tristão, que havia fugido com sua esposa, Isolda. Claro que esse era um motivo de investida para vingar sua honra; “e, nesse contexto, todos os homens são abrangidos, jovens ou velhos, casados ou solteiros, clérigos ou leigos. Sua violência tem por toda a parte o mesmo perfil, o de uma luta para defender sua honra e a de sua parentela”¹⁸³. Mas, o motivo de fundo para atacar Artur era o desejo de apossar-se de um reino tão poderoso como o reino de Logres; lá viviam os melhores cavaleiros do mundo e a terra era rica e abundante; além do mais, era uma vingança por ter perdido seu cavaleiro para outro rei, pois Tristão, que era um dos melhores cavaleiros, servia desde então à corte arturiana.

Os cavaleiros eram o braço armado dos grandes senhores feudais e das cortes régias mais importantes. O poder de um rei era também medido pelo valor de seus cavaleiros; seus guerreiros garantiam segurança e defendiam o reino de ataques, propiciando, pelo menos nesse espaço regido pelo poder real, uma paz tão necessária. Portanto, um rei sem cavaleiros estaria suscetível a ataques de inimigos, e é justamente

¹⁸² Analisaremos essa questão no quarto capítulo.

¹⁸³ Claude Gauvard. “Violência”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 605-6013, p. 612.

o que acontece a Artur. O Rei Mars ataca sua corte quando descobre que todos os melhores cavaleiros haviam partido de Logres em demanda do Graal:

[...]. E depois fez meter fogo à vila e fez tão grande mortandade nos homens que lá estavam, que pouco deles ficaram vivos. E depois que mataram as pessoas, queimaram a vila e tomaram o castelo, saíram e seguiram o seu caminho muito felizes como o grande ganho que tinham feito¹⁸⁴.

Os atos do rei da Cornualha, Mars, reafirmam os elementos que caracterizam o mau cavaleiro. Ele ataca pessoas inocentes que não tinham como se defender; é covarde, fugindo da batalha quando chegam Galaaz e Palamades, além de ser vingativo e traiçoeiro: “Quando se deitaram, pegou rei Mars a peçonha que trazia para seu sobrinho Tristão e deu-a a beber a Galaaz e a Farão, o negro; e depois que fez isto, voltou a seus homens alegre e com muito grande prazer, porque bem se teve por vingado”¹⁸⁵.

Sua segunda investida contra o reino de Logres é quando a corte arturiana já está praticamente destruída por seus conflitos internos. Os cavaleiros que restaram tornaram-se eremitas e a população estava desprotegida de qualquer ataque. É nesse cenário devastado que o rei Mars, mesmo já velho, ainda pretende conquistar Logres. “Então ordenou aos seus uma crueldade que nunca rei cristão fez: que não deixassem de matar homem e mulher que achassem”¹⁸⁶. Arrasa com o reino já assolado, destrói o símbolo da corte arturiana, a tábola redonda e, para finalizar sua crueldade, é aconselhado a matar os últimos da linhagem de Bam que se tornaram ermitães. Seu último intuito não é concluído e acaba sendo morto por um cavaleiro da famosa linhagem, até então desconhecido, Paulas.

¹⁸⁴ DSG, 2008, p. 423.

¹⁸⁵ Idem. Ibidem, p. 453.

¹⁸⁶ Idem. Ibidem, p. 643.

A deslealdade e desonra do Rei Mars já havia se manifestado desde a sua juventude, quando violentou sua sobrinha e, para não ter sua maldade descoberta, manteve-a presa até o parto para então deixá-la às feras junto com o filho. Esse bastardo era Meraugis de Porlegues, um bom cavaleiro que entrará para a mesa-redonda e participará da “postumeira festa”¹⁸⁷. A crueldade do rei da Cornualha chocava-se até mesmo com os limites impostos à violência daquele período, como “a interdição da mulher grávida, que nenhum homem deve tocar, inclusive o carrasco, ou ainda com a da criança, considerada sagrada. Todo desrespeito a essas regras é um sacrilégio ou o sinal de uma violência selvagem que faz comparar o homem ao lobo”¹⁸⁸. Diante de todas as más ações que praticou, contrárias ao bom cristão, é que ele não merece o descanso em solo sagrado: “E os ermitães pegaram o corpo de rei Mars e enterraram-no diante da ermida, fora do sagrado, porque o tinham por um dos desleais homens do mundo”¹⁸⁹.

Todos os maus cavaleiros aqui apresentados têm um fim trágico. Galvão morre em combate com Lancelote e nada é dito sobre seu sepultamento, se recebeu uma bênção final ou se foi enterrado numa ermida; Morderete mata seu próprio pai, e também tio, Artur, e para servir de exemplo sua cabeça é separada de seu corpo e colocada em uma torre. A última maldade de Morderete foi ter se revoltado contra o rei Artur e tentado usurpar seu reino, logo, cometeu crime vassálico.

Assim, todos os cavaleiros que compõem o perfil de mau cavaleiro terminam por não alcançar as graças divinas, por isso são condenados e por isso são retratados, para que todos saibam que agir mal, contra os desprotegidos, e não se comportar como bons cristãos só acarretará dor e sofrimento, impedindo-os de alcançar a salvação. Esse

¹⁸⁷ Essa expressão refere-se à última vez em que os cavaleiros escolhidos, os doze bons cavaleiros, participarão do manjar do Graal.

¹⁸⁸ Claude Gauvard. Op. Cit., p. 611.

¹⁸⁹ DSG, 2008, p. 646.

tipo de cavaleiro em nada contribuía para a manutenção e reprodução da ordem social, pois desequilibrava seu funcionamento, atentava contra a estabilidade.

2.4. Caracterização do Modelo de Mau Cavaleiro

Considerado o caráter paradigmático que o personagem Galvão assume na narrativa, o quadro a seguir reúne as principais características do mau cavaleiro na

Demanda do Santo Graal:

Quadro 3. Características do Cavaleiro Mundano (*miles diabolicus*)

GALVÃO	DESLEALDADE
	TRAIÇÃO
	PERJÚRIO
	VILANIA
	BRAVEZA
	INVEJA
	MENTIRA
	MALDADE
	LUXÚRIA
	ARROGÂNCIA
	COVARDIA
	ALEIVE
	ORGULHO
	IRA
	INCESTO
	DESDÉM
	BRUTALIDADE
	DESONRA A PALAVRA
	ATACA DONZELA
	LINHAGEM VILÃ
	PRAZER MUNDANO
	FERIR O CÓDIGO
	SEM FÉ
FERE O CÓDIGO	
MAU CRISTÃO	

O quadro apresenta todas as características que encontramos nos cavaleiros condenados em suas configurações. Todos esses qualificativos apresentavam-se em maior ou menor intensidade nos exemplos mostrados, e formavam uma base comum

que nos fez apreender a constituição do modelo de mau cavaleiro. Podemos traçar brevemente o seu perfil, conjugado em Galvão:

- Passa por uma prova de honra e termina manchando seu nome;
- Numa segunda prova todos ficam sabendo do mal que poderá vir por suas mãos;
- Com sua arrogância desobedece ao rei;
- Parte em busca de aventuras saindo antes de todos sem assistir à missa;
- Durante toda a narrativa não se confessa e nem recebe o corpo de Cristo;
- Ataca cavaleiros não importando se são seus companheiros;
- Desobedece o código de cavalaria;
- Recorre ao código quando lhe convém;
- Jura em falso;
- Por mais de cem anos reinos ficarão órfãos em consequência de suas ações;
- Em dois momentos demonstra ter valor: defende Lancelot e se recusa a contar ao rei sobre a traição da rainha;
- Por um instante se arrepende: quando descobre ter matado o rei Bandemaguz;
- Mesmo após a explicação do ermitão sobre o significado do seu sonho, não espera por seus conselhos;
- Por sua soberba ataca o melhor cavaleiro do mundo, sem o reconhecer, e o despreza;
- Sofre de ira por não poder entrar em Corberic;
- Provoca a discórdia, por inveja e orgulho, entre Galaaz e Palamades;
- Luta com seus irmãos e só depois os reconhece;
- Ataca um companheiro de mesa mesmo quando o reconhece;
- Luta com cavaleiro ferido;
- Sente muita inveja da linhagem de rei Bam;
- Incita a vingança do rei contra a linhagem de Bam;
- Morre sem arrepender-se.

Esse entendimento deveu-se a análise da DSG que, apoiada n'*O Livro da Ordem de Cavalaria* permitiu-nos discernir tudo aquilo que convinha ao cavaleiro e o

que era condenado. Fundamenta, na narrativa, o modelo negativo como seu exemplo principal e fundamento da construção, Galvão; conjugados em ações estão seus irmãos Agravaim e Morderete, e todos os filhos desse último que também tentam usurpar o trono do reino arturiano. A linhagem constituía um elemento fundamental na caracterização desses cavaleiros e à própria diferenciação interna, pois mesmo que muitos atingissem a condição de cavaleiro, fazer parte de uma boa linhagem, ou seja, virtuosa nas armas e na honra, pressupunha herdar dela todas essas qualidades. No entanto, muitos cavaleiros de linhagens respeitadas desonravam seus antepassados, agindo contra a ordem de cavalaria e contra o corpo social do qual faziam parte. Esses cavaleiros, assim como todos os homens que se isolavam da família e eram por isso considerados perigosos, constituíam um mal que não poderia ser predominante na sociedade.

A cavalaria era caracterizada por sua atividade guerreira, e conseqüentemente, pela violência intrínseca a ela. É contra o livro curso dessa violência, crescente na sociedade feudal dos séculos XI e XII, que a Igreja, ao longo de várias assembléias¹⁹⁰, elabora os conceitos de *Pax Dei* e *Tregua Dei*. O cavaleiro deveria ser *pacíficus*:

Esta necessidade de o guerreiro cristão ser *pacíficus*, dizia respeito não apenas ao objetivo das guerras que seria levado a fazer e no curso das quais teria por dever buscar primordialmente a conclusão não de qualquer paz, mas de uma justa: por ser *pacíficus*, ele precisava adotar uma atitude adequada na maneira de fazer a guerra, quer dizer, evitar toda violência inútil, estar desprovido de todo sentimento de ódio e de todo espírito de vingança, mostrar-se atento para nunca realizar escolhas que pudessem pôr em dificuldade os fracos ou os violentos.¹⁹¹

¹⁹⁰ Abordaremos essa questão mais detalhadamente no terceiro capítulo.

¹⁹¹ Franco Cardini. “Guerra e Cruzada”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 473-487, p. 476.

A Paz de Deus era a proibição de violência contra determinados locais (santuários, hospícios, estradas) e contra as pessoas que não podiam se defender porque não portavam armas (*inermes*): religiosos, mulheres desacompanhadas, camponeses. Já a Trégua de Deus proibia o uso das armas em determinados dias da semana: impedia-se de combater entre a noite de quinta-feira e a manhã de segunda.

Assim, embora sem proibir *tout court* a guerra (o que seria impensável numa sociedade em que se verificava uma supremacia de guerreiros), limitava-se a guerra o mais possível, submetendo-se às exigências de recuperação da vida social e econômica e da reforma da Igreja¹⁹².

Essas assembléias que instituíram tornam-se cada vez mais freqüentes, evidenciando que as interdições não eram respeitadas e que os cavaleiros continuavam abusando de seu poder de armas. Esses cavaleiros que continuavam agindo contra a cristandade, contra seus próprios irmãos indefesos, é que eram considerados pelo discurso clerical maus cavaleiros, e é diretamente a eles que o discurso eclesiástico moralizante é dirigido, no intuito de moldá-los, enquadrá-los e garantir a harmonia de todo o corpo social.

¹⁹² Cardini. Op. Cit., 1989, p. 59.

Capítulo 3. DECLARANDO AS VIRTUDES: O *MILES SANCTUS*

A Demanda do Santo Graal constitui uma visão de mundo dual e, assim como pode ser observada na concepção do homem daquela época, apresenta um universo formado por dois planos: o terrestre e o celestial. Acompanhando estes dois planos haverá uma distinção entre os cavaleiros apresentados na obra, configurando também uma visão da sociedade: existem homens mais preocupados com sua vida terrena e outros que se preocupam com seu caminho espiritual.

Os homens tratados na fonte são guerreiros, fazem parte de uma vida militar caracterizada pelo uso da violência e têm como função estabelecer e garantir a paz a todos, especialmente os que não poderiam se proteger. Esse era o interesse da sociedade que se via cada vez mais ameaçada por essa força armada que tinha como função proteger a todos, mas promovia justamente o contrário. Diante dessa necessidade de paz, de regulação da violência e de enquadramento social é que percebemos na obra, que constitui uma visão literária, mas nem por isso de toda fictícia, a expressão da sociedade do período. Como obra dual, assim como o mundo, nela os cavaleiros são divididos entre os bons (que seguem uma vida reta, de justiça e trilhando o caminho da salvação) e os maus (cavaleiros pecadores, que desonram a ordem de cavalaria e vivem embriagados pelos prazeres do mundo).

Para a compreensão desses cavaleiros estabelecemos modelos, de acordo com a análise que fizemos da obra conjugada com outra fonte do século XIII, *O Livro da Ordem de Cavalaria*. O exemplo do mau cavaleiro já foi analisado no primeiro capítulo e, neste, analisaremos o modelo do bom cavaleiro, representado por Galaaz.

Galaaz é uma construção ideal, baseada na perfeição, na bondade e justiça divina, ele de fato constitui um exemplo, um bom exemplo, o válido, o que deve ser reconhecido e seguido por todos. Ele não só é um bom cavaleiro, talvez essa

característica torne mais acessível sua “realidade” entre os outros cavaleiros que passariam a vê-lo como o modelo de guerreiro a ser adotado, mas também é um bom cristão, ele nunca peca, nem em pensamento, e passa toda a vida confessando-se, jejuando e orando. Ele foi o escolhido para dar fim às aventuras do reino de Logres e junto com mais dois cavaleiros, Persival e Boorz, formam o trio que alcança o Graal. Esse modelo do bem é superexaltado, suas atitudes e descrições o aproximam muito mais de um santo do que de um homem; ele nunca erra, nem mata seus adversários, quando o faz se arrepende e teme ter cometido um grande erro; nunca ataca outros cavaleiros, apenas defende-se; não procura glória “vã”; é virgem. Todas estas qualidades na prática estavam muito distantes da realidade dos cavaleiros, especialmente porque eles eram humanos e por isso cometiam pecados; chega a ser um tanto contraditórias todas essas características de Galaaz, porque faziam parte do universo guerreiro buscar pela glória, ser reconhecido como bom cavaleiro e obter fama, conquistar as damas, procurar aventuras e atacar cavaleiros. Neste sentido, a idealidade de Galaaz, obviamente, não é na prática plenamente alcançada, por ser um modelo extremo que agrega todas as virtudes cristãs, constitui o melhor exemplo a ser seguido. O modelo do bom cavaleiro é nossa base de análise para entender o intuito da Igreja de propagação de um bom exemplo no sentido de enquadrar a ordem de cavalaria e aristocracia feudal.

Muitos cavaleiros que serviam a grandes senhores como mercenários foram incorporados à estrutura feudal recebendo em compensação doação de terras, propriedades, isenções de taxas e outros privilégios. Esses benefícios adquiriram caráter feudal e estabeleceram vínculos de lealdade e fidelidade. Nos séculos seguintes, esse grupo de guerreiros formará uma instituição, uma corporação que assume um caráter honorífico, ético, cultural.

Ela se fecha no início do século XIII e se transforma em casta, que exige, para a investidura de um jovem, a prova de que quatro de seus ancestrais ao menos haviam sido eles próprios nobres e cavaleiros. (...). A nobre corporação dos guerreiros de elite se transforma em confraria guerreira dos nobres de elite¹⁹³.

Os séculos XII e XIII teriam sido o auge da cavalaria, pois, segundo Cardini, não se falava de outra coisa: “a alta aristocracia e mesmo o rei abandonam os seus títulos gloriosos para se ornarem simplesmente – e foi o caso de todos os grandes monarcas da época, desde Ricardo Coração de Leão a S. Luis – com o título de cavaleiro”¹⁹⁴.

A partir do século XIII, o armamento cavaleiresco tornou-se mais pesado para diminuir o perigo e a agressividade dos torneios, que sofriam duras condenações por parte da Igreja, conseqüentemente também ficaram mais caros não só as armas, como todas as estruturas – deveres, cerimônia de sagração, vestuários e banquetes – necessárias para tornar-se cavaleiro ficaram mais onerosas. Tanto que muitos nobres que desejavam ascender à cavalaria, o evitaram e permaneceram “donzéis”, ou seja, escudeiros, e continuavam como aspirantes a entrar na ordem.

Foi também nesse quadro de instabilidade e disputas internas entre a aristocracia, de violência e desproteção aos mais fracos que a Igreja, única instituição então estabelecida com força, vai agir no intuito de minimizar, controlar, limitar a brutalidade então reinante na sociedade e tentar de alguma forma introduzir uma ordem e uma paz. Mas devemos ter atenção para o fato de a atividade guerreira ser primordial para aquela sociedade, não só em termos econômicos, mas por mais contraditório que

¹⁹³ Jean Flori. *A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p. 40.

¹⁹⁴ Franco Cardini. “O Guerreiro e o Cavaleiro”. In: Jacques Le Goff. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, pp. 57-78, p. 68.

possa parecer para a própria manutenção da ordem social. Assim, a guerra era necessária, no entanto, era preciso regulamentá-la.

A Idade Média era época de insegurança endêmica, reconhecia-se na prática das armas uma atividade legítima e necessária, no âmbito da manutenção ou da restauração de um equilíbrio que se via continuamente perturbado ou ameaçado por forças exteriores à Cristandade ou por forças situadas no interior da própria Cristandade mas rebeldes a toda ordem¹⁹⁵.

Para se proteger da devastação provocada pelas guerras entre senhores locais, dos saques tão comuns cometidos por nobres, a própria Igreja confia a sua defesa a guerreiros recrutados com a finalidade de defendê-la de ataques violentos. Sendo assim “a condição e a dignidade cavaleirescas exigem que o uso da força fosse feito com moderação e conforme uma ética de justiça, colocando-a ao serviço de Deus e dos *pauperes* (“pobres”, “humildes” ou “fracos”)¹⁹⁶. Como o rei não consegue fazer exercer o seu poder e dever de proteção cabe aos habitantes locais procurarem de alguma forma a proteção de seus bens e de suas pessoas. Desse modo

Ao mesmo tempo, e de várias maneiras, a Igreja tenta inculcar nesses cavaleiros, e depois em toda a cavalaria, um ideal elevado: a proteção das igrejas, dos fracos e dos desarmados (*inermes*) no interior da Cristandade; a luta contra os infiéis, no exterior. A tentativa só em parte é coroada de êxito, e a Cruzada não chega a mobilizar longamente os guerreiros em uma “cavalaria cristã” a serviço da Igreja. O aspecto religioso não está ausente da ideologia cavaleiresca, mas constitui apenas uma de suas facetas¹⁹⁷.

Essa tentativa por parte da Igreja de regular a violência assenta-se no ideal de paz difundido por Cristo quando de sua vinda ao mundo, à propagação de uma

¹⁹⁵ Franco Cardini. “Guerra e Cruzada”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 473-487, p. 473.

¹⁹⁶ Idem. *Ibidem*. p. 473.

¹⁹⁷ Jean Flori. “Cavalaria”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2006, pp. 185-199, p. 186.

mensagem de não praticar a agressão, não sujar as mãos com sangue de um igual. A mensagem de Cristo era de amor ao próximo incondicionalmente (“amai-vos uns aos outros como eu vos amei”), um amor universal dirigido a todos os povos. São várias as razões que podem justificar esse pacifismo cristão:

A obrigação do juramento militar podia chocar alguns cristãos, hostis a todo “juramento”; a veneração das insígnias de Roma, intensificada pelo desenvolvimento do culto imperial, podia ser assimilada à idolatria. A espera do retorno de Cristo, que se acreditava iminente, devia ser, segundo as profecias, precedida pelo surgimento do Anticristo, que Paulo dizia “reprimido” em sua época; era, certos cristãos estimavam que o Anticristo só poderia aparecer após o desaparecimento do Império Romano. Todos esses elementos, todavia, parecem ter desempenhado um papel apenas secundário. A principal razão dessa rejeição continua sendo o respeito da ordem divina de não matar¹⁹⁸.

Por isso, a Igreja condena todos os cristãos que pegam em armas e sujam as mãos com sangue humano; isso também é outra forma de diferenciação entre a Igreja e os laicos, configurando sua preponderância quanto aos demais, pois assim como Cristo, os religiosos não deveriam utilizar armas. Claro, que isso não se aplica de forma unânime, pois muitos dos abades, oriundos da nobreza, que recebiam uma paróquia como forma de feudo, pegavam em armas para defender seu benefício; essa situação é de fato percebida entre os monges que constituem a igreja regular, mas mesmo entre eles posteriormente esse quadro se modificará com a criação das ordens religioso militares e a difusão da ideologia de “guerra justa”.

Nos primórdios do Cristianismo, na época de sua regulação de culto e oficialização como religião, ele afirmou-se nos quadros do Império Romano e reafirmou sua “lealdade às instituições imperiais e, por conseguinte, sua compatibilidade com a

¹⁹⁸ Jean Flori. Op. Cit., 2005, p. 129.

pax romana”¹⁹⁹. Com essa identificação do império que agora se tornava cristão, era necessário defender suas fronteiras dos ataques dos “povos bárbaros”, levando a uma sacralização dos exércitos imperiais e à elaboração da noção de “guerra justa” por Santo Agostinho:

A guerra justa era um mal, mas um mal menor em vista do triunfo da injustiça, e apenas merecia seu nome ao satisfazer três exigências fundamentais: inicialmente, devia ser defensiva e almejar unicamente a reparação da injustiça; em seguida, devia ser declarada por autoridade oficialmente constituída e reconhecida, e, por conseguinte, não podia resultar da vontade pessoal de ninguém; enfim, seu objetivo devia ser a restauração de uma paz iluminada por uma justiça autêntica²⁰⁰.

Desse modo, sendo impossível abster-se da guerra e da prática de uso das armas, o cristão poderia amenizar o caráter violento de sua função guerreira sendo um cavaleiro pacífico (*miles pacificus*). Muitos teóricos medievais refletiram sobre a necessidade do cristão pegar em armas e como ele devia combater pelo espírito, configurando uma cavalaria mística, evitando que os vícios e paixões mundanas o controlassem, entre esses intelectuais estão Bernardo de Claraval e Ramon Llull; trataremos aqui deste último, pois ele elaborou um manual de comportamento aos cavaleiros: *O Livro da Ordem de Cavalaria*.

As informações que temos sobre Ramon Llull chegaram até nós pelas suas próprias palavras. Ele mesmo contou sua vida aos monges cartuxos de Vauvert em sua autobiografia intitulada *Vida Coetânea*. Dela, duas versões resistiram ao tempo: uma em latim e outra em catalão²⁰¹. Ramon Llull ou Raimundo Lúlio nasceu provavelmente

¹⁹⁹ Cardini. Op. Cit., 2006, p. 474.

²⁰⁰ Idem. Ibidem, p. 475.

²⁰¹ Há uma edição publicada: Ramon Llull. *Vida Coetânea*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2000; e outra hospedada no sítio http://www.ramonllull.net/sw_studies/l_br/t_luisacosta.htm

entre os anos de 1232-1235 em Palma de Maiorca, e morreu em 1316, quando voltava da Tunísia²⁰².

A ilha de Maiorca pertencia à região da Espanha²⁰³, que era habitada por povos das três grandes religiões monoteístas: judeus, cristãos e muçulmanos. “Por sua vez, a ilha de Maiorca possuía características culturais peculiares que imprimiram um tom universalista à obra de Lull”²⁰⁴. Estas características podem ser observadas pelos seus diferentes habitantes, entre os quais se incluíam mercadores pisanos e genoveses, muçulmanos e judeus. Estes diferentes grupos conviviam em paz, “embora não fossem cordiais, tampouco eram agressivas as relações entre os três grupos, cujo ponto de convergência era o respeito à autoridade real”²⁰⁵.

O pai de Lull havia ajudado o rei Jaime I, o Conquistador, na conquista da ilha de Maiorca e por isso foi recompensado com algumas propriedades. Assim, Ramon Lull foi educado na corte real. “Sua educação foi direcionada para a carreira das armas, fato que influenciou consideravelmente sua produção posterior, imprimindo ao seu estilo um tom elegante e gracioso, por vezes cerimonioso”²⁰⁶.

É interessante notar que a autobiografia de Lull pouco diz respeito à sua vida antes da conversão. Quando faz referência a isso, é sempre para reafirmar como ela era fútil e frívola, pois estava “na plenitude de sua juventude e afeito na arte de encontrar

²⁰² Há uma lenda que ele tenha sido apedrejado até a morte.

²⁰³ Segundo Piñero Valverde, em “Terra das Fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII”. In: Lênia Márcia Mongelli (coord.). *Mudanças e Rumos: O Ocidente Medieval (séculos XI - XIII)*. Cotia, SP: IBIS, 1997, nos séculos XI e XII o que se concebia por Espanha não era exatamente o que entendemos hoje. A Espanha correspondia à *Hispania romana*, designava toda a extensão da Península Ibérica, ou seja, os territórios portugueses e espanhóis.

²⁰⁴ Ricardo da Costa. “Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Lull”. In: Ricardo da Costa; Moisés Romanazzi Tôres e Adriana Zierer (dirs.). *Mirabilia 1. Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*. (ISSN 1676-5818).

²⁰⁵ Piñero Valverde. Op. Cit., p. 159.

²⁰⁶ Ricardo da Costa, “Apresentação”. In: Ramon Lull. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Lull), 2000, pp. XIII-XLVI, p.XVI.

compor canções e ditados das loucuras deste mundo”²⁰⁷. Ramon Llull foi casado com Blanca Picany, com quem teve dois filhos: Domingos e Madalena. No entanto, deixou sua família, suficientemente dotada de bens que garantissem seu sustento, para melhor dedicar-se ao serviço de Deus. Ramon Llull recebeu inspiração divina, de acordo com o que nos conta sua autobiografia. Para servir a Deus, ele escreveria “o melhor livro do mundo” contra o erro dos infiéis. “Considerando de novo que, mesmo concedendo-lhe Deus, com o tempo, escrever o livro predito, pouco ou nada, no entanto, poderia fazer sozinho, em especial por ignorar completamente a língua árabe, própria dos Sarracenos”.²⁰⁸ Desse modo, o filósofo catalão teve a idéia de incitar Papas e Reis cristãos a construírem mosteiros onde as pessoas estudassem a língua dos infiéis. E assim três coisas estavam firmemente concebidas em seu espírito: “aceitar a morte por Cristo, convertendo ao seu serviço os Infiéis; escrever o tal livro, se Deus lho concedesse, assim como solicitar a fundação de mosteiros para que neles se aprendessem diversas línguas”²⁰⁹.

Em vários momentos Llull, de acordo com a *Vida Coetânea*, sentiu medo, revelando sua fraqueza humana. Assim, Ramon Llull ficou apavorado e cheio de dúvidas várias vezes: quando Cristo lhe apareceu crucificado; quando não entendeu qual a vontade de Deus com aquelas visões; quando não soube o que fazer com o escravo que atentou contra sua vida; quando não partiu no navio para pregar aos infiéis. Todos esses momentos serviram para o propósito que Llull buscou divulgar na *Vida Coetânea*: o Senhor é misericordioso para com aqueles que se arrependem e se convertem à fé católica. Parece ser esse o grande sentido da sua biografia: Ramon Llull era um homem pecador que se converteu, deixou os sabores do mundo, sentiu medo, teve dúvidas,

²⁰⁷ Ramon Llull. *Vida Coetânea (1311)*. São Paulo: Instituto de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000, p. 01.

²⁰⁸ Idem. *Ibidem.*, p. 02.

²⁰⁹ Idem. *Ibidem.*, p. 02.

sofreu, foi humilhado e ainda assim não desistiu de seu propósito. A maneira como sua biografia foi construída tinha o intuito de servir como um exemplo: qualquer pessoa também poderia servir a Deus se construísse uma vida digna, reta nos caminhos cristãos.

Dentre as obras de Llull destacamos:

O Livro da Ordem de Cavalaria;

Livro do Gentil e dos Três Sábios;

Livro da Alma Racional;

Felix, ou Livro das Maravilhas;

Livro da Árvore Imperial.

A vida desse homem ilustra bem a realidade do período e nos ajuda a esclarecer a concepção cristã a respeito da guerra, sua posição em relação a outras religiões e o que a cavalaria deveria fazer para não pecar contra Deus. Llull escreveu em uma época em que a *Demanda do Santo Graal* circulava na Península Ibérica²¹⁰. Ele tinha conhecimento sobre as narrativas arturianas²¹¹ e o seu próprio texto direcionava-se no mesmo sentido: os cavaleiros precisavam voltar seus olhos a Deus, deixando os vícios em que estavam mergulhados e lutar para salvaguardar a religião cristã do inimigo infiel. Os propósitos de Llull para uma cavalaria cristã conjugavam-se com o ideal das cruzadas e de “guerra justa”.

3.1 O Que é Ser um “Bom Cavaleiro”?

Esta cavalaria mística a que Ramon Llull tanto fazia referência encontrou sua justificativa em São Paulo, em “o gládio do espírito, que é a palavra de Deus”; entre

²¹⁰ Essas narrativas, na verdade, desde muito tempo, pelo menos a partir do século IX, já circulavam em toda a Europa por meio de relatos orais e faziam muito sucesso entre os homens daquele período, seja como diversão nas cortes ou como ideal que se admirava e pretendia-se seguir.

²¹¹ Em uma passagem do *Livro da Ordem* é mencionado que um grande rei de grandes costumes reunirá sua corte: “E pela grande fama que tinha nas terras de suas cortes, um esbelto escudeiro, só, cavalgando em seu palafém, dirigia-se à corte para ser armado novo cavaleiro”. (LOC, 2000, p.05).

outros aspectos, a referência serviria para uma alegorização das armas cavaleirescas e uma resignificação cada vez mais cristã de sua função, como a simbologia da espada:

Ao cavaleiro é dada a espada, que é feita à semelhança da cruz, para significar que assim como nosso Senhor Jesus Cristo venceu na cruz a morte na qual tínhamos caído pelo pecado de nosso pai Adão, assim o cavaleiro deve vencer e destruir os inimigos da cruz com a espada. E porque a espada é cortante em cada lado, e Cavalaria é para manter a justiça, e justiça é dar a cada um o seu direito, por isso a espada do cavaleiro significa que o cavaleiro com a espada deve manter a Cavalaria e a justiça²¹².

Mas, a guerra do início do Cristianismo foi ganhando progressivamente outros contornos e tornou-se cada vez mais violenta, desenvolveu-se com as migrações germânicas e, nos séculos IX e X, atingiu uma ferocidade e brutalidade no seio de uma sociedade fragmentada politicamente e sujeita a ataques de senhores locais. Foi nesse curso que as próprias estratégias de guerra e melhorias técnicas nos armamentos propiciaram uma melhor defesa e um ataque mais vantajoso. Uma dessas melhorias foi o choque frontal com a lança em posição horizontal fixa apoiada sob o braço do cavaleiro, plenamente adotada no século XII. Com isso, “a eficiência da lança não depende mais da força do braço do guerreiro, mas da velocidade do cavalo: o cavaleiro forma um todo com sua montaria e esse “projétil vivo” beneficia-se da potência que lhe confere o galope do cavalo”²¹³. A violência desses combates pode ser observada na luta entre Erec, o cavaleiro que nunca mente e Ivã, das brancas mãos:

[...]. Depois que isto foi dito, deixou-se correr um ao outro tão bravamente que escudos e lorigas não os puderam guardar, que se não metessem pelas carnes nuas os ferros das lanças, e meteram-se em terra os cavalos sobre os corpos tão maltratados, que bem haveriam mister mestre, porque não houve aí tal que não fosse muito ferido, um à morte, e este foi Ivã das brancas mãos; o outro não tão mal, e este foi

²¹² LOC, 2000, p. 77.

²¹³ Flori. Op. Cit., 2006, p. 187-188.

Erec; e eles se ergueram sanhudos e com pesar grande, porque ambos eram de forte ânimo e tinham vontade de se vingar um do outro, e deitaram mão de suas lanças, pois tão acesos estavam, que não sentiam as chagas que tinham; e depois puxaram das espadas e atiraram-se um ao outro como leões, e deram-se tão grandes golpes que maravilha era, e andaram assim com muita pressa, que não havia nenhum deles que não tivesse sete feridas, antes de se separarem a primeira vez²¹⁴.

O armamento cavaleiresco era principalmente o cavalo, o escudo, a lança e a espada. Com o decorrer dos séculos este armamento foi se tornando cada vez mais pesado e mais custoso de ser adquirido; mas nessa época, a partir do século XII, as armas de combate e as estratégias de ataque junto com o desenvolvimento de selas mais adaptadas e do estribo para uma melhor fixação do cavaleiro e condução do cavalo fizeram com que as lutas travadas entre esses homens fossem verdadeiras carnificinas.

Com a desestruturação do poder central que se fragmentava crescentemente, os senhores locais solicitavam entre seus próprios vassalos o serviço militar; a Igreja que era uma grande detentora de terras e uma das que mais sofria com os ataques, saques e pilhagens promovidos pelas hordas de nobres que não possuíam o direito à herança, também recrutava defensores – são os “vassalos-guerreiros das Igrejas” – de seus bens tão cobiçados. Essa atitude da Igreja constituía-se em certa medida como contraditória, visto que para escapar das depredações múltiplas e pilhagens suscitadas pelas riquezas (relicários, objetos ornados em ouro e pedras preciosas) de suas paróquias ela acabava por contratar os serviços guerreiros. No entanto, “a função específica desses guerreiros facilitava oportunamente a adoção de orações anteriormente reais ou principescas, muito ricas em elementos éticos que incluem, entre outros, a defesa e a proteção da Igreja no sentido amplo do termo”²¹⁵. Tendo próximos a si esses homens de armas, a

²¹⁴ DSG, 2008, p. 324.

²¹⁵ Flori. Op. Cit., 2005, p. 37.

Igreja acreditava inculcar-lhes um dever sagrado para com ela, pois todas as armas eram abençoadas no altar, assim como as ferramentas dos camponeses e assim como o leito do casal os instrumentos de trabalho dos cavaleiros recebiam a bênção cristã.

O intuito de controlar a violência ganhou corpo com as instituições da *Pax Dei* e *Tregua Dei*. Estas deliberações de interdições à prática militar foram resultantes de vários concílios a partir do século X (Le Puy, 975; Charroux, 989; Narbonne, 990, etc.) e ao longo do século XI (Narbonne, 1054; Clermont, 1095), e se divulgaram por todo o Ocidente, embora nunca fossem plenamente respeitadas, haja vista a recorrência com que estas reuniões eram realizadas. A Paz de Deus era destinada à proteção daqueles que não tinham capacidade de se defender, que não portavam armas, como religiosos, peregrinos, mulheres, mercadores; e de lugares: igrejas, cemitérios, mercados, mosteiros. Dessa forma os cavaleiros estavam proibidos de atacar, roubar ou extorquir todos aqueles que não podiam se defender, sob pena da interdição de alguns sacramentos e da perda de sepultamento em local sagrado. Logo depois a Trégua de Deus, sinalizando ainda a necessidade de regulação da violência visto que as medidas anteriores pareciam não funcionar muito bem e precisavam de complementação, tentava restringir ainda mais a atividade militar estabelecendo a suspensão do uso de armas da noite de quinta-feira à manhã de segunda-feira, em lembrança da paixão e ressurreição do filho de Deus.

O objetivo dessas instituições de paz não é colocar a guerra fora da lei, sendo ela privada, mas reservar seu uso a um período limitado e a uma categoria determinada de indivíduos, que praticam entre eles esse esporte perigoso: os guerreiros profissionais. Trata-se de promulgar regras para eles, um código deontológico impregnado de valores cristãos²¹⁶.

²¹⁶ Idem. Op. Cit., 2006, p. 192.

Estas medidas da Igreja de certa forma obtiveram algum êxito e ajudaram a formar a ética cavaleiresca, pois a partir do século XIII os rituais de adubamento estavam consideravelmente impregnados dos valores cristãos, como observado na descrição feita por Llull: “o escudeiro deve jejuar na vigília da festa, por honra do santo da festa. E deve vir a Igreja orar a Deus na noite antes do dia em que deve ser feito cavaleiro; deve velar e estar em preces e em contemplação e ouvir palavras de Deus e da Ordem de Cavalaria”²¹⁷. Foi exatamente isso que fez o cavaleiro bom, o ideal, modelo de verdadeiro guerreiro de Cristo: “Aquela noite, ficou Lancelot ali e fez Galaaz vigília na Igreja”²¹⁸. Para se tornar cavaleiro era ainda necessário fazer a confissão e receber o corpo de Cristo: “No princípio, quando o escudeiro deve entrar na Ordem de Cavalaria, convém que se confesse das faltas que fez contra Deus, ao qual quer servir na Ordem de Cavalaria; e se estiver sem pecado, deve receber o precioso corpo de Jesus Cristo segundo condiz”²¹⁹.

A cavalaria, portanto, podia ser uma forma de servir a Deus, desde que guiada pelos princípios cristãos, pelo ideal de “guerra justa”; já que o uso das armas era inevitável para garantir a proteção, ele devia ser feito com certo controle, não extrapolando em violência gratuita, usando as armas somente para a própria defesa e dos que não eram capazes de fazê-lo, protegendo os cristãos. Isso era uma “guerra justa”, pois “ofício de cavaleiro é manter viúvas, órfãos, homens despossuídos; porque assim como é costume e razão que os maiores ajudem a defender os menores, e os menores achem refúgio nos maiores, assim, é costume da Ordem de Cavalaria”²²⁰. Entretanto, quando os cavaleiros usavam de seu poderio militar, do temor que causavam a população para fazer o mal, ou seja, destruir plantações, fazer pilhagens, saques,

²¹⁷ LOC, 2000, p. 67.

²¹⁸ DSG, 2008, p. 20.

²¹⁹ LOC, 2000, p. 67.

²²⁰ Idem. Ibidem, p. 37.

destruir igrejas, aterrorizar os indefesos, eles praticavam uma “guerra injusta”, porque sem chance de defesa e com propósitos ignóbeis, visando somente interesses pessoais, e transformavam-se em maus cristãos.

Logo, se isto é assim, e os cavaleiros que agora existem, usam do ofício de Cavalaria sendo injuriosos e guerreiros e amadores do mal e de trabalhos, pergunto qual coisa eram os primeiros cavaleiros, que se concordavam com justiça e com paz, pacificando os homens pela justiça e pela força das armas? Pois, assim como nos tempos primeiros, é agora ofício de cavaleiro pacificar os homens pela força das armas; e se os cavaleiros guerreiros, injuriosos, que existem nestes tempos em que estamos, não estão na Ordem de Cavalaria nem possuem ofício de cavaleiro, onde está Cavalaria, e quais e quantos são aqueles que estão em sua Ordem?²²¹

Com a inserção cada vez mais constante nos assuntos da cavalaria, a Igreja buscava inserir no mundo dos guerreiros os valores cristãos de paz, piedade, misericórdia e justiça. Sendo inviável acabar com a atividade militar, mesmo porque ela era necessária para a reprodução social e econômica daquela sociedade, os clérigos pretendiam através dos seus poderes de mediadores entre o homem e Deus controlar, regular o comportamento humano. Os cristãos desejosos de salvação e de atingir a glória do Paraíso tinham como alternativa seguir os caminhos indicados por aquela que representava Deus na Terra. Bom, isso todos sabiam, mas como humanos, falíveis, e impregnados dos sabores mundanos, muitos não cumpriam com seu verdadeiro dever de cristão e cometiam os pecados mais repudiados pela religião: o derramamento de sangue e os prazeres da carne, a luxúria. E esses dois pecados eram territórios intimamente conhecidos pelos cavaleiros. A atividade guerreira fazia parte da própria identidade desses homens e juntamente com ela, como uma compensação, ainda que fortuita, parcial, limitada, a possibilidade do prazer terreno. Portanto, o discurso da Igreja estava

²²¹ Idem. Ibidem, p. 49.

direcionado principalmente para esses homens, que viviam dos prazeres mundanos danosos à sociedade.

As decisões tomadas nos concílios e direcionadas aos homens daquela época só indicavam a necessidade premente de controlar, ainda que limitadamente, a ação desses guerreiros. Afirmou-se, então, o que um cavaleiro, bom, porque bom cristão, deveria praticar para ser merecedor do Paraíso e da função que lhe foi encarregada. Uma boa maneira de fazer circular essas idéias de bondade guerreira baseada nos valores cristãos para a aristocracia guerreira era através das literaturas de corte, dos romances de cavalaria, romances cortesês que faziam tanto sucesso entre a nobreza militar. Estes romances eram lidos e muitos encomendados por senhoras de cortes importantes, um tipo de mecenas das letras, como Leonor da Aquitânia e Marie de Champagne²²², para distrair, divertir a corte e seus pares. Mas, cumpre registrar que essa literatura cavaleiresca, de evasão, não era simplesmente contemplação fictícia, mesmo porque se o fosse não faria tanto sucesso entre seus principais interessados. Esses romances circulavam ideais de um grupo, e junto com isso divulgavam os valores cristãos e as resoluções dos concílios que precisavam chegar de alguma forma até estes homens; sem a fixidez de documentos oficiais, mas com o aroma do prazer da literatura de corte seria mais fácil atingi-los.

Assim, a DSG, que é uma novela de cavalaria do século XIII, apresenta como temática a busca dos cavaleiros da corte de Artur pelo Graal, o santo cálice; mas nem todos os cavaleiros conseguiram participar da “postumeira festa”, somente os bons, bons guerreiros cristãos, chegaram a conhecer seus segredos, eles são os “verdadeiros cavaleiros”, aqueles que não estavam em pecado mortal.

²²² Marie propôs a Chrétien de Troyes, que serviu em sua corte, Champagne, uma das mais famosas do século XII, o tema que tornou-se o maior exemplo de literatura cortês e de “serviço amoroso”: o amor adúltero, que resultou na obra mais conhecida de Chrétien: *Lancelot, o cavaleiro da charrete*.

Eu vos direi – disse ele – o que é a demanda do santo Graal buscar. Tanto quer ser como buscar as maravilhas da santa Igreja e as coisas escondidas e as maravilhas e os grandes segredos que Nosso Senhor não quis outorgar que alguém os achasse que estivesse em pecado mortal. A demanda do santo Graal é, pois, que Ele separou os bons cavaleiros dos maus, como o grão da palha. E quando ele separar os luxuriosos dos bons cavaleiros, então mostrará a estes homens bons e a estes bem-aventurados as maravilhas que andam buscando do santo Graal. Então os acumulará do bem do santo Graal e da sua santa graça e do abençoado manjar de que falaram os profetas e os homens bons desta terra, que isto sabiam já, que das coisas que haviam de vir falaram singelamente: e isto acontecerá, quando escondidamente desta abençoada demanda, que é chamada graça do santo Graal, serão acumulados os bons cavaleiros que verdadeiramente se confessarem e se arrependerem de seus pecados e limpamente se guardarem em tão grande feito como este que declaradamente é serviço de Nosso Senhor²²³.

É nesta situação que a *Demanda do Santo Graal* se insere, uma obra repleta do universo cavaleiresco que através do toque religioso cristão poderia alcançar o objetivo da Igreja de divulgação da paz e da justiça encarnada pelo bom cavaleiro Galaaz. Ele é o principal elemento de veiculação desse ideal através de suas ações e de sua conduta exemplar. Ele é o modelo do bom cavaleiro.

2.3 Modelos Espirituais e as Virtudes Cultiváveis – Galaaz, o *miles sanctus*

A linhagem era um fator determinante do que poderia ser um homem na Idade Média. A linhagem conferia distinção, honra, confiança de caráter, reafirmação de um pai valoroso num filho que o renovaria. De tal modo, Galaaz tornou-se cavaleiro pelas mãos de seu pai; não poderia ser de outro, pois Lancelot era “o melhor do mundo”²²⁴ e o mais honrado de cavalaria. Ele era um

²²³ DSG, 2008, p. 167.

²²⁴ Lancelot é conhecido em toda a narrativa por ser “o melhor cavaleiro do mundo”, todos os seus companheiros o reconhecem por essa qualidade.

Modelo ideal de comportamento, admirado e imitado por quantos amavam a boa cavalaria, para ele dirigiam-se aqueles que almejavam, desde o momento de adubação, uma vida cavaleiresca cercada de glória. Por isso, dele, só dele, deveria partir o ato que introduziria, no seio da cavalaria, aquele a quem estava destinada a maior das honras terrenas: o seu filho, Galaaz²²⁵.

Galaaz possuía uma origem muito nobre, pois descendia por linha materna dos reis de Corberic – investidos da sagrada função de guardiões do Graal. Do lado paterno provinha da linhagem do Rei Bam, bastante temida e admirada por todos que prezavam a boa cavalaria. Seu pai, Lancelot do Lago²²⁶, era o mais ilustre representante dessa estirpe de valorosos guerreiros. É dele que Galaaz herdará não somente a destreza das armas e os feitos cavaleirescos, como também o título de “o melhor cavaleiro do mundo”. Aliás, consegue ir mais longe que seu pai, pois é reconhecido como o “melhor dos melhores”. Dada a sua linhagem terrena, possuía também, como “santa cousa e santa creatura”²²⁷ que era, possuía também uma ascendência de grande valor espiritual: “[...] o cavaleiro desejado, aquel que vem do alto linhagem del-rei David e de Joseph Daramatia, per que as maravilhas desta terra e das outras haverám cima”²²⁸.

Como ideal de bom cavaleiro, Galaaz compartilhava de uma linhagem santa, de homens muito bons, que foram exemplos de verdadeiros cristãos. Essa necessidade de justificar uma ascendência valorosa sempre foi muito presente nas hagiografias, que para melhor divulgarem um santo e propagarem seu culto vinculavam seu parentesco com uma linhagem nobre. No entanto, mesmo descendendo de tão alta estirpe, o cavaleiro esperado carregava uma grande mácula. Ele era fruto de uma relação sacrílega entre Lancelot e a filha do Rei Peles. Não fosse isso suficiente, os seus pais não se

²²⁵ Rita de Cássia Perreira. *O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. p. 86

²²⁶ Por escritos anteriores Lancelot também é conhecido como Lancelot do Lago.

²²⁷ Durante toda a narrativa Galaaz é visto por todos, principalmente pelos eremitas, como uma criatura santa.

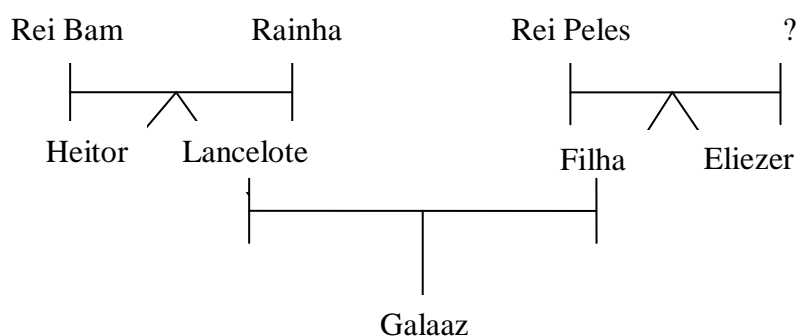
²²⁸ DSG, 1955, p. 19.

casaram e ele se tornou, portanto, um bastardo. Mas, ainda assim era merecedor da graça divina.

Ca Deus, que te fêz nascer em tal pecado, como tu sabes, por mostrar seu gram poder e sa gram virtude, te outorgou – per sua piedade e pela boâ vida que tu começaste de tua meninice ataaqui – **poder e força e bondade de armas e de ardimento sôbre tôdolos cavaleiros que nunca trouxerom armas no regno de Logres**; assi que tu daras cima tôdalas outras maravilhas e aventuras, u tôdolos outros falecerom²²⁹.

Com essas informações é possível traçar a genealogia de Galaaz:

Quadro 4. Genealogia de Galaaz



A bastardia era muito freqüente na Idade Média, as violências cometidas pelos senhores locais, inclusive por reis²³⁰, às donzelas resultavam em filhos que provavelmente descobriam sua origem e iniciavam novas guerras para receber o patrimônio ou ser reconhecido como filho. Filho legítimo era somente aquele nascido no casamento, no sacramento sob o aval da Igreja e da comunidade cristã. “Desde os séculos IV e V, teólogos, sínodos e concílios preocuparam-se em fixar a doutrina cristã do matrimônio, e particularmente em determinar suas condições de validade”²³¹. O casamento cristão caracterizava-se por ser monogâmico e indissolúvel. Aliado a isso com o controle progressivo da Igreja sobre o comportamento social, foi proibido o

²²⁹ DSG, 1955, p. 07. (grifo nosso).

²³⁰ Como visto no capítulo 2, Rei Mars deflora sua própria sobrinha e dela tem um filho.

²³¹ Anita Guerreau-Jalabert. “Parentesco”. In: Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II. pp. 321-336, p. 326.

casamento em consangüinidade até o 7º grau canônico; com a idéia de parentesco batismal foi proibido o casamento entre padrinhos e afilhados, entre compadres. Devido à complexidade dessas regras canônicas, com o concílio de Latrão IV (1215), a proibição do casamento consangüíneo foi até o 4º grau e sem mais envolver as parentelas espirituais. Toda essa proibição evidenciava “um fortalecimento progressivo do controle da Igreja sobre a aliança, em uma evolução que se insere ao mesmo tempo nas concepções do mundo próprias ao cristianismo e no desenvolvimento conexo dos fundamentos e do papel do parentesco em uma sociedade totalmente cristã”²³².

Além da coesão das famílias por consangüinidade, natural e irrefutável, havia também a união por alianças matrimoniais, que sempre selavam o fim de uma disputa entre duas linhagens, reafirmavam o desejo de ligação entre dois grupos, promoviam acordos econômicos e, principalmente, restabeleciam a paz. Contudo, todos os homens estavam ligados pelo parentesco espiritual, a comunidade cristã, reafirmado pelo batismo, um elemento estruturador daquela sociedade. “A consangüinidade, definida por regras de natureza social e não biológica, rege o recrutamento dos grupos de parentes, mas também a transmissão dos bens materiais e simbólicos”²³³. Este regime de parentesco era muito importante no meio cavaleiresco, no qual os grupos de cavaleiros distantes de sua família de origem, porque precisavam partir para uma corte e aprender o manejo das armas, ligavam-se por laços simbólicos de camaradagem, convívio, divisão de tarefas; passando mais tempo com pessoas desconhecidas e aprendendo com elas a, de fato, enfrentar a vida, acabavam por formar uma verdadeira família, em que todos eram “iguais” e possuíam um sentimento de pertença grupal. No

²³² Idem. *Ibidem*, p. 326.

²³³ Guerreau-Jalabert. *Op. Cit.*, p. 322.

entanto, essa união não era assim tão harmônica, visto que as disputas entre os próprios integrantes da corte eram muito comuns e com conseqüências desastrosas²³⁴.

Mesmo com todas as interdições da Igreja sobre o casamento, as linhagens nobres só aumentavam suas redes de relações:

Esse sistema permite à aristocracia tecer amplas redes baseadas na afinidade, nas quais se combinam os elos de longa e muito longa distância, cobrindo a totalidade do espaço da Cristandade, e os elos locais, sustentando parcialmente as relações hierárquicas de vassalagem²³⁵.

Numa época em que as famílias, para assegurarem o patrimônio dentro de sua própria linhagem permitiam somente ao primogênito o casamento, eliminavam desse modo a possibilidade de fragmentação da riqueza; e os filhos segundos, desprovidos de herança, partiam em busca de novos rumos para suas vidas. Essa chance poderia ser obtida com a fama de sua cavalaria, capaz de proporcionar um casamento, quem sabe, vantajoso. Nesse jogo matrimonial, assim como os filhos segundos, as mulheres também ficavam fora da sucessão;

Se as mulheres são (parcialmente) excluídas do jogo da sucessão, não é por causa de um princípio unilinear que rege a filiação, mas em virtude de processos sociais nos quais se combinam a preeminência dos homens e o imperativo patrimonial. Este último acaba de fato constituindo “linhagens de herdeiros”, às quais demos o nome de “topolinhagens”, quer dizer, linhagens formadas pelos que sucessivamente guardam o patrimônio principal (os “próprios”), cada um visando reproduzir de forma idêntica ou aumentar, em um sistema globalmente em homeostasia, os elementos materiais e simbólicos de uma posição social que repousa antes de tudo sobre a dominação de terras e dos homens que as ocupam²³⁶.

²³⁴ No segundo capítulo relatamos as conseqüências das intrigas de Galvão e seus irmãos para a corte arturiana.

²³⁵ Guerrau-Jalabert. Op. Cit., p. 328.

²³⁶ Idem. Ibidem, p. 325.

A linhagem estava, portanto, intimamente ligada à nobreza e às suas próprias regras de manutenção e reprodução social; e como cavalaria e nobreza haviam se fundido, tornando-se um só corpo social, “Linhagem e Cavalaria se convêm e se concordam, porque linhagem não é mais que continuada honra anciã, e Cavalaria é Ordem e regra que se mantém desde o começo dos tempos em que foi iniciada, que adentrou até os tempos em que estamos”²³⁷. Desse modo, as atividades do cavaleiro aproximavam-se cada vez mais dos costumes da nobreza.

O cavaleiro deve cavalgar, justar, lançar a tábola, andar com armas, torneios, fazer távolas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões, e as outras coisas semelhantes a estas que são ofício de cavaleiro; pois por todas essas coisas se acostumam os cavaleiros a feitos de armas e a manter a Ordem de Cavalaria. Ora, menosprezar os costumes e a usança disso pelo qual o cavaleiro é mais preparado a usar de seu ofício é menosprezar a Ordem de cavalaria²³⁸.

Todos esses costumes são costumes nobres, a nobreza tinha como um de seus principais divertimentos a caça. E a caça do javali – por ser um animal feroz e que demanda grande força e coragem para ser capturado – era exclusividade do nobre, o camponês era proibido de caçar esse animal, a ele ficavam destinados animais de menor “estirpe”, menos imponentes, menos “nobres”. Defendendo a linhagem na cavalaria e a ordenação social, Ramon Llull afirma que a cavalaria não poderia ser rebaixada com a entrada de camponeses para suas hostes:

Se por beleza de feições e pelo grande corpo acorde com ruivos cabelos e pelo espelho da bolsa, escudeiro deve ser armado cavaleiro, do belo filho de camponês ou da bela fêmea poderás fazer um cavaleiro; e se o fazes, desonras a antiguidade da honrada linhagem e a menosprezas, e a nobreza que Deus deu ao homem

²³⁷ LOC, 2000, p. 57.

²³⁸ LOC, 2000, p. 29.

mais que à mulher rebaixas em vileza. E por tal menosprezo e desonra aviltas e rebaixas a Ordem de Cavalaria²³⁹.

Além de tudo isso, o nobre é belo, o que significava ser bom, uma vez que Deus era bom e, antes de qualquer coisa, era belo. A beleza constituía-se como um sinal de nobreza. Galaaz possuía essa distinção também, todos que o conheciam admiravam-se de sua boa aparência “porque naquele tempo não se podia achar em todo o reino de Logres donzel tão formoso e tão bem feito”²⁴⁰ e louvavam que tão belo cavaleiro só poderia ser muito bom de armas, visto que Deus não daria tão grande bênção a quem não a merecesse.

Somado a todas as qualidades que o cavaleiro deveria possuir enquanto alguém “nobre”, ou seja, digno de admiração, respeitável, reputado, ser generoso também era ter uma atitude nobre principalmente para com a Igreja que recrutava dessa classe, de nível social elevado, até mesmo seus próprios santos. Ou seja, nobreza (conseqüentemente cavalaria) e santidade estavam intimamente ligadas.

Al presentear la vida religiosa, ante todo, como um combate incessante contra el “antiguo enemigo”, la espiritualidad monástica encontró un amplio eco en el seno de una sociedad guerrera cuya ética profana (lo que los autores germánicos llaman *Ritterliches Tugendsystem*) privilegiaba los valores militares²⁴¹.

A Igreja com toda sua estrutura hierárquica e organizacional própria compunha-se por um clero comumente dividido em clero secular e clero regular. Havia entre esses últimos aqueles que eram considerados verdadeiros “homens de Deus”, santos, geralmente religiosos reclusos em mosteiros ou eremitérios, que viviam de forma muito pobre e possuíam um grande poder de intercessão junto ao Criador. Muitos desses homens eram oriundos de famílias humildes, no entanto a santidade sempre esteve

²³⁹ LOC, 2000, p. 57.

²⁴⁰ DSG, 2008, p. 21.

²⁴¹ André Vauchez. *La Espiritualidad del Occidente Medieval*. Madrid: Cátedra, 1985, p. 51.

muito associada às elites. Um homem santo geralmente possuía uma origem nobre e quando isso não ocorria os hagiógrafos procuravam de alguma forma encontrar em seus antepassados algo que legitimasse um nascimento glorioso.

A crença, que então se afirmou, de que um santo só pode ser nobre de que um nobre tem mais possibilidades de vir a ser santo do que qualquer outro homem, não era, pelo menos no início, uma superestrutura ideológica imposta pelas classes dominantes ou pela Igreja; tinha raízes na convicção, comum ao cristianismo da Antiguidade tardia e ao paganismo germânico e partilhada tanto pelas classes dominantes como pelas classes dominadas, de que a perfeição moral e espiritual dificilmente se podia desenvolver fora de uma linhagem ilustre²⁴².

Nosso modelo de bom cavaleiro confirma essa descendência ilustre, o que só contribui para confirmar sua eleição e sua exemplaridade como o “melhor cavaleiro do mundo”. Sua chegada à corte arturiana evidencia seu caráter especial, sua singularidade em relação aos demais cavaleiros, pois acompanhado de um raio de sol, que significa luz, iluminação não só material como espiritual, Galaaz é confirmado como o cavaleiro que durante muito tempo teve sua espera aguardada e profetizada: “- Deus, beento sejas tu, que te prouve de tanto viver eu, que eu, em minha casa, visse aquêle onde tôdolos profetas desta terra e das outras profetizarom, tanto gram tempo há já”²⁴³. É possível já perceber as relações claras entre o cavaleiro esperado e Cristo. Assim como o filho de Deus, que teve sua vinda anunciada pelos profetas como o Messias que viria libertar o povo eleito, Galaaz também tem uma vinda predita e com um propósito: “dar cima às aventuras do reino de Logres”²⁴⁴. Suas primeiras palavras ao entrar no paço são “A Paz esteja convosco”.

²⁴² Idem. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989, p. 215.

²⁴³ DSG, 1955, p. 21.

²⁴⁴ Nas narrativas anteriores à Demanda Galaaz foi anunciado como cavaleiro que terminaria todas as aventuras do reino de Logres.

A santidade sempre esteve ligada desde o início do cristianismo aos mártires que buscavam imitar a vida de Cristo, sofrendo privações, sacrificando-se em prol de uma vida fundamentada nos valores propagados pelo Filho de Deus.

De fato, mais em profundidade, é a própria natureza da santidade que se modifica: deixa de ser fruto de contemplação do mistério infinito de um Deus de fato diferente do homem e quase inacessível, para se tornar uma imitação de Cristo “imagem visível do Deus invisível” que é feita passo a passo para um dia, se ascender à eternidade bendita²⁴⁵.

Passado os primeiros séculos da era cristã, quando a Igreja e seus fiéis deixaram de ser perseguidos e passaram a perseguidores, sentiu-se uma necessidade crescente de retorno àquele cristianismo primitivo, no qual o cristão sofria o martírio por defender sua fé. Esse retorno esteve ligado ao movimento monástico. “O movimento monástico é, pois, realmente uma seqüência ininterrupta, mas depende das condições históricas, de afirmações de uma vontade de retorno a uma verdadeira vida apostólica”²⁴⁶. O mosteiro passou a ser assim o lugar privilegiado de uma verdadeira forma de vida cristã, onde somente nele se vivenciava uma cristandade plena e autêntica, por isso cada vez mais foi feita uma associação entre vida monástica e santidade. Entre esses homens religiosos que levavam uma vida muito santa destacavam-se os eremitas, que viviam isolados no deserto ou nas florestas, em cima de árvores, chamados de *dendritas*, ou em cima de montes, os *estilistas*. O cavaleiro perfeito, Galaaz, que era tão “santa cousa e honrada”, apareceu, desde o início da narrativa, acompanhado de um ermitão. Estes homens santos afastavam-se do mundo secular e refugiavam-se do mundo buscando uma maior ascese espiritual.

Era no cenário do deserto que o servo de Deus, tal como o apresentam os mais antigos textos hagiográficos – por exemplo, as *Vitae Patrum* –

²⁴⁵ Vauchez. Op. Cit., 1989, p. 218.

²⁴⁶ Jacques Berllioz. *Monges e Religiosos na Idade Média*. Lisboa: Terramar, 1994, p. 07.

conquistava os poderes que depois exercia em prol da humanidade, resistindo às tentações de todos os tipos que o assaltavam. Na realidade e apesar de todos os esforços destinados a dissimular os seus carismas, essas personagens rapidamente se tornaram famosas devido às excepcionais privações a que se sujeitavam. Depois de abandonarem o mundo da cultura pelo mundo da natureza, alimentavam-se quase exclusivamente de ervas e frutas silvestres, que comiam crus, e não tinham qualquer cuidado com seu corpo²⁴⁷.

Um ermitão dará o vaticínio de que a demanda do Santo Graal só começará quando Galaaz chegar à corte de Artur. E como uma espécie de testemunha de seus feitos, ele pede a Galaaz que o deixe acompanhá-lo: “e eu te demando ta companha, assi como tu ouves, que eu sei tua santa vida e ta bondade mais ca tu. E meterei em escrito tôdalas maravilhas que Deus mostrará por teu amor [em] esta Demanda”²⁴⁸. Os eremitas, considerados homens santos, tinham também uma participação muito importante nas aventuras dos cavaleiros, pois as interpretavam. Eles constituíam, portanto, uma categoria à parte: eram os detentores do sentido. Os cavaleiros, por sua vez, eram os detentores da ação. “Assim como os cavaleiros não podiam saber, estes não podiam agir; nenhum deles participará de uma peripécia: salvo nos episódios de interpretação”²⁴⁹. Segundo Georges Duby, os eremitas desempenhavam uma função fundamental nos romances de cavalaria porque a

[...] floresta é um dos dois lugares maiores da ação romanesca, o das provas da aventura, e o eremita tinha naturalmente, nessa época e nessa região, seu lugar em um cenário silvestre; e, porque, sobretudo, as canções, os romances eram compostos para oferecer uma compensação onírica às frustrações que amadureciam no seio do

²⁴⁷ Vauchez. Op. Cit., 1989, p. 213.

²⁴⁸ DSG, 1955, p. 07.

²⁴⁹ Tzevtan Todorov. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 170.

privado feudal, do qual se sabe a que ponto comprimia as aspirações à liberdade da pessoa²⁵⁰.

O eremita era aquele homem que saía do convívio social e retirava-se no deserto ou na floresta, no caso do Ocidente, para purgar seus pecados. Também na floresta os cavaleiros viviam suas maiores aventuras e buscavam atingir o sucesso, obter reconhecimento, conseguir a fixação num senhorio, casar e depois, como era comum, naquela época, de muito ter pecado pelo uso das armas e por usufruir dos prazeres humanos tornavam-se eremitas ou se entregavam a uma ordem militar como fez Guilherme, o Marechal.

Quando a demanda do santo Graal começou, os cavaleiros juraram que “jamais nom quedariam de andar, ataa que vissem atal mesa e tam saborosos manjares e atam guisados, como eram aquêles que êles aquel dia comerom, **se era cousa que lhes outorgada fosse, por afam e por trabalho que sofrer podessem**”²⁵¹. A missão dos cavaleiros era árdua, eles próprios reconheciam que só poderiam cumpri-la se a eles fosse outorgada e se pudessem agüentar todo o sofrimento advindo dessa busca, assim como suportar o trabalho que ela exigia. Por isso, poucos conseguiram terminá-la. “El ideal de la vida cristiana de la época feudal es un estilo de vida heróico caracterizado por uma serie de esfuerzos extraordinarios y por una búsqueda del “record”, a imagem del caballero que debe superarse sin tregua realizando nuevas proezas”²⁵². Mesmo porque cavaleiro, enquanto tal, digno dessa honra, devia buscar aventuras e no caso do modelo de bom cavaleiro, essas aventuras serviam para mostrar sua proximidade com os valores cristãos e de bem comum e o conseqüente distanciamento com o mundo e seus pecados.

²⁵⁰ Georges Duby. “A Emergência do Indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIII”. In: Philippe Àries e Georges Duby. *História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 511.

²⁵¹ DSG, 1955, p. 33. (grifo nosso).

²⁵² Vauchez. Op. Cit., 1985, p. 53.

O bom cavaleiro diferenciava-se dos demais, suas semelhanças com Cristo, sua bondade de coração faziam-no um modelo ideal de propagação dos objetivos da Igreja, consciente da necessidade de inculcar nos cavaleiros uma moral cristã de defesa da sociedade, de uma fraternidade espiritual sedenta de paz. As operações guerreiras causavam estragos terríveis aos habitantes e a terra. Para evitar o confronto direto, que causava muitas mortes, partia-se para outros meios de conquistar a vitória: através de bloqueios econômicos (provocando a fome, destruindo as colheitas) e causando o terror nessas populações por meio de incêndios, massacres. Esses fatos são comumente observados em crônicas, anais, que relatavam a invasão e destruição da terra em determinado ano por um príncipe ou senhor. Visando diminuir essas ocorrências e garantir uma relativa tranquilidade à população que a Igreja, detentora do poder fundamental de mediação do homem com Deus, buscava limitar essas práticas guerreiras selvagens.

A vida cavaleiresca estava impregnada pelo pecado, manchada de sangue, revestida pelos prazeres mundanos; todavia, o homem para garantir sua salvação devia resistir às tentações, evitar os vícios tão comuns no mundo da nobreza, orgulhosa de seu nome e de sua linhagem. Segundo Ramon Llull, “faltou caridade, lealdade, justiça e verdade no mundo, começou inimizade, deslealdade, injúria, falsidade; e por isso surgiu erro e turvamento no povo de Deus, que foi criado para que Deus fosse amado, conhecido, honrado, servido e temido pelo homem”²⁵³. Diante de tamanha desobediência para com o Criador, o homem precisava retornar aos princípios cristãos, passar por provações sem cair em pecado e redimir suas faltas. Essa necessidade fazia-se particularmente presente no meio guerreiro, por causa das tentações a que estavam sujeitos, não só o pecado contra Deus por não obedecer a suas leis ou não fazer as

²⁵³ LOC, 2000, p. 13.

penitências, a confissão, o jejum, mas principalmente porque sempre caíam no pecado da carne. O bom cavaleiro que foi escolhido como servente de Deus, vai se afastando cada vez mais dos outros cavaleiros e adquirindo uma crescente áurea espiritual e santa. Assim como os santos homens tiveram que sofrer tentações para provarem sua santidade, Galaaz, mesmo sendo o escolhido de Deus, não estava isento das tentações. Ele passou por uma grande prova, a mais importante porque dizia respeito à capacidade do homem de resistir aos prazeres da carne. Trata-se de um episódio da DSG muito conhecido: *Como Galaaz e Boorz chegaram ao Castelo de Brut e a filha do Rei Brutus enamorou-se de Galaaz, por louco amor*²⁵⁴. Superada sua maior dificuldade o exemplo do bem comprova sua eleição e seu modelo de idealidade e exemplo a ser seguido por todos os cavaleiros.

Para trabalhar com esse capítulo tão emblemático consideramos apropriado o método proposto por Ciro Cardoso em *Narrativa, Sentido e História* que conjuga as propostas de Tzvetan Todorov e Lucien Goldmann. De acordo com essa metodologia as estruturas narrativas de um relato caracterizam-se pela passagem de um estado a outro por meio de uma transformação. O esquema simples consiste em um estado 1 que, por uma transformação, passa ao estado 2. Na passagem de um estado a outro aparecem as oposições, essa diferença “implica, ao mesmo tempo, algum nível ou grau de semelhança (de um modo análogo, descontinuidade e continuidade só podem ser percebidas no relato uma em relação à outra). O jogo entre identidade e alteridade é o que concede coerência ao texto ou discurso”²⁵⁵. Isso pode ser observado na aplicação do método que segue abaixo, com a análise do texto, a sintaxe narrativa e o quadrado semiótico.

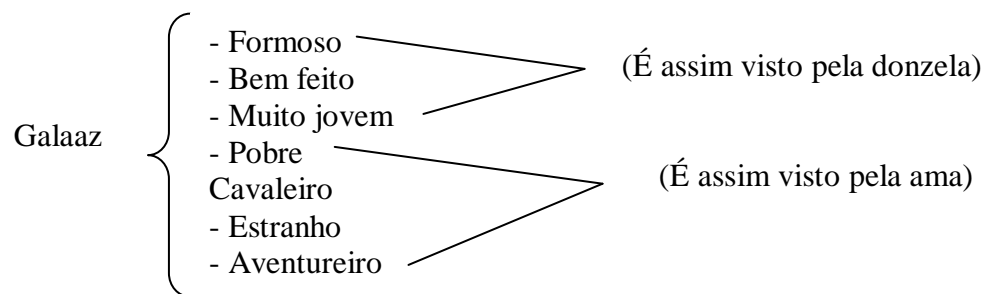
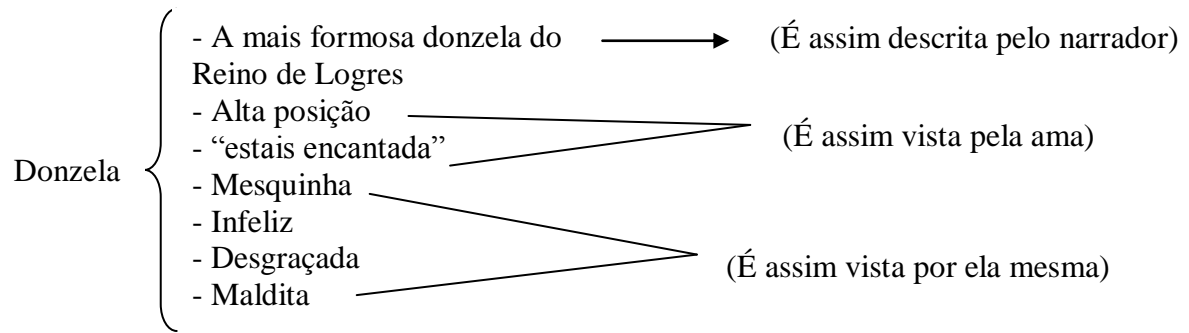
²⁵⁴ Por ser muito extenso o episódio não foi aqui reproduzido.

²⁵⁵ Ciro F. Cardoso. *Narrativa, Sentido, História*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 14.

Quanto ao aspecto verbal, no que diz respeito ao registro da fala, o primeiro ponto a analisarmos é a oposição entre concreto e abstrato. No texto aqui considerado predominam as frases abstratas, como é característico num discurso tão imbuído de simbólico como na passagem sobre o “cervo guardado por quatro leões”. Quando as frases concretas aparecem, no entanto, são de forma bastante qualitativa: os cavaleiros encontram o castelo do rei Brutus, a palavra castelo aparece sete vezes ao longo de apenas cinco orações. É no castelo que ocorrerá uma grande aventura aos cavaleiros. Outra forte presença de frase concreta é quando a donzela vai ao leito de Galaaz, a palavra leito ou outras a ela relacionadas aparecem insistentemente, assim como quando eles precisam se armar para lutar com os do castelo. Interessante notar a interiorização do relato: primeiro os cavaleiros estavam cavalgando, ou seja, fora de um recinto, num mundo exterior; depois eles passam a habitar um castelo, uma fortaleza; e em seguida uma câmara, onde ocorrerá o ápice da narrativa.

A linguagem do texto é absolutamente figurativa. As três figuras (repetição, gradação e antítese) aparecem de forma bastante equilibrada. Há um aspecto muito curioso a respeito da ocorrência da repetição, que é uma figura de identidade, quando a observamos nos personagens mais importantes do relato: Galaaz, rei Brutus e a donzela (que não é nomeada, sendo apenas especificada por donzela, filha do rei Brutus). Seguem as características de cada um dos personagens:

Rei Brutus	{	- Bom cavaleiro	}	(É assim descrito pelo narrador)
		- Rico à maravilha		
		- Muito bravo		
		- Ânimo forte		
		- Muito brioso		
		- Muito valente		



A antítese é bem interessante, pois demonstra uma certa reflexão das próprias personagens quanto à ação que pretendem executar. Por exemplo: a donzela hesita em entrar no quarto de Galaaz, pois ele haveria de interpretá-la mal, no entanto, mesmo contra sua vontade, o faz, porque assim o amor a tinha ordenado. A antítese mais interessante, que é também uma ambigüidade, diz respeito ao cavaleiro realizar os desejos da donzela: inicialmente ele afirma que não olharia para ela mesmo que “fosse a mais formosa que Nosso Senhor tivesse feito”.

O texto é polivalente, ou seja, dialoga com outras narrativas. Isso pode ser observado quando o autor explica a origem do castelo de Brut e nos remete à guerra de Tróia, à Helena, a mui “formosa”; essa relação também pode ser percebida, mais sutilmente, uma vez que esse é também um romance de cavalaria, quando observamos temáticas do amor cortês: a donzela enamorada do cavaleiro andante, que deveria atender a todos os seus pedidos.

Quanto ao discurso, há uma alternância entre o objetivo e o subjetivo, com predominância do primeiro; o segundo pode ser percebido principalmente nas falas da

donzela. No que diz respeito ao modo do discurso há um equilíbrio entre o estilo direto e o indireto. O primeiro é bem percebido nos diálogos entre os personagens e revela principalmente seus conflitos, represálias, medos, aconselhamentos. O segundo observa-se na necessária seqüência feita pelo narrador, que resume as falas dos personagens. O discurso narrado aparece marcadamente no relato sobre a origem do castelo do rei Brutus. O tempo do discurso é observado principalmente no início da narrativa, quando os dois cavaleiros se encontram e Galaaz conta suas aventuras a Boorz. Temos, então, nesse caso, uma introspecção. A duração do relato é principalmente percebida pela cena, na qual há a reprodução das falas das personagens.

A visão da narrativa, ou seja, como as informações são percebidas, dá-se pelo narrador, sendo, portanto, objetiva. Quanto à extensão e profundidade, temos principalmente a visão interna da donzela, refletindo sobre suas atitudes e a visão externa do narrador, que conhece os pensamentos dos personagens e os revela ao leitor. A esse respeito percebemos que há uma avaliação moral, uma vez que a donzela se preocupa com sua honra, com o que irão pensar de sua atitude sendo uma virgem.

Sintaxe narrativa do texto

Situação Inicial; Boors e Galaaz se encontram e começam a contar sobre suas aventuras, passam assim o dia até chegar o anoitecer.

Perturbação da situação inicial; No cair da noite, os dois cavaleiros encontram um castelo num pequeno terreno e são convidados a albergarem pelo Rei Brutus, dono do castelo. Esse tinha uma filha, que era a donzela mais formosa de todo o reino de Logres.

Desequilíbrio, crise; A donzela enamora-se por Galaaz e é tomada por louco amor, mesmo sem saber o que era esse sentimento. A donzela só tem um desejo: que o

cavaleiro esteja à sua vontade. Atormentada confessa-se à ama, que promete tudo encobrir, se for coisa que assim necessite. Vendo o desespero da donzela, a ama aconselha que ela coloque juízo no coração, pois era uma donzela muito formosa e de alta posição, enquanto que o cavaleiro era um estranho, um aventureiro. A donzela finge aceitar o conselho, pois seu intento era satisfazer seu desejo, do contrário morreria. Tomada pela vontade de ter o cavaleiro consigo, a donzela vai ao seu leito e deita-se ao seu lado, acreditando que ele não irá recusá-la, pois ela era muito formosa e seria vil se ele não a quisesse.

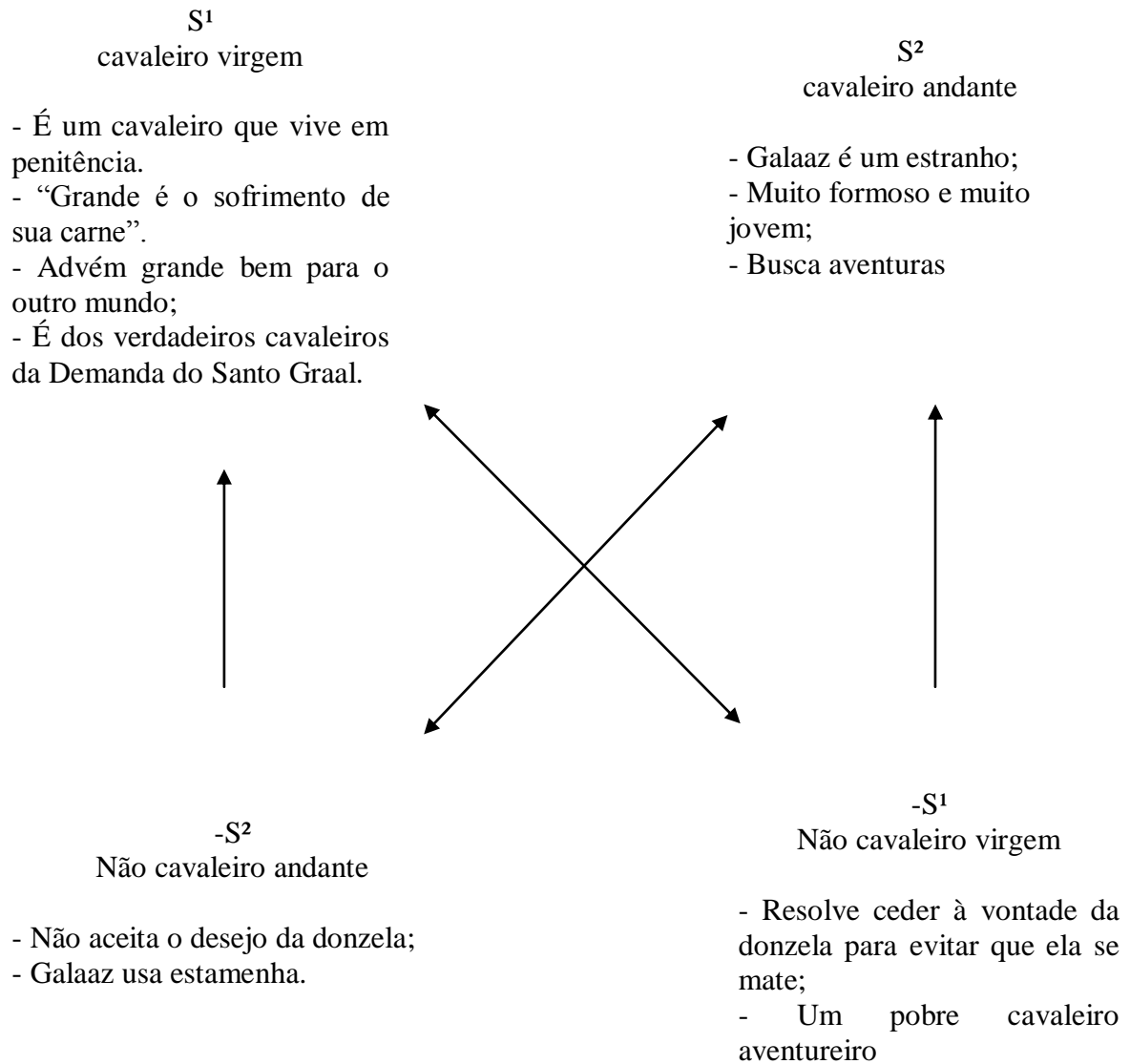
*Intervenção
na crise;*

Quando a donzela se aproxima o mais que pode do cavaleiro e toca seu corpo, sente a **estamenha** (espécie de manta com farpas), nesse exato momento dá-se conta que ele não era um “cavaleiro andante”, dos que são namorados. Conclui, então, que ele é dos verdadeiros cavaleiros da Demanda do Santo Graal e lamenta por ter parecido tão formoso para ela. Quando o cavaleiro acorda e a vê ao seu lado fica muito assustado e diz que não a teria consigo nem que ela fosse a mais bela que Nosso Senhor criou. Enraivecida com a atitude de Galaaz, a donzela ameaça se matar; ele continua resistindo quando, então, ela saca sua espada, o cavaleiro ainda tenta intervir, mas já é tarde.

*Novo
equilíbrio.*

Após batalha com o rei e seus soldados, os cavaleiros conseguem provar que são inocentes da morte da donzela. Galaaz e Boorz partem em busca de novas aventuras.

Quadrado Semiótico



Na análise aqui proposta o percurso positivo é $S^2 \rightarrow -S^2 \rightarrow S^1$. No quadrado em questão /Cavaleiro virgem/ e /Cavaleiro andante/ são os termos geradores S^1 e S^2 em relação de contrariedade. Deles derivam seus opostos $-S^1$ e $-S^2$, sendo que o primeiro implica S^2 e o segundo implica S^1 . No texto, o que é valorizado é o percurso já dito acima, pois, tratando-se de uma literatura imbuída de valores cristãos, é necessário que se mantenha virgem para se atingir a salvação. A donzela deseja apenas satisfazer seus desejos, portanto, está ligada aos valores carnis, como essa atitude é condenada ela será

castigada com a morte que ela mesma causa. Galaaz, por seu turno, permanece virgem, não cedendo às tentações e vislumbrando um lugar no reino dos céus.

Estas provas pelas quais todos os cavaleiros passam são do tipo prova-êxito-recompensa ou prova-malagro-penitência²⁵⁶. As primeiras estavam ligadas aos cavaleiros que chegariam ao Graal; elas constituíam-se, portanto, provas com um caráter positivo, de proezas. Já as últimas teriam que ser enfrentadas por aqueles cavaleiros pecadores que, justamente por esta característica, não conseguiriam alcançar o êxito. As provas positivas são incrivelmente executadas pelo cavaleiro perfeito, pois “é impensável que Galaaz malogre; [...]. Galaaz não é eleito porque ele triunfa nas provas, mas triunfa nas provas porque é eleito”²⁵⁷.

O filho de Lancelot permanecia muito mais próximo de uma natureza santa que de qualquer outra coisa, ele parecia realmente não fazer parte de um mundo terreno, sua vida foi toda dedicada à busca religiosa de Deus. Essa vinculação do cavaleiro com a santidade estava muito ligada com a idéia de Cruzada. O cavaleiro bom, ideal era aquele imbuído da espiritualidade cristã e disposto a enfrentar o mau pagão para defender a Cristandade, pois “ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica (...) e que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja”²⁵⁸.

Segundo Grousset, as cruzadas “representam uma fase da luta da Europa contra a Ásia”²⁵⁹, nesse momento a Europa tomou consciência de si. Esse movimento iniciou-se com a Reconquista espanhola, a expulsão dos mouros da Península Ibérica, o ponto de partida para a conquista religiosa do Oriente pelos ocidentais europeus. As cruzadas também foram uma ótima oportunidade para a Igreja agir mais enfaticamente sobre a

²⁵⁶ Esses conceitos de prova são elaborados por Tzevtan Todorov em *As Estruturas Narrativas...*

²⁵⁷ Todorov. Op. Cit., 2006, p. 178.

²⁵⁸ LOC, 2000, p. 23.

²⁵⁹ R. Grousset. *As Cruzadas*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965, p. 09.

cavalaria e dispor dos guerreiros a seu serviço. O movimento cruzadístico ganhou uma áurea sagrada possibilitando a quem dele participasse a chance de redimir seus pecados e atingir o reino dos céus. Desse modo, as cruzadas constituíram-se numa ocasião importante para a cavalaria que, por natureza, estava “inteiramente no campo do mal, uma vez que ela vive da guerra, corre o risco constante de homicídio e, no mínimo, alimenta-se de rapinas e resgates”²⁶⁰.

O movimento cruzadístico propôs aos cavaleiros o abandono do mundo, da guerra secular para entrar na cavalaria de Cristo, tornar-se um *milites Christi*, e libertar Jerusalém e o Santo Sepulcro sob dominação dos infiéis desde 638.

Aos que partissem, sem intenção de lucros materiais, mas com um espírito de piedade, o papa oferecia o perdão de suas penitências, a plena remissão de seus pecados. A cruzada é, de fato, ao mesmo tempo uma peregrinação, uma guerra santa e uma penitência satisfatória²⁶¹.

Entretanto, junto a esses interesses religiosos de reconquista da Terra Santa e da remissão dos pecados, havia também o interesse da Igreja de controlar essa *militia* que tanto causava prejuízo para os habitantes locais. Os interesses conjugados somente reafirmavam a identificação dos dois grupos sociais que formavam a aristocracia medieval, o clero e a cavalaria, ou seja, os *oratores* e os *laboratores*. Pois

Muitos são os ofícios que Deus tem dado neste mundo para ser servido pelos homens; **mas todos os mais nobres, os mais honrados, os mais próximos dos ofícios que existem neste mundo são ofício de clérigo e ofício de cavaleiro**; e por isso, a maior amizade que deveria existir neste mundo deveria ser entre clérigo e cavaleiro²⁶².

Mesmo com esse discurso de identificação entre os dois grupos, cada qual defendia seus interesses e as Cruzadas acabaram por ser proveitosas para os dois lados,

²⁶⁰ Flori. Op. Cit., 2005, p. 135.

²⁶¹ Idem. Ibidem, p. 136.

²⁶² LOC, 2000, p. 25. (grifos meus).

pois a Igreja em certa medida conseguiu controlar a capacidade bélica daqueles homens direcionando-a para a conquista de algo sagrado para os cristãos e exportando a violência que dizimava a Europa; e os cavaleiros, por sua vez, além de conseguirem a remissão de seus pecados, puderam se apossar de terras, constituíram um senhorio e conseguiram alguma independência financeira para garantir sua sobrevivência. A idéia das Cruzadas foi dirigida a toda a Europa em 1095, por Urbano II, no Concílio de Clermont: “aqueles que até então tinham vivido como saqueadores, martirizando seus irmãos cristãos, poderiam ir para o Oriente, onde os cristãos encontravam-se ameaçados pelos muçulmanos, e empregar suas energias contra os infiéis” ²⁶³. Essas expedições guerreiras não se limitaram à Terra Santa ou à Espanha, também foram direcionadas àqueles considerados hereges. Com a situação de dificuldade em que viviam a maioria dos cavaleiros, visto que só tinham direito à herança os primogênitos, o que causava muitas guerras internas e prejudicava a todos, as cruzadas proporcionavam a remissão de seus pecados e a possibilidade de enriquecimento.

Em muitos casos, a inspiração religiosa era provavelmente menos determinante que o desejo de aventura e as perspectivas de ganho, mas noutros o elemento religioso desempenhava de fato papel fundamental e a dimensão penitencial era sem nenhuma dúvida marcante: desde os séculos VII e VIII a Igreja tinha posto em prática a *peregrinatio paenitentialis* (“peregrinação penitencial”). Com base nesta instituição, grande número de cavaleiros comparava-se aos peregrinos, procurando obter nas guerras contra os infiéis a purificação de seus pecados²⁶⁴.

Galaaz incorporava bem esse espírito de “cavaleiro de Cristo”, todas as suas ações conjugavam-se nesse sentido. Ele passou a maior parte da Demanda em companhia dos “homens bons”, os ermitãos, estava sempre jejuando e confessando-se

²⁶³ Cardini. Op. Cit., 2006, p. 479.

²⁶⁴ Idem. Ibidem, p. 480.

para salvar sua alma. “La santidad pertenece al dominio de lo extraordinario, permaneciendo sólo accesible al precio de duros esfuerzos: quien ayuna varias semanas seguidas, pasa sus noches en oración y realiza curaciones milagrosas”²⁶⁵. E, nos feitos de cavalaria, destacava-se entre todos, conquistando combates que pareciam impossíveis de serem vencidos:

Entom se começou a peleja entre êles; e os do castelo eram já bem LX, ca todavia creciam. Mas Galaaz, que tinha a espada [da] estranha cinta, feria a destro e a sestro e matava quantos alcançava, e **fazia taees maravilhas entre êles, que nom há homem que o visse que o tivesse por homem terreal, mas por algũa maravilha estranha**²⁶⁶.

Galaaz compreendia uma cavalaria mística, aproximando-se cada vez mais de um modelo cristocêntrico.

La idea de que Dios continuaba revelándose a los hombres mediante los prodígios estaba presente em todos los espíritus. Por esta razón los cristianos de la Edad Media se encontraban continuamente a la búsqueda de milagros y dispuestos a admitirlos em cualquier fenómeno extraordinario. Quienes eran capaces de realizarlos eran considerados como santos²⁶⁷.

Ele expulsava demônios: “e o encantador, que havia perdido seu sem e seu poder na viinda do boñ cavaleiro, que era santa cousa e santo homem”²⁶⁸. E ainda podia ser capaz de salvar os filhos de Satã, intercedendo por eles junto a Deus: “- Ai! Galaaz, mui santo cavaleiro, roga por mim, ca ainda eu acharia mercee, se tu quisesses rogar por mim”²⁶⁹. Curava os doentes, como uma donzela que havia ficado louca e vivia presa:

Ai, Galaaz! Santa cousa e bem-aventurado corpo, limpa carne e comprida de santa graça, beenta seja a hora em que tu foste nado, e beento seja deus que te aqui dusse, ca te ta viinda me [veo] tam grã

²⁶⁵ Vauchez. Op. Cit., 1985, p. 53.

²⁶⁶ DSG, 1970, p. 195. (grifos meus).

²⁶⁷ Vauchez. Op. Cit., 1985, p. 122.

²⁶⁸ DSG, 1970, p. 133.

²⁶⁹ Idem. Ibidem, p. 135.

bem, que são livre do mau companheiro que havia, que longamente foi comigo²⁷⁰.

Outra doente é curada ao usar sua estamena: “E a donzela que vistira a estamena foi logo tam saã como se nunca houvesse mal”²⁷¹. O cavaleiro, portanto, realiza vários milagres.

La santidad era verificada por su eficacia. Puesto que el mal físico, como el pecado, es obra del diablo, la curación milagrosa no podía venir más que de Dios, y era suficiente para demostrar que todo aquel por cuya intercesión habia sido obtenida pertencia a la corte celestial²⁷².

Mesmo sendo instrumento para os milagres divinos, Galaaz manteve-se humilde: não desejou que fossem conhecidas as curas que realizou; deitou-se em terra firme, recusando os bons leitos que lhe eram oferecidos. E permaneceu humilde quando conheceu o desprezo:

Muito fãlarom uãs e os outros de Galaaz, mas nom em as honra. E êle sofreu todo mui bem, como aquel que era mais sofrido e mais mesurado ca nem uã cavaleiro que homem soubesse; (...) e **sofre[u]-se aquela noite tom bem que nom respondeu a rem que lhi dissessem**²⁷³.

Entre os cavaleiros que, assim como Galaaz, representavam o cristão ideal está Boorz, que cometera pecado uma única vez e, ainda assim, não por sua vontade. Ele caiu num encantamento e perdeu sua virgindade, dessa relação teve um filho, Elaim, o branco, futuro rei de Constantinopla.

Boorz possuía como principais virtudes a humildade e a paciência, valores que um bom cristão e principalmente um guerreiro, ainda mais aquele que estivesse ligado às obrigações divinas, deveria possuir. Sua principal aventura constituiu-se como uma

²⁷⁰ Idem. Ibidem, p. 149.

²⁷¹ Idem. Ibidem, p. 159.

²⁷² Vauchez. Op. Cit., 1985

²⁷³ DSG, 1970, p. 267.

tomada de posição simbólica, que marca a sua personalidade, enquanto defensor de um ideal cristão de perfeição regrada. Quando se vê diante de uma aventura muito “maravilhosa”, pois teria que escolher entre salvar uma donzela em perigo e seu irmão que estava caminhando para a morte, Boorz ficou diante de um dilema inconciliável: como salvar seu irmão, sangue de seu sangue, e deixar uma donzela à mercê da própria sorte, ferindo assim o código de cavalaria? Ele optou, então, por obedecer ao código, protegendo os indefesos, ou seja, a donzela. Boorz numa “defesa intransigente da virgindade como estado de pureza absoluta, aqui, alegoricamente representada pela donzela, [...], busca afirmar-se como um representante da cavalaria espiritual e conquistar o acesso ao Santo vaso”²⁷⁴.

Também em Boorz percebemos a importância da linhagem para a composição de seus futuros membros, sendo filho de rei, ele seria, portanto, um bom cavaleiro, pois “a escritura diz que a árvore boa faz bom fruto”²⁷⁵

A humildade constituía-se como uma das principais virtudes que o cavaleiro deveria possuir, pois assim como Cristo foi humilde, quando esteve na Terra, todos os homens deveriam sê-lo. O modelo de bom cavaleiro exercitava plenamente essa virtude, destacava-se em relação aos outros que viviam do orgulho: seja de sua linhagem ou da sua condição de cavaleiro ou de seu parentesco com o rei; todos os cavaleiros orgulhosos e que praticavam os outros pecados capitais não conseguiram terminar bem suas aventuras e sucumbiram no mundo. Os cavaleiros, portanto deviam conservar as virtudes e evitar os vícios; os que assim faziam eram bons e obteriam o Paraíso. Desse modo, podemos estabelecer as diferenças entre os bons e os maus cavaleiros segundo o quadro a seguir:

²⁷⁴ Pereira. Op. Cit., p. 96.

²⁷⁵ DSG, 2008, p. 166.

Quadro 5. Diferenças entre os bons e os maus cavaleiros.

BONS CAVALEIROS	MAUS CAVALEIROS
POSSUIDORES DE VIRTUDES	MERGULHADOS NO PECADO
PREOCUPADOS COM O ESPÍRITO	DEDICADOS AOS PRAZERES DA CARNE
NOBRES DE CORAÇÃO	TINHAM UM CORAÇÃO CRUEL
HONRADOS EM SEUS DEVERES	DESONRADOS EM SEUS DEVERES
DEDICADOS À FÉ	PRESOS AO MUNDO
BONS CRISTÃOS	MAUS CRISTÃOS

O modelo do bom cavaleiro, Galaaz, cumpriu todas as aventuras seguindo os princípios cristãos, por isso conseguiu chegar ao Graal e descobrir seu significado; e por ser tão bom cavaleiro ascendeu aos céus atingindo o Paraíso. É esse modelo de cavaleiro, ligado aos valores da religião cristã que a Igreja tentava propagar com o intuito de domesticar aquele grupo de guerreiros incivilizados e trazê-los ao serviço da Cristandade, ao seu serviço.

3.3 Caracterização do Modelo de Bom Cavaleiro

Através do exemplo de Galaaz, o bom cavaleiro cristão, é possível entender a construção e a caracterização de um cavaleiro ideal. Galaaz agregou em torno de si todas as qualidades estimadas para que um guerreiro estivesse a serviço da Cristandade, seus valores cristãos só apresentavam aquilo que devia ser regra para os homens da Idade Média. A necessidade desse modelo demonstra o quanto aquela sociedade, de acordo com os olhos da Igreja, não cumpria com seus deveres cristãos. O quadro abaixo configura o modelo do bom cavaleiro:

Quadro 6. Características do Bom Cavaleiro

	LEALDADE
	FIDELIDADE
	CORAGEM
	FÉ
	COMPAIXÃO
	SANTIDADE

GALAAZ	VERDADE
	BONDADE
	MARTÍRIO
	HUMILDADE
	GRANDE HOMEM
	BEM-AVENTURADO
	SERVO DE DEUS
	CARNE LIMPA
	VERDADEIRO CAVALEIRO
	SERVO DE DEUS
	ORAÇÃO
	JEJUM
	CONFISSÃO
	LINHAGEM BOA
	PRAZER ESPIRITUAL
	HONRA O CÓDIGO
	AMA OS COMPANHEIROS
	JUSTIÇA
CARIDADE	
BOM CRISTÃO	

O quadro apresenta as características que Galaaz possuía, constituindo a representação do bom cavaleiro: aquele que socorria as donzelas, ajudava um companheiro em perigo, procurava pôr fim a uma luta sem razão de ser, nunca atacava um cavaleiro em condições piores que a sua, tinha compaixão do inimigo derrotado, praticava o bem sem pensar em receber algo em troca.

Na *Demanda* as aventuras não podiam ser o suficiente para enaltecer o cavaleiro, na verdade, ele nem estava preocupado em receber a glória de seus feitos, pelo menos se estivesse realmente comprometido com sua busca espiritual. E é esse tipo de cavaleiro o modelo proposto na obra. Ele não deveria importar-se com as coisas mundanas, sua única preocupação deveria ser a salvação de sua alma.

Porque era bom, virgem, misericordioso, humilde, temente a Deus, Galaaz formou o melhor exemplo de um modelo perfeito de cavaleiro cristão. Constituiu-se, portanto, como um ótimo modelo do programa civilizador da Igreja para o cavaleiro,

buscando aproximá-lo cada vez mais dos valores cristãos. Ele representava, deste modo, um exemplo modelar para a sociedade.

Esse modelo expressava uma articulação entre um mundo perdido no caos e a perfeição do mundo divino. Ele integrava uma cavalaria celestial, compromissada com os valores cristãos e próxima da santidade. Apresentava-se como o modelo a ser seguido não só pelos cavaleiros como também por toda a sociedade, pois ele era um exemplo de que, seguindo os ideais religiosos de bondade, castidade, justiça e caridade, o homem poderia chegar à salvação, e a harmonia seria restaurada não havendo mais violência nem destruição.

Capítulo 4. DETERMINANDO O POSSÍVEL: O *MILES CHRISTIANUS*

Lancelot é um daqueles personagens eternos, um clássico. É o primeiro a ser lembrado quando evocamos da memória a referência de cavaleiro andante. “O melhor cavaleiro do mundo”, epíteto que o consagrou, carregou consigo também muitos dilemas, contradições, complexidade digna de um herói que marcou época e atravessou milênios provocando ainda admiração e encantamento.

Por tanta riqueza de detalhes e enredamento em sua construção e relações na trama narrativa, o cavaleiro preferido do rei Artur atingiu os homens da Idade Média em sua realidade; muitos guerreiros do século XII e XIII, leitores e mais certamente ouvintes dos romances de cavalaria, identificavam-se ou, pelo menos, tentavam imitar o comportamento, conduta e coragem daquele personagem tão atraente e com características tão presentes do meio do qual faziam parte todos esses homens aguerridos pela força e desejo de guerra. Sua condição tão humana (medo, dúvida, traição, honra, bondade) fazia-lhe um modelo real de cavalaria, por isso seu sucesso como personagem. As características “humanizadoras” a ele atribuídas permitiam que diversos cavaleiros do século XIII percebessem a si próprios, como agiam ou como deviam agir, a nobreza de sua conduta, a cortesia de seus gestos; por meio desse personagem foi possível divulgar valores ou incitá-los, promover um sentimento de grupo ou de uma camada social, transmitir aos demais um modo de vida característico.

As histórias sobre Lancelot perfazem um verdadeiro ciclo, constituído por diversas narrativas: o *Lancelot Du Lac*, texto que por si só apresenta a maior narrativa de todas que compõem a Matéria da Bretanha, e que muitos estudiosos consideram como um ciclo, o Ciclo do Lancelot; e *Lancelot, o cavaleiro da charrete*, de Chrétien de Troyes, versão mais conhecida sobre Lancelot e suas aventuras, que fez muito sucesso e é considerado a maior obra de Troyes.

Este francês do século XII escreveu várias obras consideradas como romances cortesês, ou seja, histórias impregnadas do ambiente palaciano e dos valores pertencentes à nobreza. Foi assim que, sob a proteção de Leonor da Aquitânia, construiu, ao seu pedido, aquele que veio a tornar-se o maior monumento da cortesia romanesca. Em *Lancelot, o cavaleiro da charrete*, escrito entre 1177 e 1181, Chrétien narra as aventuras do herói que dá título ao romance. Ele é considerado “o melhor cavaleiro do mundo” e realiza proezas incríveis para libertar a rainha Guinevere, por quem nutre um forte amor correspondido. Na trama, Lancelot deve salvar a rainha, provando assim seu amor, e para isso envolve-se em “maravilhosas” aventuras, sofre e é humilhado inúmeras vezes, luta com gigantes, atravessa pontes intransponíveis, vence torneios e os perde segundo a vontade de sua senhora. Atender aos pedidos da dama, sua amada e sua dona, era uma característica fundamental desse tipo de romance, representante da temática do amor cortês.

O amor cortês, cantado pelos trovadores a partir do século XII, era uma espécie de amor que um jovem cavaleiro devotava a uma dama de posição mais elevada que a sua e geralmente casada, às vezes com seu próprio senhor. Essa devoção, a rigor, um serviço dedicado à dama, sua senhora, expressava-se plenamente na forma de vassalagem, uma vassalagem amorosa. O cavaleiro prestava serviço a esta senhora dedicando-lhe obediência e fidelidade. Por esta questão muitos autores defendem a idéia de que, nesse tipo de amor, a mulher exercia um papel principal, valorizado, de supremacia e controle do homem de quem ela era “*domina*”. Mas, para alguns autores, como Georges Duby, esse amor cortês era “negócio de homens, no qual compareceu a vergonha e a honra, o amor – deveria forçar-me a falar em amizade? – varonil”²⁷⁶. Isso

²⁷⁶ Georges Duby. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

pode ser entendido, uma vez que, naquela que era uma sociedade guerreira, o mais nobre de todos os sentimentos – a amizade – só poderia surgir entre homens.

O fato é que, ao longo dos séculos XII e XIII, surge, na literatura cavaleiresca, o tema do amor cortês, representado principalmente por um cavaleiro que adquire cada vez mais a feição de “cavalheiro”, um modelo de *gentleman*. No entanto, esse amor cortês possuía vários significados:

À época da gênese dos textos, o amor cortesão não é um conceito unânime. Esta representação plural define ora o amor de um cavaleiro por uma dama casada e inacessível, ora um amor mais carnal, portanto adúltero, ora, ainda, o vínculo entre jovens que aspiram ao casamento. (...). Quanto aos romances, alguns casais ilustram perfeitamente a *fine amor* (Lancelot e Guinevere), mas não se pode falar de *fine amor* no âmbito de um casamento desejado e procurado.²⁷⁷

Foi como um fiel representante do amor cortês que Lancelot imortalizou-se. No entanto, no decorrer dos séculos seguintes, especificamente no XIII, o personagem de Lancelot toma outros ares, adquire novas formas, apresenta outras qualidades mais “condizentes” com o espírito da época ou, melhor, com os interesses, principalmente da Igreja, de divulgação de “boas” condutas, comportamentos cristãos guiados pelos valores da fé. Assim, “o melhor cavaleiro do mundo” perde seu posto para o filho, cristão puro e sem pecados sequer em pensamento. Mas, ao invés de ser condenado, Lancelot, ainda que não atinja a graça divina do conhecimento, desfruta da possibilidade da redenção pelo arrependimento; desse modo, um cavaleiro pecador poderia obter a salvação reparando seus erros e construindo um novo caminho rumo à união com Deus. Assim, com o exemplo de Lancelot, divulgado nas cortes pelos romances, os guerreiros

²⁷⁷ Danielle Régner-Bohler, “Amor Cortesão”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, v.I. p. 47-48.

da Idade Média podiam também vislumbrar uma chance de garantir um lugar no Paraíso.

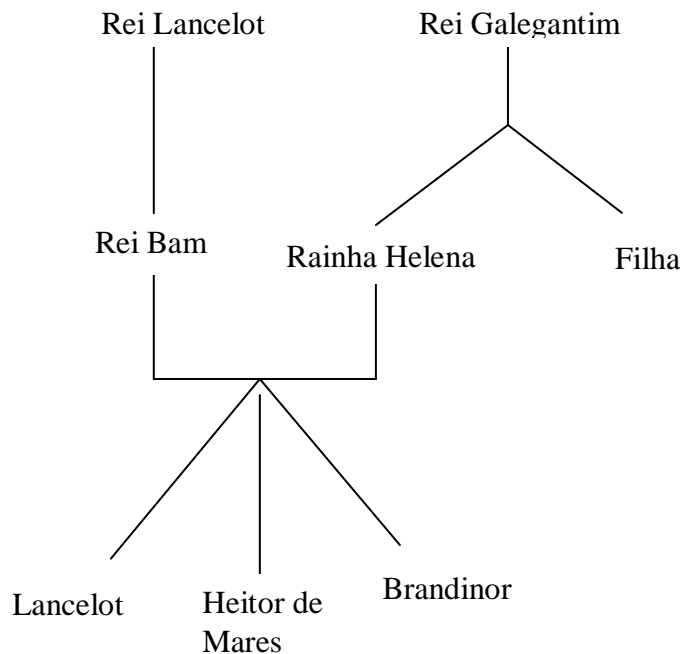
Lancelot constitui, portanto, um modelo de cavaleiro de tipo “oscilante”, porque congrega em si características que poderiam definir-lhe como um “mau” cavaleiro, pecador, e condutas positivas, pois é leal ao seu rei nos assuntos de guerra, respeita o código de cavalaria e é justo para com os demais; seu único grande pecado é o do amor, justamente o que era vetado aos cavaleiros que entravam na demanda em busca do Graal, por isso não obtém êxito nesse aspecto, mas também não é condenado. Com características tão ambíguas e de fácil identificação pelos homens da época, Lancelot constitui o nosso modelo de “cavaleiro oscilante”, um *Miles Christianus*. Ele é o maior representante desse modelo por reunir uma maior quantidade de características que o define, embora outros cavaleiros da DSG também lhe agreguem elementos, confirmando a sua caracterização, como o rei Artur, Leonel de Gaunes, Erec, o que nunca mente, e Tristão.

4.1 O *Miles Christianus*, um cavaleiro arrependido

Nosso modelo de “cavaleiro oscilante” descendia de uma linhagem muito nobre, de reis muito importantes, o que já o configurava como nascido de boa cepa, portanto, tão bom quanto os seus ancestrais. Na Idade Média, a origem social era elemento de destaque para a definição dos estatutos individuais. A cavalaria tornou-se, ao longo do século XII, mais flexível quanto à aceitação de membros, constituindo-se como um corpo mais heterogêneo. Havia hierarquias em sua constituição, e um fator de diferenciação era precisamente o nascimento. Assim como Galaaz, imbuído de elementos de santidade, tinha seu valor justificado por sua descendência espiritual (rei Davi, José de Arimatéia), Lancelot confirma seu valor por uma linhagem guerreira

respeitada em todo o reino de Logres e cercanias, a linhagem do rei Bam. Com isso, podemos traçar a genealogia de Lancelot:

Quadro 7. Genealogia de Lancelot



O pai de Galaaz era o principal representante da linhagem de rei Bam, temida, respeitada e reconhecida por todos como a que possuía os melhores cavaleiros, e por isso também era a mais invejada. A inveja habitava em praticamente todos os cavaleiros da demanda, seja por cobiçarem os bens do outro ou, principalmente, por ambicionarem o lugar do companheiro na estima do rei ou da corte da qual faziam parte. A intriga tornava-se comum, fazia parte do jogo político da nobreza. É assim que muitos conseguiam conquistar, por meios inescrupulosos, a confiança do rei e, até mesmo, de todo o reino. Por seu intermédio será divulgada a traição de Lancelot; visando destruir a linhagem de rei Bam, os irmãos de Galvão planejam revelar ao rei Artur o envolvimento amoroso de seu melhor cavaleiro com sua esposa.

A estória de Lancelot e Guinevere, como vimos, já vinha sendo contada em narrativas anteriores. Os dois personagens terão na DSG um final influenciado pelos ideais da Igreja, pois não ficam juntos, visto que cometeram traição, e acabam por ter uma vida de reclusão. No entanto, essa interferência cristã não é absoluta, do contrário os personagens não seriam reconhecidos pelo público e perderiam suas características iniciais de fundo pagão. Como o amor carnal é rigorosamente condenado na demanda, o casal praticante deste ato pecaminoso padece com muito sofrimento e provação. Afinal, traíam o rei duplamente, pois Lancelot lhe devia lealdade e Guinevere prometeu fidelidade no casamento, mesmo que houvesse entre esse e o amor um fosso praticamente intransponível, pois os matrimônios eram arranjados, utilizados para selar as alianças familiares. Como destacou Georges Duby a respeito do grande e respeitado cavaleiro Guilherme, que continuava pobre e socialmente inferior devido ao fato de não ter se casado ainda: “O que então desejava, perto dos cinquenta anos, era perder a solteirice, recebendo finalmente uma esposa que fosse rica herdeira, casando-se a um só tempo no seu leito, na sua casa, no seu senhorio”²⁷⁸.

Não esqueçamos que o casamento era um direito do primogênito, pois era ele quem ocuparia o lugar de seu pai e herdaria tudo que este conquistara durante toda a vida. Por isso, o filho que nascesse primeiro constituía-se em único herdeiro, para que a fortuna de sua linhagem não fosse dilapidada, dividida, para que a estabilidade dos patrimônios não fosse ameaçada. Com isso, a superioridade de sua classe estaria garantida. E para que este rico patrimônio se multiplicasse, um casamento vantajoso seria muito bem-vindo. Enquanto não conseguiam um bom casamento, e durante a sua busca, os jovens guerreiros, assim como os filhos secundogênitos, partiam em busca de terras, desbravando fronteiras para formarem um senhorio, ou pelo menos para não

²⁷⁸ Duby. Op. Cit. 1987, p. 165.

sucumbirem à fome. A vida de errância só é encantadora nos livros com finais felizes; na realidade, na vida prática, muitos destes homens morriam de fome e passavam por muitas dificuldades para garantir a mera sobrevivência.

Os *juvenes* migravam para assegurar a mera existência ou o estatuto de classe originário. Sem qualquer garantia de que as suas andanças viessem a resultar numa oportunidade de fixação – casal, senhoria ou igreja – para não morrerem de fome facilmente se marginalizavam, caindo na mendicidade. Mas até entre os pedintes se distinguiam os adscritos às localidades ou aos estabelecimentos senhoriais – considerados inofensivos porque enquadrados na camada inferior do que, para este efeito, se deve considerar como vastas famílias artificiais –, e os vagabundos, exteriores a esses limites últimos da contenção social e tidos por isso como perigosos. Sem dúvida que o eram, esmolando aqui, alugando ali a sua força de trabalho, assaltando mais além, em grupos errantes. E o quê, senão a maior modéstia de meios e objetivos, distinguiu estas pilhagens dos feitos de armas dos *juvenes* cavaleiros? Camponeses sem casal, clérigos sem igreja, senhores sem senhoria podiam juntar-se nos mesmos bandos, praticar as mesmas façanhas e crimes²⁷⁹.

Na DSG não há detalhamentos sobre a ordem de nascimento dos filhos, assim não sabemos quem são os primogênitos, exceto nos casos de Artur, o pequeno, filho único do rei Artur, e de Galaaz, também filho único. Mas, no caso de Lancelot, podemos arriscar dizer que ele foi o primeiro filho da rainha Helena e do rei Bam, visto que era o principal representante de sua linhagem e o mais importante cavaleiro da corte arturiana: todos os outros companheiros seguiam suas instruções, consideravam suas atitudes e respeitavam suas ações; nenhuma grande aventura estava, de fato, começada se não contasse com a presença de Lancelot, e nenhum torneio era importante o suficiente se dele não participasse “o melhor cavaleiro do mundo”.

²⁷⁹ João Bernardo. *Poder e Dinheiro: do poder pessoal ao estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. (Parte II: Diacronia – conflitos sociais do século V ao século XIV*. Porto: Edições Afrontamento, 1997. p. 134-135.

Assim, por seu reconhecimento e pelo prestígio alcançado, embora invejado, o filho de rei Bam deve ter recebido um longo treinamento e aprendizado²⁸⁰ guerreiros, destinados aos primeiros filhos da família. Mas dessa constatação pode surgir um questionamento: se ele era o primogênito, e a esses era reservado o direito ao casamento e à herança, porque não se casou? A resposta mais óbvia seria o seu enlace amoroso com a rainha; no entanto, desse questionamento surge um dado de destaque: nenhum cavaleiro da DSG é casado, exceto o rei Artur (mas ele não participa das aventuras do Graal) e Tristão²⁸¹, que vivia fugido com Isolda, esposa de rei Mars. Daí, podemos inferir que a DSG visava, essencialmente, os cavaleiros errantes e em formação, da qual sua mensagem pretendia fazer parte, a par do treinamento de suas habilidades. A esses caberia provar sua capacidade de guerrear, enfrentar aventuras, conquistar prestígio, fama, reconhecimento e, junto com isso, após anos de serviços prestados,²⁸² poderiam, enfim, casar-se, constituir, de fato, uma família, aposentar-se do duro trabalho das armas e do desgaste que ele proporcionava.

Outro dado de interesse que se constata na DSG é a grande quantidade de cavaleiros jovens que a integra. É sabido que um homem passava para a fase adulta quando recebia suas armas e tornava-se um cavaleiro, por volta dos quinze anos de idade. Mesmo entre aqueles que mais idosos, o que podemos concluir pelo tempo de serviço na corte, a idade não era muito avançada, pois estes guerreiros, em virtude da vida atribulada e violenta que levavam, não viviam por muito tempo. Recém admitidos na Ordem ou não, os cavaleiros que entraram para a demanda do santo Graal buscavam

²⁸⁰ A esse respeito, em narrativas anteriores como *Lancelot do Lago* é informado que ele foi criado e educado por uma fada: Viviane, a rainha do Lago.

²⁸¹ Inicialmente esse cavaleiro não compunha o séquito de Artur, ele foge para o reino de Logres e entra para a Távola Redonda, fazendo parte dos guerreiros de Camaalot. Esse cavaleiro só aparece em determinados momentos do texto; há uma narrativa própria sobre suas aventuras em outros ciclos da Matéria da Bretanha.

²⁸² Lembremos que Guilherme, o marechal, serviu durante muitos anos ao rei e só casou-se com idade avançada, quando já tinha conquistado muitas terras e reconhecimento do monarca, do povo e até dos seus inimigos.

por aventuras que provassem seu valor e reafirmassem sua condição de guerreiros valorosos. Concluída a missão, aqueles que receberam as graças divinas não desejaram mais habitar entre os homens na Terra e tornaram-se eremitas. Portanto, os cavaleiros da demanda que vão em busca do Graal não eram casados e nem podiam levar consigo mulher, pois a busca que integravam era uma das grandes maravilhas de Deus e nela só cabia o amor ao próximo, o amor espiritual e divino, ficando os anseios da carne e do mundo condenados ao degrado e ao sofrimento, como veremos adiante.

Nosso modelo de *Miles Christianus* compunha uma cavalaria muito ligada aos prazeres mundanos, da carne, mas ao mesmo tempo, honrada em seu dever de cavaleiro cumpridor da ordem e de suas prerrogativas. Ele é beneficiado pela redenção que decorria do arrependimento, evidenciando que um pecador, se sinceramente arrependido, poderia alcançar a salvação. Assim, o modelo de Lancelot apresenta-se para os guerreiros do século XIII como o de um cavaleiro que, mesmo manchado pelo sangue da violência e caracterizado pelos desejos carnis, poderia lograr o Paraíso pela correção de suas atitudes, servindo a Cristo pelas armas, lutando pelo bem da sociedade e tornando-se um verdadeiro *Miles Christianus*.

Lancelot possui muitas qualidades apresentadas no texto e reconhecidas por todos os seus companheiros: 1) possuía o epíteto de “o melhor cavaleiro do mundo”; 2) melhor cavaleiro de armas; 3) o mais famoso e o de melhor *donaire*; 4) o mais desejado e o mais amado; 5) principal representante da linhagem de rei Bam. Foi por causa dele que todos os cavaleiros que compunham a linhagem de Bam foram para a corte de Artur, um total de dezoito cavaleiros, como indico abaixo:

Quadro 8. Linhagem de Rei Bam

Lancelot Heitor de Mares Brandinor	Irmãos
Galaaz	Filho de Lancelot
Boorz de Gaunes Leonel	Irmãos
Elaim, o Branco	Filho de Boorz
Bliobleris	Primo coirmão de Lancelot
Banim	Afilhado de rei Bam
Abão, bom cavaleiro à maravilha	Parentesco não esclarecido
Gadrão	Parentesco não esclarecido
Laner	Parentesco não esclarecido
Tanri	Parentesco não esclarecido
Dincados	Parentesco não esclarecido
Lelas, o Ruivo	Parentesco não esclarecido
Crinides, o Negro	Parentesco não esclarecido
Ocursus, o Negro	Parentesco não esclarecido
Acantão, o Ligeiro	Parentesco não esclarecido
Danúbuio, o Corajoso	Parentesco não esclarecido

Todos estes homens alcançam o reino de Logres graças a Lancelot, a seu prestígio de líder desta linhagem. Estes guerreiros formavam o que havia de melhor entre toda a cavalaria conhecida e aquele rei que os tivesse sob seu comando seria vitorioso e nunca saberia o que era a derrota. Quando a demanda começa, o rei Artur tem consciência de que seu reino já não era mais o mesmo, estando vulnerável ao ataque do inimigo, e lamenta-se por uma perda tão importante:

Aquela noite, quando rei Artur viu que os cavaleiros da linhagem do rei Bam – que, naquele tempo, era a flor e o louvor dos cavaleiros do mundo – ficaram em sua casa por causa de Galaaz, começou a olhá-los e a pensar que estes eram os homens do mundo que mais vezes

foram melhores para ele e que melhor o vingaram de seus inimigos. E quando novamente pensava que queriam de manhã ir a tal lugar de onde cuidava que jamais voltassem, teve tão grande pesar, que não se pôde aconselhar, porque esta era a linhagem do mundo que mais amava, fora a sua. E foi então deitar só numa câmara e começou a fazer o maior pranto do mundo e maldizer muito Galvão, seu sobrinho. E disse que maldita fosse a hora em que o vira primeiro, porque lhe tiraria logo todos os bons cavaleiros e todos os homens bons pelos quais era ele o mais temido de todos os reis do mundo²⁸³.

Com o valor de uma linhagem como essa, um reino estaria protegido e o inimigo não se atreveria a atacá-lo. É assim que Camaalot só é atacada pelo rei Mars quando os cavaleiros de Artur estão na demanda e todos do palácio estão vulneráveis. A linhagem era também um fator determinante de esmero por parte dos poderosos, ela não significava simplesmente ser de origem nobre, possuir grande quantidade de terra; a linhagem também fazia de um guerreiro um homem respeitado e honrado pelo nome da família que carregava e por propagar os valores de seus ancestrais. Esta nobreza guerreira exercia seus direitos senhoriais, pois possuía recursos econômicos, proteção do rei (quando era necessário) e, principalmente, a força militar. Dependendo de sua proximidade e do favor do rei, reuniria maior poder político. Estes homens compunham os conselhos reais e, em razão de seus interesses e por meio de intrigas e influências, podiam decidir uma questão que os beneficiasse, haja vista as manobras e conspirações feitas pelos irmãos de Galvão para que o rei Artur iniciasse uma guerra contra a linhagem do rei Bam.

Por sua relação adúltera com Guinevere, Lancelot condenava a si próprio, a sua amada e a sua linhagem a fins trágicos. Pelos pecados da carne, ele não chegará ao Graal; a luxúria, a prevaricação, a entrega do corpo aos prazeres mundanos é o seu desvio fatal do caminho do Santo Vaso. Seu futuro de dor e sofrimento é atestado por

²⁸³ DSG. Op. Cit. p. 47-48.

um sonho muito revelador, uma terrível visão na qual se lamentava, gemia e suspirava como quem estava passando por grandes perigos. No sonho, Lancelot chegava a um rio muito feio, no qual, se alguém entrasse certamente morreria, pois estava cheio de cobras e vermes. Daí viu aparecer um homem com uma coroa de ouro em sua cabeça e cercado de estrelas; a seguir, apareceu outro e mais outro, sete homens, todos laureados de glórias. Por último, viu sair um homem “magro e infeliz, pobre e cansado, e que não tinha coroa, e tão malvestido e tão mal trajado, que se os outros que antes saíram do rio pareciam ricos, este parecia pobre e mal-aventurado e desejoso de todo o bem”²⁸⁴. Este homem infeliz tentava entrar na companhia dos demais, que não o aceitaram. Finalmente, apareceu um último cavaleiro muito mais formoso que todos os outros, acompanhado de anjos que lhe davam uma coroa de ouro muito rica e formosa, e por ele faziam grande festa como se fosse um dos altos mártires do céu. Após o louvarem, muitos seguiram para o céu, restando apenas aquele malvestido, que gritava: “– Ai, senhores da nossa linhagem! Deixais-me só e pobre e tão infeliz? Por Deus, quando chegardes à casa da alegria, lembrai-vos de mim, e rogai ao alto Mestre por mim, que não me esqueça”²⁸⁵. Passado isso, viu Morgana, a irmã de Artur, tão feia que parecia saída do inferno, já que não usava vestimenta e se cobria com pele de lobo. Ele gemia muito, como se estivesse sofrendo grande dor, e ao seu lado andava uma companhia com mais de mil diabos que a atormentavam. Ela aproximou-se de Lancelot e o entregou aos demônios dizendo: “– Segurai-o bem, porque este é dos vossos cavaleiros”. E, assim levado chegou a um vale muito escuro e fundo, onde ouvia muitas vozes se lamentando, muitos choros e lágrimas; foi levado mais fundo, a uma cova negra e cheia de fogo, que cheirava muito mal e onde estava Guinevere:

²⁸⁴ DSG. Op. Cit. p. 204.

²⁸⁵ DSG. Op. Cit. p. 204.

E no meio daquele fogo havia uma cadeira em que sentava a rainha Genevra toda nua e suas mãos diante do peito, e estava descabelada e tinha a língua puxada fora da boca, e queimava-lhe tão claramente como se fosse uma vela grossa, e tinha na cabeça uma coroa de espinhos que ardia à grande maravilha e ela mesma queimava em todo o corpo ali onde sentava. Mas ela fazia um pranto tão grande e dava gritos tão grandes e tão doloridos, que bem pareceria a quem a ouvisse que por todo mundo era ouvida²⁸⁶.

Após presenciar a aflição de sua amada, Lancelot ouve dela que todo o sofrimento porque passava era resultado do amor deles dois, e que ele sofreria tanto ou mais do que ela e ambos estavam condenados ao inferno. Passada esta visão aterradora, ele chegava são e alegre a uma horta muito viçosa e formosa; nela vivia muita gente feliz e bem vestida, todas com coroas de ouro na cabeça. Em meio a tais pessoas identificou seu pai, o rei Bam de Beinoc, e sua mãe, a rainha Helena. Seu pai o adverte a afastar-se do pecado “[...] que, até agora, mantivestes contra Deus e contra a santa Igreja. Em vão entraste na demanda do santo Graal, e não achará senão vergonha, que sobre ti virá, se te não apartas deste pecado”²⁸⁷. Sua mãe é ainda mais enfática:

– Filho, em má hora te trouxe, pois que com quanto bem e com quantas boas habilidades Deus te deu, serviste o demo. Até aqui, filho, Deus te fizera formoso e de melhor donaire do que outro cavaleiro, e tua beleza e tua graça estão perdidas, porque te meteste todo em serviço do demo, quando te ajuntaste com a rainha Genevra, que em má hora nasceu, e estás, muito tempo, com ela contra Deus e contra o direito. Aquele pecado te porá em tão grande aflição ou em maior do que viste a rainha Genevra. Filho, estás morto e escarnecido e aquele pecado feio, que não deixas, te fará morrer em tão grande desonra, que todos da tua linhagem que estiverem vivos ficarão por isso desonrados. E sabe que nenhuma bondade humana poderia curar tão grande dor e tão grande e tão grande mesquinhez que por isso sofrerás, por pouco prazer e por pequeno que nisto tiveste, porque tal é

²⁸⁶ Idem. Ibidem. p. 205.

²⁸⁷ DSG. Op. Cit. p. 206-207.

a penitência deste pecado, que o prazer é muito pequeno e o sofrimento e a dor, eterna, se Nosso Senhor não põe nisto conselho²⁸⁸.

Terminadas estas revelações, Lancelot acordou como quem estivesse voltando de uma batalha. Na verdade, seu sonho configura-se como uma viagem ao Além em que passando pelo inferno e o paraíso pôde observar as dores do pecado para que pudesse reavaliar sua vida e retornar ao caminho do bom cristão. Os sonhos eram muito comuns na Idade Média e identificados com visões que serviam para orientar o homem sobre sua conduta, reafirmando-a ou condenando-a. “[...]. O sonho e a visão tornam-se o veículo, a forma da viagem ao Além. O domínio do sonho reduz-se a estes temas, mas um campo imenso abre-se para ele, onde estará lado a lado, como sobre a estreita ponte do Além, com o Paraíso e o Inferno”²⁸⁹. Havia aqueles sonhadores privilegiados, sonhadores de elite, os reis e os santos. “[...]. Somente os santos (*sancti viri*) sabem reconhecer os sonhos vindos de um “bom espírito” (enviados por Deus) e aqueles que são só ilusão (vindos do Diabo)”²⁹⁰. Muitos sonhos eram rechaçados, não só porque a Igreja não conseguia explicá-los por sua origem mas também porque tratavam de temas pecaminosos como a sexualidade, a tentação da luxúria. O sonho faz parte de um longo processo de afirmação do indivíduo. “O desenvolvimento do sonho esteve estreitamente ligado à voga da viagem ao Além e à crescente importância do julgamento individual imediatamente após a morte”²⁹¹. Há uma narrativa também do século XIII, a *Visão de Túndalo*, que conta sobre um cavaleiro pecador chamado Túndalo que faz uma viagem ao Além em sonho. Após enfrentar algumas provas e conhecer os sofrimentos do inferno e os prazeres do paraíso, o cavaleiro reconhece que deveria mudar de vida para atingir a salvação.

²⁸⁸ Idem. Ibidem. p. 207.

²⁸⁹ Jacques Le Goff. “Sonhos”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, v.II. p. 520.

²⁹⁰ Idem. Ibidem. p. 520.

²⁹¹ Idem. Ibidem. p. 521.

Nessa visão é possível perceber a forte presença da carne sendo sacrificada. O corpo era o meio de ação para o pecado, por isso era preciso puni-lo. A maceração do corpo pelos monges era um sinal de penitência, purgação do pecado para correção dos erros e perdão da culpa. Primeiramente, Lancelot vê vários cavaleiros muito bonitos e bem vestidos, e depois aparece um muito mal trajado; todos que seguiam os preceitos divinos carregam em si os signos de sua eleição espiritual, e é por isso que os cavaleiros que ascendem ao céu aparecem belos e bem vestidos. Por outro lado, aqueles que se apresentam maltrapilhos revelam os erros do pecador, a concupiscência da carne. “[...] o hábito que convém ao corpo exprime a conformidade com uma norma ética e não somente social; ele testemunha exteriormente a relação harmoniosa entre a alma e o corpo. A desordem nas vestimentas é, portanto, signo de pecado”²⁹². O mesmo ocorre com Morgana, meio mulher/meio fada, um elemento representante das antigas culturas celtas, seu paganismo se evidencia pela forma como se apresenta: nua, coberta com pele de lobo e acompanhada de demônios; tudo isso são traços que caracterizam sua condição à margem do cristianismo. Mesmo tendo sido a DSG cristianizada, os elementos pagãos anteriores e que fazem parte de seu universo narrativo não poderiam ser deixados de fora. Desse modo, não podendo negá-los, a única forma encontrada pela Igreja é demonizá-los, e assim o maravilhoso pagão integra-se ao maravilhoso cristão.

O pecado purgado na carne também pode ser observado no sofrimento de Genevra: ela está nua, sentada numa cadeira de fogo, com a língua para fora da boca e toda descabelada, com uma coroa de espinhos. Seu principal pecado era o da carne, é por isso que de sua mortificação pode-se obter o perdão.

Pelos dois termos que a constituem, a noção de “concupiscência da carne” tem um papel fundamental. O primeiro termo evoca o desejo

²⁹² Jean Claude-Schmitt. “Corpo e Alma”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, v.II. p. 261.

culpável, expressão da alma pecadora. Mas o segundo logo desvia o pecado para o corpo, na medida em que este é o lugar das tentações e o instrumento da alma pecadora. [...]. A carne é, pois, como diz Tertuliano, o “eixo da salvação” (*caro salutis est cardo*), na escala universal do mito como na escala de cada homem. Para este ela é, ao longo de toda a existência terrestre, ocasião de queda, mas também meio de salvação, para alguns pela ascese e castidade, para outros pela pena redentora do trabalho manual (*labor*)²⁹³.

4.2 Pecados da Carne, Arrependimento, Purgação

Esse sonho faz parte, segundo nosso entendimento, do início do processo de mudança porque passa Lancelot, que evolui da condição de um cavaleiro pecador a de um cavaleiro arrependido, capaz de lutar pelas causas divinas sacrificando seu corpo em favor de sua alma e tornando-se um *Miles Christianus*. Na busca de explicação para o seu sonho, Lancelot busca um ermitão e entra num dilema: deixar a rainha ou se confessar pelos males que cometeu, porque sabia do grande pecado que fazia ao seu corpo e à sua alma, mas amava demais Guinevere para deixá-la. É então que novamente tem uma visão: Ivã, o bastardo, está nu e disforme, coberto de fogo. Atrás dele aparecia a rainha da Irlanda chorosa e com grande pesar e, por último, a rainha Isolda avisando que o mesmo aconteceria a ele se não deixasse a loucura na qual estava. Lancelot não acreditou e ela o feriu na perna, quando acordou não se pôde agüentar de dor e Persival o curou e o aconselhou:

[...]. E se até aqui estivestes em pecado mortal, confessai-vos e guardai-vos que não volteis a ele, e pensai neste milagre que Nosso Senhor vos mostrou e, certamente, se vos estivésseis confessado depois que entrastes nesta demanda, que é demanda de Nosso Senhor e das suas grandes maravilhas, não vos acontecera tanto como vos aconteceu²⁹⁴.

²⁹³ Idem. Ibidem. p. 256.

²⁹⁴ DSG. Op. Cit. p. 213.

O monge também o aconselha: “[...] muito éreis vós mais obrigado a servir a Nosso Senhor do que os outros, porque vos fez Deus de melhor aparência e mais valer em outras coisas do que outro cavaleiro de quem se ouvisse, há tempo, falar”²⁹⁵. No outro dia, amanheceu com a perna toda negra e exalando mau cheiro. Durante a Idade Média, acreditava-se que o pecador trazia no corpo a marca do pecado; assim foi com a lepra, explicada como castigo aos filhos daqueles que mantinham relações sexuais durante a menstruação. A marca que Lancelot recebe evidencia o seu pecado e a gravidade de sua má ação. O corpo é um lugar privilegiado para a expressão da conduta do homem, seja para o bem, seja para o mal. Quando pecador, esta evidência geralmente se manifesta por uma doença; quando obediente aos preceitos cristãos, as marcas são de beleza, transmissão de felicidade e bons fluidos, vide o exemplo dos santos. “Dizia-se também, com autenticação das autoridades religiosas, que os corpos santos não se decompunham. Suas tumbas exalavam “odor de santidade”. Suas relíquias, nas quais a *virtus* do santo estava inteiramente presente, curava doenças e ressuscitava os mortos”²⁹⁶.

Ainda com tudo isso, Lancelot não se arrepende dos seus pecados, não quer fazer a confissão. Mas uma carta é enviada a Persival, na qual o Senhor condena a má vida de Lancelot: “Ai, Lancelot, vil pessoa e mau cavaleiro, filho do inferno, pousada das trevas do demo, perjuro e desleal contra teu rei e terreno senhor! Como te não castigas das formosas maravilhas que te mostrei? Porque te mostrei todo sofrimento e toda tristeza e todo prazer e toda alegria”²⁹⁷. Somente após essa revelação divina, o cavaleiro se arrepende, se confessa e promete não cometer mais tal pecado. É então que

²⁹⁵ Idem. Ibidem. p. 214.

²⁹⁶ Jean Claude-Schmitt. Op. cit. p. 260.

²⁹⁷ DSG. Op, cit. p. 215.

partem Lancelot e Persival para a aventura da Oliveira das Folhas Vermelhas²⁹⁸ e do Homem que Sentava na Cadeira²⁹⁹. Como eram cavaleiros andantes em busca de aventuras, precisavam tentar tirar a carta do homem para provarem seus valores; mas nenhum dos dois consegue terminar o feito e Lancelot reconhece seu fracasso: “[...] todos os do mundo cuidavam que eu era o melhor cavaleiro do mundo, e não sou, e eu os enganei, quando julgavam que havia em mim mais bondade do que há”³⁰⁰.

A nova aventura pela qual passará Lancelot também diz respeito ao seu processo de mudança. Estando na floresta com Persival surge um cavaleiro pedindo ajuda, pois “todo cavaleiro andante deve ajudar a todos aqueles que lhe pedirem ajuda”³⁰¹, contra outro que lhe atacava e que nunca vira mais forte. O cavaleiro desconhecido (Galaaz) vence Lancelot e Persival, que não o reconhecem. Não suportando a afronta de ter perdido, Lancelot decidiu partir ao encontro do cavaleiro que o derrubou: “[...] pela fé que devo a toda a cavalaria, juro que nunca mais estarei alegre, até que vingue esta desonra, e se cavaleiro me derruba por força de lança, jamais quero cingir a espada, se por força de espada e o não derrubo”³⁰². Ele chega a uma ermida num vale muito fundo numa floresta estreita, lá encontra ermitães parentes de Persival. Deles recebe abrigo e um pouco de comida. São os ermitães que lhe dizem que o cavaleiro que procura é o melhor do mundo e é da casa de Artur, e Lancelot conclui que se trata de seu filho. Esses homens o informam sobre sua linhagem e sobre o grande mal do pecado com a rainha. O cavaleiro, então, se arrepende e recebe dos monges uma estamena em sinal de penitência.

²⁹⁸ A aventura da oliveira das folhas vermelhas tratava-se de uma oliveira que possuía as folhas vermelhas no inverno e no verão e muitos cavaleiros ouviram falar dessa maravilha.

²⁹⁹ A aventura do homem sentado na cadeira dizia respeito a um homem velho, armado com espada e escudo, sentado numa cadeira muita rica, que ficava num claustro em cima da montanha; ele estava morto, mas parecia vivo e segurava na mão direita uma carta que muitos cavaleiros tentaram pegar; somente ao cavaleiro eleito estava destinado o fim dessa aventura.

³⁰⁰ DSG. Op. Cit. p. 219.

³⁰¹ DSG. Op. Cit. p. 220.

³⁰² Idem. Ibidem. p. 222.

Depois que se confessou bem aos homens bons, eles o castigaram muito e disseram-lhe que deixasse e se afastasse daquele pecado e pusesse toda sua fiança em Deus, que desejava sua honra, e venceria na demanda do santo Graal. E ele prometeu que tudo assim faria. Depois disso, separou-se deles, e meteu-se em sua demanda assim como antes e andou muitos dias que não achou aventura. E sabei que o mais do tempo, fazia orações e rogava a Nosso Senhor que lhe perdoasse, porque não sentia de coisa alguma que fizesse tanto como do pecado da rainha, porque lhe parecia que era traidor e desleal com o rei Artur, de quem era vassalo, e lhe fizera sempre mais honra do que a qualquer outro homem³⁰³.

A partir desse momento em que recebe um signo de penitência, de purgação dos pecados e de arrependimento, configurando-se como homem temente a Deus e desejoso de servi-lo, Lancelot enfrentará, segundo a nossa percepção, a aventura mais importante na demanda, que envolve suas características de cavaleiro cortês e sua “nova condição” de *Miles Christianus*. Trata-se do episódio “Lancelot e a Donzela que lhe pede o Corço”. Para analisá-lo utilizaremos a metodologia proposta por Ciro Cardoso, como explicamos anteriormente.

Do ponto de vista do aspecto verbal, no que diz respeito ao registro da fala, o primeiro ponto a ser analisado é a oposição entre concreto e abstrato. No episódio predominam as frases concretas, como podemos observar na seguinte passagem: “– Ai, donzela, por Deus, olhai; quereis que vos faça eu companhia e me leveis a algum lugar onde possa achar com que mate minha fome?”³⁰⁴. As frases abstratas decorrem da donzela que aparece à Lancelot, como quando ela lhe agradece pelo dom: “– Muito obrigada – disse ela –, e sabei que aquele, por cujo amor o dais a mim, vo-lo saberá bem galardoar e logo”³⁰⁵.

³⁰³ Idem. Ibidem, p. 225.

³⁰⁴ DSG. Op. Cit. p. 227.

³⁰⁵ Idem. Ibidem. p. 227.

As figuras de linguagem estão presentes no texto principalmente referenciando as necessidades fisiológicas do cavaleiro. Assim, temos a gradação pela ênfase dada à fome e à sede de Lancelot; a figura de identidade dá-se pela repetição com que é enfatizada a satisfação dessas necessidades e a antítese quando ele tenta matar a fome e saciar a sede. As características do personagem podem ser assim elencadas:

- lasso;
- cansado;
- perdido;
- faminto;
- sedento de água;
- miserável;

Mas, ainda com tantas necessidades, Lancelot mantinha sua principal qualidade: a honra. Para manter sua palavra, pois havia prometido um dom á donzela, o cavaleiro entrega o corço e continua faminto.

O cerne deste texto, a fome e a sede porque passava Lancelot, evidencia a polivalência do mesmo, ainda que sutil. Chrétien de Troyes escreveu, no século XII, um romance intitulado *Ivain, o cavaleiro do leão*. Nesta narrativa, Ivain perde-se na floresta, fica com fome, sede e sem vestes, passa a alimentar-se de carnes cruas e vestir-se com peles de animais, tornando-se amigo de um leão. No episódio em questão, Lancelot também se perde e, com fome e sede, só pensa em satisfazer-se de qualquer forma: “[...]. Então desceu e, no elmo, colheu a água, e viu vir um corço que vinha beber à fonte, e ele tomou sua lança e pensou que, se o pudesse matar, o comeria de qualquer modo que fosse para matar a fome”³⁰⁶.

³⁰⁶ DSG. Op. Cit. p. 226.

Há uma predominância do discurso narrativo, ou seja, a estória é essencialmente contada pelo narrador; as poucas falas decorrem do diálogo curto entre Lancelot e a donzela. O narrador também é onisciente, pois conhece todos os medos, desejos e pensamentos do cavaleiro, como a seguir: “Quando Lancelot viu que a donzela ia com muita pressa, cuidou que não era de longe e que dissera aquilo para o espantar. [...] e pensou em ir atrás dela, e quando a alcançasse, lhe rogaria tanto até que o levasse a algum lugar onde achasse conforto de sua miséria”³⁰⁷.

A temporalidade do discurso, no que diz respeito à duração, é predominantemente de pausa, ou seja, marcada pela suspensão do tempo, que ocorre principalmente na descrição do que está acontecendo e na reflexão dos personagens. Isto é observado na descrição feita pelo narrador de como Lancelot estava cansado e perdido na Floresta, e depois quando chega a um vale entre duas rochas e cercado por um rio, e ainda na reflexão do personagem sobre como poderia matar sua fome e o que faria para sair do lugar em que se encontrava. As cenas, ou seja, as falas entre personagens, são muito poucas, ocorrem somente no curto diálogo entre Lancelot e a donzela. O último ponto relativo ao tempo é frequência do discurso; no texto, temos a presença do discurso repetitivo: Lancelot perde-se por duas vezes, fica novamente cansado e continua com muita fome.

Sintaxe narrativa do texto

Situação Inicial;

Lancelot andava pela Floresta Gasta muito lasso e cansado, ora de um lado, ora de outro, sem comer nem beber, durante quatro dias e não achou quem lhe albergasse ou lhe desse alimento. Perdido na floresta não se queixou, pois acreditava ser vontade de Deus que sofresse na demanda do santo Graal.

³⁰⁷ Idem. Ibidem. p. 227.

Perturbação da situação inicial;

Após quatro dias perdido na floresta chegou a uma fonte, que nascia no meio de um vale ao pé de um carvalho. A fonte era muito formosa e com a fome e sede que sentia pereceu-lhe que, se não saciasse suas necessidades, morreria. Quando desceu do cavalo para apanhar água com que então mataria sua fome comendo o animal de qualquer jeito.

Desequilíbrio, crise;

Quando estava levando o corço consigo apareceu uma donzela, não se sabe de onde, muito formosa que lhe pediu um dom. Como bom cavaleiro, Lancelot concedeu-lhe o dom sem saber do que se tratava (era muito comum entre os cavaleiros conceder um dom sem saber o que era pedido), foi então que a donzela pediu-lhe o corço. O cavaleiro rogou para que exigisse outra coisa, pois há muito tempo passava fome, ou então que levasse o animal, mas deixasse o suficiente para ele se alimentar. Mas a donzela não aceitou, só levaria o corço por inteiro. Cumprindo seu juramento de cavaleiro, Lancelot deu-lhe o animal.

Intervenção na crise;

A donzela agradece o presente e revela que logo o cavaleiro será recompensado por aquele ato de amor. Lancelot roga para que o leve a um lugar onde possa matar sua fome e ela responde que somente o cavaleiro chegará a algum lugar quando a Deus assim aprouver.

Novo equilíbrio.

Seguindo a donzela, Lancelot chegou a um vale entre duas rochas muito grandes e muito estranhas, onde havia um rio, com águas muito perigosas chamadas Marcoisa, que dividia a floresta em duas partes. Diante de tal perigo ficou com muito medo, mas confiou no Senhor e pensou que poderia atravessar o rio, foi então que surgiu um cavaleiro armado e matou seu cavalo. Lancelot consternou-se e concluiu que tudo lhe acontecia por seu grande pecado. Assim cercado pelo rio, pedras e florestas e sem a possibilidade de encontrar ajuda, o cavaleiro orou, rogou por piedade e conforto e pediu para que não se desesperasse e não caísse em tentação do demônio.

O episódio termina assim, e não há esclarecimentos na narrativa sobre como Lancelot conseguiu livrar-se de tão grave situação de perigo. Quando o cavaleiro entra

novamente em cena, encontra seu filho Galaaz e passa com ele um grande período de aventuras e alegrias e depois disso os dois nunca mais voltam a se encontrar.

A riqueza e a simbologia desse episódio possibilitam o entendimento do processo de mudança pelo qual passa Lancelot, um cavaleiro pecador que se arrepende. A mudança de Lancelot já havia se iniciado desde o sonho que teve com a visão do Inferno e do Paraíso; logo a seguir advém o aparecimento da marca do seu pecado pela ferida na perna; em seguida, reconhece seus erros e faz a confissão; enfrenta uma aventura que não termina e percebe que não é mais “o melhor cavaleiro do mundo”; após confessar-se de todos os seus pecados e arrepender-se de seus maus feitos, recebe uma estamena e passa a usá-la em sinal de penitência. Todos estes acontecimentos culminam com a aventura da donzela que lhe pede o corço.

Nessa última aventura de provação, percebemos uma forte ambigüidade do personagem. As condutas que Lancelot assume e o estado em que se encontra na narrativa o levam a determinadas situações, e pode ser caracterizado por dois eixos qualitativos:

Quadro 9. A Cavalaria Selvagem e Civilizada de Lancelot

CAVALEIRO SELVAGEM	CAVALEIRO CIVILIZADO
Andava pela floresta há muito tempo e estava lasso e cansado	Concede um dom que lhe é pedido
Há quatro dias perdidos estava com muita fome e sede	Honra sua palavra e seu juramento de cavaleiro
Não encontrava abrigo ou alguém que o ajudasse	Reconhece que tudo o que lhe acontecia era por conta de seu pecado
Mata um corço e admite que matará sua fome comendo-o de qualquer forma	Confia em Deus para que o ajude e o livre da tentação, faz orações, roga por piedade e conforto
Perdido novamente fica preso entre um rio, duas rochas e a floresta, sem chance de escapar de qualquer um desses perigos naturais.	Mantém sua lança, elmo, escudo e espada próximos a si

Perdido no meio natural, Lancelot passa pela prova de sua existência. Sua herança literária é a de um cavaleiro cortês, educado, civilizado. No entanto, nesta altura na DSG, ele deve enfrentar uma aventura que põe em xeque sua identidade. A partir de então, o cavaleiro pecador terá provado seu valor e seguirá no caminho da redenção, embora seu arrependimento não seja completo, pois volta a cometer os mesmos erros com a rainha. Mas isso só enfatiza seu processo de mudança, visto que numa transformação a passagem de um estado para outro sempre carrega algumas características anteriores, marcando um processo de identidade e de alteridade. Alguns elementos do episódio são muito significativos pelo seu valor simbólico. Primeiramente, Lancelot encontra uma fonte ao pé de um carvalho. O simbolismo da fonte está ligado à regeneração e à purificação, é nela que o cavaleiro matará sua sede e sentirá de novo o gosto da vida.

O simbolismo da fonte de *água pura* é expresso principalmente pelo manancial que brota no meio de um jardim, ao pé da Árvore da Vida, no centro do Paraíso terrestre, e que, depois, se divide em quatro rios, cujas águas correm para as quatro direções do espaço. Essa é, conforme as terminologias, a *fonte da vida*, ou da *imortalidade*, ou da *juventude*, ou ainda, a *fonte do ensinamento*³⁰⁸.

A fonte estava junto a um carvalho, que é considerado entre os celtas a figura da árvore ou do eixo do mundo. “O carvalho em todos os tempos e por toda a parte, é sinônimo de **força**: e essa é claramente a impressão que dá a árvore na idade adulta. Aliás, carvalho e força exprimem-se pela mesma palavra latina: **robur**, que simboliza tanto a força moral como a força física”³⁰⁹. Em seguida aparece o animal: um corço ou cervo. Há uma comparação muito interessante entre o cervo e Cristo: quando o cervo está com sede ou à procura de uma companheira, lança um apelo rouco que parece

³⁰⁸ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 444.

³⁰⁹ Idem. *Ibidem*. p, 195.

irresistível; o mesmo parece ocorrer quando Cristo convoca as almas para seu rebanho. “O cervo simboliza tanto o **Esposo divino**, diligente e infatigável na procura das almas, suas esposas, como também a **própria alma**, em busca da fonte divina onde possa se dessedentar”³¹⁰. O cervo é também considerado um psicopompo, palavra de origem grega decorrente da junção de *psyché* (alma) e *pompós* (guia). Assim, psicopompo designa um ente que guia o homem, sua alma, para o Além ou para uma viagem ao Além, ou ainda para uma viagem de conhecimento de si. Nas narrativas de viagem ao Além há sempre um guia, que pode ser uma mulher, um anjo, um demônio. Quando fica novamente perdido, Lancelot mais uma vez chega a um vale. “O vale é e simboliza o lugar das transformações fecundantes, onde a terra e a água do céu se unem para dar ricas colheitas; onde a alma humana e a graça de Deus se unem para dar revelações e os êxtases místicos”³¹¹. Estes elementos, por sua carga simbólica, contribuem para o estado de transformação por que passará Lancelot, e ao mesmo tempo também comprovam o reencontro do homem com a natureza.

A narrativa não explica como o cavaleiro conseguiu sair de tal situação, mas afirma que durante todo o tempo em que esteve em provação foi alimentado pela oração que fazia a Deus. Isso já é um sinal da reconciliação de Lancelot com o divino. Quando o cavaleiro reaparece novamente, recebe de uma voz a ordem de entrar numa barca. Aportando próximo a uma capela reencontrou seu avô Galegantim, que havia se tornado ermitão para reparar um pecado. O rei afirma que se Lancelot largar o pecado em que estava poderia obter o perdão: “[...]. Porém, como quer que erraste até aqui, se ti quisesses corrigir e te quisesses guardar de pecar mortalmente, ainda poderias achar perdão e mercê daquele em quem está toda a piedade”³¹². Nesse sentido, percebe-se que a salvação do cavaleiro dependia dele próprio, com base no seu arrependimento.

³¹⁰ Idem, ibidem. p. 226.

³¹¹ Idem. Ibidem. p. 929.

³¹² DSG. Op. Cit. p. 482.

Portanto, cada ser, conforme seu esforço e desejo de reparação do pecado cometido poderia obter o perdão e conquistar um bom lugar no outro mundo.

[...] cada destino individual tem seu lugar, aventura indissociável de um corpo e de uma alma que tendem à salvação. A dupla relação do corpo e da alma como do singular e do universal permite, com efeito, definir a originalidade do pensamento cristão, uma vez que cada homem é portador das conseqüências da falta original, embora recebendo a faculdade de se libertar para vir a ser o artífice principal de sua salvação³¹³.

Como principal recompensa pela sua mudança de atitude, Lancelot reencontrou seu filho Galaaz e com ele viveu muitas aventuras até que o destino os separasse novamente. A narrativa não especifica quanto tempo pai e filho lutaram lado a lado, mas informa que os dois se afastaram quando chegou a estação das flores, quando todas as coisas são mais alegres. E uma voz os adverte: “Ora pense cada um de vós fazer bem, porque nunca mais vos vereis até o dia espantoso em que Nosso Senhor dará a cada um o que mereceu”³¹⁴. Os dois cavaleiros sentem muito aquela despedida, e Lancelot mais ainda: “– Filho Galaaz, pois que assim é que me separo de vós para sempre, roga a Jesus Cristo por mim que me não deixe sair de seu serviço, mas de tal modo me guarde, que seja seu servo terreal e espiritual”³¹⁵.

Lancelot obtém a graça de chegar ao castelo de Corberic, onde estava o Graal; os cavaleiros maus, pecadores que não se arrependeram de seus erros, não entraram lá (Galvão, Heitor, Gaeriete) e muitos sequer encontraram aquele local. Mas a bênção do pai de Galaaz limitava-se ao paço do santo vaso, afinal, ele pecou por muito tempo e as maravilhas do Graal estavam destinadas somente àqueles puros de coração, corpo e espírito. “Então olhou por todos os lados se poderia ver alguém que o impedisse de

³¹³ Jean Claude-Schmitt. “Corpo e Alma”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, v.II. p. 254-255.

³¹⁴ DSG. Op. Cit. p. 487-488.

³¹⁵ Idem. Ibidem. p. 488.

entrar lá, porque queria ir até a santa mesa, e descobrir o santo vaso para ver o que lá havia. Então ouviu uma voz que lhe disse: “Lancelote, não entres, porque a ti não é outorgado”³¹⁶. O cavaleiro ficou paralisado e não conseguiu entrar na sala do santo vaso. Quando o encontraram não o reconheceram, embora já o tivessem visto várias vezes, e nem mesmo o rei Peles reconhece Lancelot. Mas a filha do rei, a mãe de Galaaz, o reconhece. “Então o fez levar a uma câmara e despi-lo; e sabei que, quando lhe acharam a estamenha vestida, maravilharam-se muito, porque conheciam a mui viciosa vida de Lancelot não podiam cuidar que trouxesse tão áspera vestimenta”³¹⁷. Seu sofrimento durou vinte e cinco dias. “E estes vinte e cinco dias significam os vinte e cinco anos que foi cavaleiro da santa Igreja. E se não fosse um pecado em que tão longamente permaneceu não deixaria de ter honra e louvor nesta demanda”³¹⁸. A alma e o corpo pecador de Lancelot pagam pelo seu erro evidenciando a estreita relação entre ambos; o sofrimento da carne é um sinal do pecado e o sofrimento, tanto físico quanto moral, seria um forma de purgação.

A experiência do sofrimento, naquele tempo, não permite ser classificada nem de um lado nem do outro, de tal modo sua natureza física, e não somente na prova do martírio, é sublimada num valor moral. Igualmente, a doença nunca é concebida como uma simples afecção fisiológica. É um mal aparentado à possessão demoníaca, que toma por inteiro o ser, corpo e alma³¹⁹.

Recuperado, o cavaleiro não veste a estamenha por vergonha de pedi-la aos que estavam no castelo do rei Pescador; sem o símbolo de proteção que a estamenha suscitava, Lancelot estava novamente vulnerável aos prazeres da carne e mais uma vez chegando ao reino de Logres comete os mesmos pecados.

³¹⁶ Idem. Ibidem. p. 511.

³¹⁷ Idem. Ibidem. p. 512.

³¹⁸ DSG. Op. Cit. p. 513.

³¹⁹ Jean Claude-Schmitt. “Corpo e Alma”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002, v.II. p. 260.

Passadas as provações do *Miles Christianus* no seu processo de recuperação espiritual, o cavaleiro enfrentará uma aventura que diz respeito ao seu valor nas armas, à sua capacidade de lutar e vencer o oponente, de honrar a ordem de cavalaria e enaltecer a casa de Artur e a mesa redonda. Lancelot é vencido por Palamades, o bom cavaleiro pagão; inconformado com a derrota o cavaleiro jura vingança, mas reconhece o valor de seu adversário. O objetivo de Lancelot é saber se o outro cavaleiro era tão bom na espada quanto na lança. Seu primeiro intuito foi vingar o orgulho ferido, visto que “o melhor cavaleiro do mundo” havia sido derrotado. No entanto, após uma longa batalha admite o valor de seu oponente:

– Certamente – disse Lancelot –, nunca me afrontastes, dom Palamades, nem vos desamo, nem esta batalha comecei por desamor que vos tivesse, antes a comecei para saber se sois tão bom cavaleiro de espada como de lança, e tanto vi esta vez em vós, que sei que sois um dos bons cavaleiros do mundo. E porque vos chamei à batalha, sei que vos afrontei e vo-lo quero corrigir a vossa vontade, e se vos apraz que a batalha termine, a mim apraz, e conheço melhor vossa bondade que antes e vós, a minha³²⁰.

O início da guerra do rei Artur com a linhagem do rei Bam por causa da traição de Lancelot e da rainha dá-se pela morte de Gaeriete por Lancelot, que não o reconheceu: “– Ora – disse Lancelote –, bem podemos dizer que jamais teremos paz com o rei e com Galvão, por morte de Gaeriete, de que me pesa muito, assim Deus me ajude. E agora começará a guerra que não falecerá em todos os dias de nossa vida”³²¹. Para evitar a morte da rainha, começa uma guerra que culminará com o fim do reino de Artur e de seus cavaleiros. Como cavaleiro respeitado, Lancelot recebe ajuda de muitos condes e cavaleiros que já havia ajudado no passado e que agora poderiam provar sua fidelidade. Um cavaleiro que se destacava numa grande corte poderia adquirir muitos

³²⁰ DSG. Op. Cit. p. 558.

³²¹ Idem. Ibidem. p. 597.

bens, respeito e favores. A generosidade era fundamental na construção da honra e fama de um bom cavaleiro. A largueza, por sinal, era uma das três virtudes mais importantes que um cavaleiro deveria possuir. “Esta realiza o gentil-homem, instaura a distinção social. (...). o cavaleiro tem o dever de nada reter em suas mãos. Tudo o que lhe chega ele dá. De sua generosidade haure a força que possui e o essencial de seu poder”³²². Ela significava muito mais do que a generosidade que exprimia, era um desprender-se das coisas materiais. Na verdade, essa generosidade pode ser mais adequadamente traduzida por largueza, a capacidade que um guerreiro tem de desprender-se de bens materiais distribuindo entre seus consortes, demonstrando, assim, seu valor. É essa virtude que faz Lancelot ter o apoio fundamental para a guerra contra o rei Artur.

[...] e mandou dizer à Terra Forânea e a todos os cavaleiros que ele ajudara e a quem demonstrara amor muitas vezes, que viessem ajudá-lo contra rei Artur. E porque ele era o cavaleiro do mundo mais amado e que maior amor e honra fazia aos cavaleiros, e por aquele rogo com que os mandou rogar, vieram tantos cavaleiros em sua ajuda que, se Lancelote fosse rei coroado, seria grande coisa reunir tão grande cavalaria como reuniu na Joiosa Guarda³²³.

Com essa guerra podemos observar as estratégias de ação e como agem e se comportam os cavaleiros numa batalha importante. O cavaleiro de Artur tem uma estratégia: “[...]. Mas os do castelo, que eram bons cavaleiros, mandaram boa parte de sua cavalaria que se escondesse numa floresta, que ficava perto dali, para terem condição de ataque imprevisto na guerra”³²⁴. No entanto, Lancelot ainda devotava muita consideração e lealdade ao rei e tenta de todas as formas impedir a batalha: “Quando Lancelot viu que rei Artur o havia cercado e era o homem do mundo que ele mais amara e lhe fizera mais honra, teve tão grande pesar que não soube o que fizesse, não por

³²² Georges Duby. Op. Cit. 1987. pp. 120-121.

³²³ DSG. pp. 605-606.

³²⁴ Idem. Ibidem. p. 607.

medo, mas porque amara o rei mais que outra pessoa que não fosse seu parente”³²⁵.

Provando sua honra e valor, Lancelot retira-se do reino e mais uma vez dá sinais de sua largueza como bom cavaleiro:

[...] retirou-se de todo o reino de Logres com toda sua linhagem, e passou o mar e foi para Gaunes e fez reis coroados seus primos: a um deu o reino de Gaunes, e a outro o de Benoic e toda a Gaula, como lhe dera rei Artur. Naquele tempo podiam dizer bem os do reino que eram ricos de bom senhor e de boa cavalaria; porque tinham bom senhor, que bem mantinha a terra e o reino em paz³²⁶.

Quando Morderete se volta contra o rei Artur e tenta usurpar seu reino e sua esposa, Lancelot retorna para ajudar o reino de Logres e derrota Morderete e seus filhos. No entanto, o cavaleiro se perde nessa batalha e chega a um vale³²⁷ muito fundo. Após ficar o dia e a noite sem comer nem beber, chegou a uma ermida onde estavam o bispo de Cantuária e Bliobleris para servir ao Senhor. Com a alegria do encontro e a emoção dos últimos acontecimentos, Lancelot faz o mesmo que seus amigos:

[...]. E assim que ficou desarmado, foi a um altar de Santa Maria, que lá havia, e ficou de joelhos diante dele e jurou que, se Deus e santa Maria e os santos o ajudassem, jamais se afastaria do serviço de Nosso Senhor, mas ficaria naquela ermida enquanto vivesse. E como jurou, assim o fez, porque ali morreu em serviço de Nosso Senhor³²⁸.

Finalmente, essa promessa Lancelot consegue cumprir e em pleno estado de purgação de seus pecados deixa sua vida de luxúria e prazeres mundanos para se dedicar ao serviço de Deus, a ajudar os demais, a fazer trabalhos manuais, submeter o corpo ao esgotamento físico, agir como um mártir, procurando de todas as formas o perdão divino e o merecimento do Paraíso. “Quatro anos e meio ficou Lancelote na ermida de modo que ninguém poderia suportar mais cansa e esforço do que ele sofria em jejuar

³²⁵ Idem. Idem. p. 607.

³²⁶ Idem. idem. p. 610.

³²⁷ Para a simbologia do vale ver página 178 deste capítulo.

³²⁸ DSG. Op. Cit. p. 636.

e em velar, em fazer preces e orações e em mortificar seu corpo de todas as maneiras que podia”³²⁹. A atitude de Lancelot parece fazer parte daquelas em que o cavaleiro de coração deixa sua antiga vida para dedicar-se a uma nova forma de estar no mundo, uma conversão de tipo “pura”, diferente daquelas em que muitos cavaleiros livres do perigo da morte deixavam o mosteiro ou eremitério e voltavam à sua vida militar. Conversões como a de Lancelot

encerram a carreira de Cavaleiros adubados, ativos, nem um pouco grisalhos, e os dirigem tanto ou mais à vida de eremita que aos mosteiros clássicos. Esses cavaleiros experimentam um movimento de coração, ou se sentem movidos por um impulso espiritual. Sua decisão, talvez devêssemos dizer sua crise, provoca uma verdadeira ruptura: eles deixam secretamente sua região e realizam gestos espetaculares de inversão de seu estatuto, especialmente no sentido da humildade³³⁰.

Durante os quatro anos que permaneceu como eremita, o cavaleiro cumpriu o último papel que geralmente faziam aqueles cavaleiros arrependidos de seus pecados, como ocorre tão frequentemente na *Demanda do Santo Graal*:

[...]. E sabeis que, naquele tempo, havia no reino de Logres, grande número de ermitões por toda a parte que não era sem maravilha; e poucos havia lá que não fossem cavaleiros ou altos homens, e naquele tempo era a graça de Deus que todos aqueles cavaleiros daquele reino, depois que tinham trato de armas trinta anos ou quarenta, deixavam suas terras e suas riquezas e toda sua linhagem, e iam para as montanhas e aos mais distantes lugares que podiam achar e lá faziam penitência de seus pecados e de seus grandes vícios e dos grandes prazeres que tiveram em suas grandes cavalarias; e não vos digo que muitos não havia, que se punham nisso pelas aflições e pelos pesares das más andanças que tinham amiúde seus amigos e seus parentes e

³²⁹ Idem. *ibidem*. p. 638.

³³⁰ Dominique Barthélemy. *A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010. p. 309.

por isso ficou muito povoado o reino de Logres de frades e de ermitães³³¹.

Entretanto, muitas dessas conversões resultavam das dificuldades em satisfazer as exigências do meio social do qual se fazia parte. “Assim, em uma sociedade de Cavaleiros herdeiros na qual não é suficiente nascer – é preciso também trabalhar nos exercícios guerreiros e nos combates e suspeitar da opinião e de traição –, a conversão aconteceria para salvar as aparências”³³². Num mundo competitivo como o cavaleiresco, sem acesso às heranças e sem possibilidade de casamento, o claustro, a fuga para a floresta, a vida em piedade e resignação parecia comportar a necessidade de afirmação social por meio de outro combate, o espiritual. Este movimento de conversão e entrada num eremitério ou mosteiro era bastante comum. Assim, após anos de luta servindo com armas mundanas, o cavaleiro agora poderia dedicar-se ao combate espiritual, lutando com as armas da fé. Orderico de Vidal escreveu uma hagiografia sobre Hugo de Avranches, companheiro de Guilherme, o Conquistador, que deixou a vida guerreira para se tornar monge. Hermoldo, o Negro, escreveu uma epopéia em que Guilherme de Orange, duque de Carlos Magno, deixa sua vida de Cavaleiro para se tornar um Peregrino de Cristo. Desse modo, estes cavaleiros tornavam-se verdadeiros *Miles Christianus*, servindo, de fato, aos propósitos divinos e sacrificando-se, assim como Cristo, para uma nova vida de privações, mas de recompensas futuras, duradouras e eternas. Tudo indica que Lancelot alcançou o perdão e a eleição, visto que o sonho do arcebispo assinala isto muito bem: “– Estava – disse ele – em tão grande festa e em tão grande companhia de anjos que nunca vi tão grande reunião. E levavam com tão grande alegria e com tão grande festa, como vos digo, a alma de dom Lancelote”³³³. E o epitáfio do grande cavaleiro da mesa redonda reafirma sua honra: “Aqui jaz Galeote, o

³³¹ DSG. Op. Cit. p. 223.

³³² Dominique Barthélemy. Op. Cit. p. 311.

³³³ DSG. Op. Cit. p. 639.

Senhor das Longas Ilhas, e com ele, Lancelote, o melhor cavaleiro que alguma vez trouxe armas na Grã-Bretanha, fora somente Galaaz, seu filho”³³⁴.

4.3 Outros Cavaleiros Arrependidos

Outros cavaleiros da mesa redonda nos ajudam a compreender o modelo do *Miles Christianus*, pelo fato de em determinados momentos assumirem condutas pecadoras, erradas, e em outros se arreponderem de seus atos e desejarem o perdão. Assim, temos entre estes cavaleiros Leonel, irmão de Boorz, o rei Artur e Erec, o que nunca mente.

As duas aventuras de Leonel que aqui analisamos, estão ligadas principalmente ao pecado da ira, ao desejo de vingança. Numa destas aventuras encontra numa floresta uma mulher que é sua conterrânea, e começam a conversar. Quando chegam seu marido e seu sogro, não compreendem aquela situação, e concluem que houve uma traição. O marido mata a mulher e Leonel mata o sogro. Assim, pela ira dos três cavaleiros envolvidos a mulher, inocente, acaba sendo a vítima de toda aquela luta entre cavaleiros andantes e ávidos em alardear suas honras.

A segunda aventura de Leonel é mais importante porque envolve seu irmão Boorz, um dos três cavaleiros que chegaram ao Graal. Leonel estava sendo levado prisioneiro pelos cavaleiros da companhia do marido e do sogro da mulher que ele havia matado, quando aparece Boorz, que estava tentando salvar uma donzela em perigo; o cavaleiro aprisionado, naturalmente, acredita que seu irmão não o deixará a mercê dos bandidos, mas Boorz está diante de um dilema inconciliável: como salvar seu irmão, sangue de seu sangue, e deixar uma donzela à mercê da própria sorte, ferindo assim o código de cavalaria? Ele opta, então, por obedecer ao código, protegendo os indefesos, ou seja, a donzela. Boorz, numa “defesa intransigente da virgindade como estado de

³³⁴ Idem. *ibidem*, p. 640.

pureza absoluta, aqui alegoricamente representada pela donzela, [...], busca afirmar-se como um representante da cavalaria espiritual e conquistar o acesso ao Santo Vaso”³³⁵. Leonel é salvo pelas orações que Boorz faz a Deus, mas tomado por desamor a seu irmão deseja vingança. “[...] e ia com grande pesar sobejo de que lhe falhara seu irmão em tão grande aflição, assim que lhe teve um tão grande desamor mortal que disse que lhe cortaria a cabeça, se o pudesse vencer por armas, que nunca irmão praticou tal erro a outro”³³⁶. Num torneio, os dois irmãos se encontram e, desesperado com a possibilidade da luta, Boorz apelou de todas as maneiras, mas seu irmão parecia acompanhado por diabos. “[...] esporeou o cavalo e feriu Boorz com os peitos do cavalo tão violentamente que o pôs em terra e Boorz ficou muito ferido da queda. E Leonel passou tantas vezes sobre ele que o quebrou todo”³³⁷. Mesmo com um ermitão implorando pela vida de Boorz, Leonel não cede e mata o ermitão, cometendo um grande pecado. Por fim, chega Calogrenante, companheiro da mesa redonda, que luta com Leonel, mas em vão. O cavaleiro em fúria tira a vida de seu companheiro³³⁸. Desesperado com a possibilidade de, sem saída, ter que lutar com seu irmão, Boorz apela a Deus e um grande milagre acontece: “Então desceu entre eles uma chama de fogo, em semelhança de raio, tão acesa, que lhes queimou todos os escudos. E eles ficaram tão aflitos que caíram por terra e ficaram muito tempo desmaiados”³³⁹. Diante do milagre, Leonel reconhece seu pecado e pede ajuda ao seu irmão para reparar seu erro. Assim, Leonel é aconselhado a não cometer mais tanta braveza e crueldade.

³³⁵ Rita de Cássia Pereira. *O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. p. 96.

³³⁶ DSG. p. 177-178.

³³⁷ Idem. *ibidem*. p. 181.

³³⁸ Na hora da morte Calogrenante pede perdão por seus pecados e por ter entrado na demanda sem confessar-se. No momento de sua morte aconteceu um milagre: em vez de sangue, jorrou de sua cabeça leite tão branco quanto a neve e na terra que foi lavada por esse sangue branco nasceram flores que foram chamadas calogres e serviam para estancar sangue.

³³⁹ DSG. p. 185.

O rei Artur é um personagem dúbio na DSG, o que é muito compreensível na medida em que ele faz parte dos mitos celtas e carrega consigo muitos elementos pagãos. Tornava-se, pois, impossível para a narrativa transformá-lo inteiramente em um cristão exemplar, uma vez que o personagem perderia sua identidade construída em narrativas anteriores. Uma explicação para o fim do seu reino, segundo o nosso foco de análise, talvez seja o fato de o rei nunca ter sido, de fato, um cristão.

Como rei, sempre foi louvado, mas cometia erros condenáveis que não podiam ser conhecidos pelos seus súditos, como quando força uma donzela e dela tem seu único filho, Artur, o pequeno.

– Filho Artur, ainda que não queira que saibam que és meu filho, não te amo por isso menos, pois eu o deixo de dizer para não saber o povo meu erro e meu pecado, porque, pois que Deus me escolheu para me pôr em tão grande altura, devo esconder o quanto puder minha miséria, qual pecador quer que eu seja³⁴⁰.

Mas o rei possuía muitas habilidades como cavaleiro e estrategista de guerra, quando era necessário. Ao ver-se sem os seus cavaleiros, o próprio Artur tem que defender seu reino e prova porque sempre foi conhecido como um grande governante: “– Ide – disse o rei –, e fazei dez alas com vossos homens, e ficai no campo, porque não queria que nossos inimigos nos achassem fechados. Mas sobre todas as coisas do mundo, guardai-vos de vos espalhardes”³⁴¹. Em sua condição de cavaleiro possui as qualidades da coragem e fortaleza, e seus inimigos o louvam e o prezam. Entretanto, Artur não consegue terminar uma grande aventura, fracassa por não ser bom cristão. Embora fosse um grande cavaleiro e muito honrado, da tibia religiosidade cristã do rei decorria o castigo de não completar a aventura do castelo Felão:

Uma noite, estando o rei Artur em seu leito a pensar na torre que lhe caíra tantas vezes, disse-lhe uma voz: “Artur, não te esforces mais por

³⁴⁰ DSG, p. 348. (grifo nosso).

³⁴¹ Idem. ibidem. p. 424.

levantar a torre, que não apraz a Deus que seja edificada por alguém tão pecador como tu, e jamais será feita por ti e por outrem, até que venha um rei de Gaula, que terá nome Carlos, e aquele converterá à fé de Jesus Cristo mais gente que tu; e não será tão honrado nem tão poderoso, nem terá tão boa cavalaria como tu, mais será melhor cristão e mais leal á santa Igreja; e aquele meterá em seu senhorio todo o reino de Logres e muitos outros reinos, e aquele virá da linhagem de rei Bam e bem parecerá linhagem de cavaleiros aquela linhagem³⁴².

Como não se sabe exatamente o que foi feito dele, sinal ainda evidente de seu caráter pagão, o rei Artur tornou-se um mito. Seu personagem é dúbio, porque mesmo com essas características comandava um reino cristão e recebeu, segundo ele próprio, muitas maravilhas de Deus. Por fim, sua morte é lamentada: “[...]. E isto foi grande mal e grande dano, porque não houve, depois de rei Artur, rei cristão tão venturoso e que tão bem fizesse seus feitos e que tanto amasse e honrasse cavalaria”³⁴³.

Erec ficou conhecido com um cavaleiro que nunca mentia e por essa característica cometeu um grande pecado. Em uma aventura, aparece uma donzela que lhe pede um dom sem especificar qual. “Ele olhou a donzela e tanto a observou, que bem reconheceu que era aquela que o levou à ilha da irmã de Persival; e, porque o guiou para lá, lhe prometeu o primeiro dom que lhe pedisse. Então, não se pôde encobrir para ela, porque cairia em erro”³⁴⁴. A principal qualidade de um cavaleiro era manter a palavra, garantir sua honra pela palavra dada, principal instrumento de valorização de um cavaleiro. A donzela má pede, então, a cabeça da irmã de Erec. Diante do dilema de matar uma donzela que era sua irmã para manter sua palavra, o cavaleiro decide cumprir o código de cavalaria. Acusado por todos e pela própria donzela má por não ter piedade, Erec entra em desespero e sai a esmo em busca de aventuras tentando de todas as

³⁴² DSG, p. 479 (grifo nosso).

³⁴³ Idem. ibidem. p. 615-616.

³⁴⁴ Idem. ibidem. p. 287.

formas morrer em combate e pagar pelo seu erro através do sofrimento do jejum e da solidão. “Andaria sempre só e faria seu lamento e seu pranto até que houvesse de morrer quer por jejuar, quer por velar, quer por fazer seu pranto; e jamais haveria companhia nem com ele nem com outrem; e esta seria a vingança que poderia tomar por sua irmã que matou”³⁴⁵. A partir de então o cavaleiro se alimenta do que ganha, geralmente pão preto muito duro e água. Uma reclusa o aconselha a confessar seus pecados: “[...] e por isso vos digo eu em correto conselho que vos confessais bem e, que de boca e de coração, peçais perdão a Nosso Senhor, pois vossa morte se aproxima e matar-vos-á um cavaleiro mui bravo e mui desleal; e isto não tardará”³⁴⁶. Na hora da sua morte, Erec pede perdão pelos seus pecados e roga para que seus amigos orem por ele e ofereçam esmolas para sua alma: “– Vós sois meus companheiros e meus amigos,, rogo-vos que vos lembreis de mim em orações e esmolas, porque sou muito pecador, e por meu pecado, sem falha, me sobreveio esta desgraça”³⁴⁷.

Diante do que foi apresentado como características deste tipo de cavaleiro, elaboramos um quadro com as características congregadas em Lancelot; nele apresentamos seus vícios, virtudes, características mundanas e fatores que o fazem se arrepender. Tudo isso permite compreender este tipo de cavaleiro como um modelo que agrega características variáveis, até mesmo contraditórias, mas que ainda assim fazem dele um tipo mais próximo de ser reconhecido por aqueles que tomavam contato com estas narrativas.

³⁴⁵ Idem. *ibidem*. p. 300-301.

³⁴⁶ Idem. *ibidem*. p. 303.

³⁴⁷ Idem. *ibidem*. p, 333.

Quadro 10. Virtudes e Vícios de Lancelot.

LANCELOT			
Vícios de Cavaleiro Pecador	Características Mundanas	Virtudes de Bom Cavaleiro	Cavaleiro Arrependido
Orgulhoso	O melhor cavaleiro do mundo	O melhor cavaleiro do mundo	Reconhece seu grande pecado
Não era moderado	Linhagem de rei Bam	Bondoso	Reconhece que pecou contra Deus e contra a cavalaria
Não mantinha castidade	O mais desejado e o mais amado	Honrado	Confessa-se
Não era humilde	Sente pesar por não ser tão bom como pensam	Envergonha-se pelos elogios	Arrepende-se
Não tinha paciência	Melhor cavaleiro de armas	Valoroso	Obedece ao abade usando a estamena
Trai o rei duplamente	Mais famoso e de melhor donaire	Deus o ama, pois fez a ele milagres e demonstrações	Permanece em orações
Vil pessoa	Encobre-se para que não saibam quem ele é	O mais amado: mais amor e honra fazia aos cavaleiros	Roga a Deus que lhe perdoe
Mau cavaleiro	Belo	Bom senhor, mantinha bem a terra e o reino em paz	Resigna-se com seu sofrimento
Filho do inferno	Sofre por amor		Roga a Deus para não entrar em desespero e cair em tentação
Pousada das trevas do demo	Encontra-se num dilema entre deixar ou não a rainha		Dá-se conta de que não é mais o melhor cavaleiro do mundo
Perjuro	Não deixa seu pecado		Pode salvar-se pelo arrependimento
Desleal	Era quase um rei		Alimenta-se de oração
Sua perna dói, fica negra e com mau cheiro			Tornou-se ermitão e purga seus pecados
Fica paralisado e irreconhecível ao tentar entrar na sala do Graal			Sua alma é levada pelos anjos em grande festa

Todos estes cavaleiros cumpriram com suas honras cavaleirescas, mas pecaram durante o percurso da procura pelo santo vaso na *Demanda do Santo Graal*. No entanto,

como se arrependeram dos atos pecaminosos cometidos, pedem perdão, jejuam e fazem a confissão, seguindo os passos para a salvação da alma, condição possível para a realização do *Miles Christianus*.

CONCLUSÃO

A *Demanda do Santo Graal* é uma fonte muito rica para o conhecimento da Idade Média nos mais variados aspectos. Ela apresenta, em sua narrativa, dados sociais que configuram aquela época, ainda que de forma literária. Entre estes dados, identificamos elementos tão conhecidos e passíveis de abordagem, como a figura da mulher, do eremita, do rei, dos castelos, da Igreja de forma geral, da natureza como parte primordial do universo cavaleiresco e de muitos elementos simbólicos que enriquecem a narrativa com o maravilhoso medieval e atestam a sua herança pagã. Mas, entre todos estes ingredientes destaca-se a imagem do cavaleiro, objeto de nossa análise.

A literariedade da fonte não exclui em nada seu fundo de realidade, mesmo porque sem ele o romance não teria reconhecimento nem aceitação entre o público. O fator literário coloca o texto entre o histórico e o lendário, permitindo uma identificação com os homens da época. Os outros tipos de fontes consideradas “históricas” não estão em grande variedade. Além disso, a fonte literária possui um ponto bastante positivo, ela apresenta em riquezas de detalhes o modo de vida dos cavaleiros, suas formas de conduta, a diversidade dos armamentos, o jogo da guerra, as estratégias de vitória, os acordos necessários para evitar maiores males, a idéia de honra que os identifica, o sentimento de pertença que os agrega. Tudo isso faz da *Demanda* um documento essencial e de importância ímpar para a compreensão da Cavalaria.

Assim, pudemos estabelecer o estudo da instituição militar formada por nobres guerreiros do século XIII. Percebemos, no decorrer da análise do texto, que havia uma importante ligação entre a Cavalaria e a Igreja. A narrativa conta a estória dos cavaleiros da corte arturiana, a mais importante então conhecida, que partem em busca de aventuras, e a principal delas consistia em encontrar o Graal, o santo vaso com o sangue de Cristo. No transcorrer desta procura, surgem aventuras das mais

“maravilhosas” possíveis, que servem para provar os cavaleiros e separar os “bons” dos “maus”, como é claramente afirmado na fonte. A presença da Igreja pode ser sentida principalmente pela figura do ermitão, em muitos momentos chamado de bispo, clérigo, monge. Não há uma definição fechada desse no texto, embora a sua caracterização fosse a de um homem que havia se retirado do mundo e vivia de maneira muito pobre. O eremita constituía o elemento de explicação para as aventuras e sonhos dos cavaleiros, e nesse momento os interesses da Igreja de controlar e regular a vida cavaleiresca faziam-se sentir de forma bastante efetiva. Nas explicações dadas pelos ermitões havia sempre o conselho de que um “bom cavaleiro” não cometia pecados da carne, confessava-se regularmente, fazia orações e jejuava em sinal de penitência.

Identificamos, portanto, que nessa separação entre os “bons” e os “maus” cavaleiros expressavam-se modelos de análise que poderiam ser considerados. Deste modo, trabalhamos, no capítulo intitulado **Denunciando os Pecados: o *Miles Diabolicus***, com a idéia de um modelo que deveria ser evitado por todos os cavaleiros que desejavam obter êxito em suas aventuras. Este modelo pôde ser identificado pelo cavaleiro Galvão, um homem nobre, sobrinho do rei Artur, mas que sofria de um pecado muito condenável, a inveja. Por causa deste vício ele trai seus companheiros e o código de cavalaria, aquilo que representava uma espécie de lei entre os cavaleiros; o modelo do *Miles Diabolicus* não mantinha a palavra dada, lutava e matava seus companheiros, provocava intrigas, desafiava bons cavaleiros de arma por puro orgulho e arrogância, usava da covardia para vencer o oponente. Este tipo de cavaleiro transgredia os valores da Cavalaria e os valores da Igreja, desonrava a ética cavaleiresca e violava gravemente os preceitos cristãos de humildade, bondade, amor ao próximo, confissão, penitências e jejuns para a remissão dos pecados e, principalmente, não se arrependia dos males cometidos. O *Miles Diabolicus* constituía, portanto, um exemplo a ser

evitado, a negação de seu modelo representava a afirmação do “bom cavaleiro”, o verdadeiro exemplo a ser seguido.

Assim, no capítulo terceiro, **Declarando as Virtudes: o *Miles Sanctus***, analisamos as características e o que representava o cavaleiro ideal. Este tipo de cavaleiro tinha como seu principal e perfeito expoente o filho de Lancelot, Galaaz. Este cavaleiro trazia desde o nascimento as marcas de sua eleição, sua descendência divina e real autorizava-lhe como um verdadeiro cavaleiro de Deus; embora tenha sido bastardo, esta mácula representava o grande poder do Senhor para escolher o seu representante. Fora isso, todo o caminho percorrido por Galaaz foi de vitórias e conquistas, proporcionadas pela sua devoção e crença. Durante todo o período da demanda pelo Graal, o modelo de cavaleiro ideal passou rezando, jejuando e confessando-se, pedindo a Deus para que obtivesse honra em suas aventuras e que o perdoasse se tivesse que causar a morte de alguém. Além disso, “o melhor dos melhores cavaleiros do mundo” operava milagres, curando, expulsando demônios, devolvendo a sanidade e punindo por sua presença os pecadores. Constituía-se, logo, como um *Miles Sanctus*, um fiel seguidor dos caminhos cristãos, possuidor de todas as virtudes louváveis: castidade, humildade, bondade, fé, esperança, caridade. Além destes valores cristãos, o “bom cavaleiro” possuía também todas as características de um bom cavaleiro de armas, como a destreza, habilidade, prudência, generosidade, honra. O *Miles Sanctus* era, portanto, um tipo de cavaleiro que congregava plenamente os ideais cristãos e os valores cavaleirescos.

Estes dois modelos configuram-se, em nosso entendimento, como extremos. A validade de sua observância dá-se no sentido de, justamente por serem extremos, apresentar todas as conseqüências advindas para o caminho que o cavaleiro escolhesse. Entre estes dois constitui-se um modelo “mais humano”, por possuir características

mais “verossímeis”, propícias a serem identificadas e autorreferenciadas pelos leitores do romance. Surge, assim, o modelo do *Miles Christianus*, trabalhado no último capítulo intitulado **Determinando o Possível: o *Miles Christianus***. Seu maior representante era Lancelot, “o melhor cavaleiro do mundo”, principal representante da linhagem de rei Bam, a melhor e mais respeitada entre todas. Lancelot era o braço direito do rei, seu mais importante cavaleiro, tão necessário para que mantivesse a corte protegida. Ele possuía a admiração de todos, mas suscitava também a inveja dos que não tinham tanto apreço do rei quanto ele. O código de cavalaria sempre esteve em boas mãos por suas ações. Mas Lancelot cometia um grave pecado: mantinha um relacionamento amoroso com a rainha Guinevere. Para além da traição da fidelidade devida ao rei, tal ação constituía falta muito grave porque infringia os valores cristãos. Por causa dos seus pecados, ele não conheceu as “maravilhas” do Graal e não conseguiu vencer algumas aventuras. No entanto, como se trata de um modelo oscilante, este tipo de cavaleiro pôde obter a glória pelo arrependimento. Assim, purgando seus pecados e reconhecendo seus erros, o *Miles Christianus* configura-se como um cavaleiro capaz de obter a salvação pelo seu desejo de mudança, pela vontade sincera de reparar seus erros e atingir finalmente a glória mais esperada: o Paraíso.

A presença destes tipos de cavaleiro na obra evidencia o papel da Igreja no sentido de disciplinar a cavalaria, então mergulhada nos prazeres da carne, no desejo da vingança, na violência de suas ações. Para garantir seus interesses, a Igreja utilizou-se de vários meios como as instituições da Paz e Trégua de Deus, o estabelecimento da gravidade dos pecados e a penitência necessária para cumpri-los. Num meio guerreiro em que nobres precisavam manter suas posições sociais, a guerra era fundamental e inevitável a violência advinda dela. Mas também era preciso garantir a salvação. Por isso estes modelos eram importantes. Deste modo, sem controlar efetivamente a

cavalaria, mas regulando-a como podia, a Igreja imputou a estes homens um ideal de cristão a ser seguido, ainda que fosse no momento da morte pelo arrependimento ou quando não tinham mais condições de seguirem as atividades militares, entregando-se a um mosteiro ou retirando-se do mundo.

Entendemos, portanto, que a Igreja por meio de sua inserção na narrativa objetivava controlar e regular a atividade guerreira. A instituição militar ganhava, assim, contornos religiosos necessários, segundo o foco religioso. Domesticando a Cavalaria, enquadrando-a nos limites cristãos, atribuindo-lhe uma moral religiosa, a Igreja pretendia regular todo o comportamento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Principais

A Demanda do Santo Graal. (ed. Crítica e fac-similar de Augusto Magne). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. I (1955) e v. II (1970).

A Demanda do Santo Graal. (org. Heitor Megale). Rio de Janeiro: Cia. de Bolso, 2008.

Fontes Consultadas

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

RAMON LLULL. **O Livro da Ordem de Cavalaria.** Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Llúlio”, 2000.

CRHÉTIEN DE TROYES. “**Lancelot, o Cavaleiro da Charrete**”. In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

RAMON LLULL. **Vida Coetânia.** (trad. Ricardo da Costa). São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2000.

_____. **Vida Coetânia.** (trad. Luisa Costa Gomes). In: http://www.ramonllull.net/sw_studies/1_br/t_luisacosta.htm

ROBERT DE BORON. **Merlim.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993.

S. BERNARDO DE CLARAVAL. **Em Louvor da Nova Cavalaria (De Laude Novae Militae).** Braga: Associação Famílias, 2000.

Obras Teóricas

ALMERÍA, Luis Beltrán e ESCRIG, José Antonio. **Teorias de la Historia Literaria.** Madrid: S.A Arco Libros, 2005.

ARIES, Philippe. “A História das Mentalidades”. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. “O Romance de Cavalaria”. In: BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance.** São Paulo: Hucitec-Unesp, 1988.

BARROS, Carlos. “La Historia que Viene”. In: **Secuencia, nueva época**, n. 31, pp. 143-178. Universidade de Santiago de Compostela, 1995.

BARROS, José D’ Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, José D’ Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BERNARDO, João. “Proposta para uma Metodologia da História”. Publicado em **História Revista** (Departamento de História e Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia), vol. 11, nº 2, 2007.

BLOC, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales: A Revolução Francesa de historiografia(1929-1989)**. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo. “História e Análise Textos”. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. R.J: Campus, 1997.

CARDOSO, Ciro. **Narrativa, Sentido, História**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

DUBY, Georges. “História Social e Ideologia das Sociedades”. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (Orgs.). **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FORTINI, F. “Literatura”. In: **Enciclopédia Einaudi, Volume 17- (Literatura-Texto)**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia do Romance**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: um estudo sobre o elemento lúdico da cultura**. Lisboa: Edições 70, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

PATLAGEAN, Evelyne. “A História do Imaginário”. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (p.291-318).

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura e Significação**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1973.

VAINFAS, “História das Mentalidades e História Cultural”. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. R.J: Campus, 1997.

SCHMITT, Jean Claude. “A Imaginação Eficaz”. In: **Signum. Revista da Abrem**. Associação Brasileira de Estudos Medievais. São Paulo: Fapesp, número 3, 2001, p. 133-150.

ZINK, Michel. “Literatura”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e A Voz**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

Obras de Referência

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, 2 vols.

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

Obras Gerais

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BRAGANÇA JR, Álvaro Alfredo. “O Estudo da literatura medieval no Brasil à luz da Medievalística Germanística-algumas palavras”. In: TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. **Encontro Internacional de estudos medievais-Anais**. Salvador, 2005, p.258-268.

DUBY, Georges. “A Emergência do Indivíduo: a solidão nos séculos XI-XIII”. In: ÀRIES, Philippe e DUBY, Georges. **História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCHER, Jean-Pierre. “Introdução”. In: CRHÉTIEN DE TROYES. **“Lancelot, o Cavaleiro da Charrete”**. In: *Romances da Távola Redonda*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRANCO JR., Hilário. **A Eva Barbada: Ensaios de Mitologia Medieval**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo EDUSP, 1996.

FRANCO JR., Hilário. **As Cruzadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FRANCO JR., Hilário. “Por Uma Outra Alta Idade Média”. In: ANDRADE FILHO, Ruy de Oliveira. **Relações de Poder, Educação e Cultura na Antiguidade e Idade Média**. Santa de Parnaíba (SP): Editora Solis, 2005.

GANSHOF, F. L. **O Que é o Feudalismo?** Portugal: Publicações Europa-América, 1974.

GUERREAU, Alain. “Feudalismo”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2006, v.I (p.437-455).
GUREVITCH, Aron. **As Categorias da Cultura Medieval**. Lisboa: Caminho: 1990.

LAPA, M. Rodrigues. **Lições de Literatura Portuguesa**. Coimbra, Coimbra Ed., 1973.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. São Paulo: UDUSC, 2005.

LE GOFF, Jacques. **Para Um Novo Conceito de Idade Média**. Lisboa: Editorial Estampa 1993.

LE GOFF, Jacques. “Maravilhoso”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval 2 V**. São Paulo: EDUSC, 2006.

LE GOFF, Jacques. (org.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1988.

MOISÉS, Massaud. “Novela”. In: MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

OSAKABE, Haqira. “Nota Sobre o Amor na Demanda do Santo Graal”. In: **Estudos Portugueses e Africanos**, n. 10, 1987, pp. 69-75, UNICAMP.

RÉGNIER-BOHLER, Danielle. “Amor Cortesão”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002, v.I.

SARAIVA, A. H. e LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Ed., 1978.

SOUZA, Neila M. de. “Alguns Valores que Permanecem: a Idade Média e os dias Atuais”. In: Cláudio Zannoni (org.). **Anais do VII Encontro Humanístico**. São Luis: Edufma, 2008.

TORRES, Thais Menezes. “O Amor Cortês e a Igreja no medievo”. In: SILVA, Andréia C. Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues (org.). **Atas da VI Semana de Estudos Medievais do Programa de estudos Medievais da UFRJ**. Rio de janeiro, 2006.

VALVERDE, Maria de la C. P. “Terra das Fronteiras: a Espanha do século XI ao século XIII”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). **Mudanças e Rumos: O Ocidente Medieval (séculos XI - XIII)**. Cotia, SP: IBIS, 1997.

VAUCHEZ, André. **La Espiritualidad del Occidente Medieval**. Madrid: Cátedra, 1985.

ZIERER, Adriana. “Significados Medievais da Maça: Fruto Proibido, Fonte do Conhecimento, Ilha Paradisiaca”. In: *MIRABILIA. Revista de História Antiga e Medieval*. Ano 1, nº1, 2001.

Obras Específicas

ALMEIDA, Ana Cristina. “O Sentimento de Honra n’A Demanda do Santo Graal”. In: *MATHÉISIS*, 3, Viseu, 1994. pp.119-211.

ARAGÃO, Ludumila. **A Produção dos Sentidos como Reprodução n’A Demanda do Santo Graal**. Coimbra: Pé de Página Editores, 2002.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A Cavalaria: da Germânia Antiga à França do século XII**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

BERLLIOZ, Jacques. **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994.

BERNARDO, João. **Poder e Dinheiro: do poder pessoal ao estado impessoal no regime senhorial, séculos V-XV. (Parte II: Diacronia – conflitos sociais do século V ao século XIV**. Porto: Edições Afrontamento, 1997, p. 132.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1986.

CARDINI, Franco. “O Guerreiro e o Cavaleiro”. In: LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

CARDINI, Franco. “Guerra e Cruzada”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.

CASAGRANDE, Carla e VECCHIO, Silvana. “Pecado”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, 2006, v.I I.

CASTANHO, Gabriel de Carvalho Godoy. **Entre a Ermida e a Cidade: solitários sociáveis e a produção de significados no século XII**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

CLAUDE-SCHMITT, Jean. “Corpo e Alma”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002, v.II.

COSTA, Ricardo da. “La Caballería Perfecta y las Virtudes del Buen Caballero en el *Libro de la Orden de Caballería (Ca. 1279-1283)*, de Ramon Llul”. In: FIDORA, Alexander/HIGUERA, José G. (Eds). **Ramon Llull: Caballero de la Fé. El Arte Luliana y su Proyección en la Edad Media. Cuadernos de Anuário Filosófico**.

Pamplona: Universidad de Navarra, Serie de Pensamiento Español, 2001, p. 11-40.

COSTA, Ricardo da. “Apresentação”. In: RAMON LLULL. **O Livro da Ordem de Cavalaria (1279-1283)**. Tradução de Ricardo da Costa. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúllio” (Ramon Llull), 2000.

COSTA, Ricardo da. “Maiorca e Aragão no tempo de Ramon Llull (1250-1300)”. In: COSTA, Ricardo da, TÔRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana (dirs.). **MIRABILIA. Revista de História Antiga e Medieval**. Ano 1, nº1, 2001.

COSTA, Ricardo da. “Ramon Llull (1232-1316) e o modelo cavaleiresco ibérico: o *Libro del Orden de Caballería*”. In: **MEDIEVALIA. Textos e Estudos**, 11-12 (1997).

COSTA, Ricardo e ZIERER, Adriana. “Os Torneios Medievais”. In: **Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales**, v. 3, 2008, p. 1-15. Disponível em: <http://webs.uolsinet.com.ar/jorgerg/boletin/costa.html>

DUBY, Georges. **As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

DUBY, Georges. **Guerreiros e Camponeses**. Tradução de Elisa Pinto Ferreira. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

DUBY, Georges. **O Domingo de Bouvines: 27 de julho de 1214**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

FLORI, Jean. **A Cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005.

FLORI, Jean. “Cavalaria”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, v.I.

FLORI, Jean. “A Guerra em Nome de Deus”. In: **História Viva** ano IV, nº45. São Paulo: Duetto, 2007.

FLORI, Jean. “Questão de Honra”. In: **História Viva** ano IV, nº 45. São Paulo: Duetto, 2007.

GAUVARD, Claude. “Violência”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.

GÉNICOT, Léopold. “Nobreza”. In: GUENÉE, Bernard. “Corte”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSC, 2006, v. I,

GROUSSET, R. **As Cruzadas**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

GUENÉE, Bernard. “Corte”. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSC, 2006.

GUERREAU-JALABERT, Anita. “Parentesco”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval** . São Paulo: EDUSC, 2006, v.II.

IOGNA-PRAT, Dominique. “Ordem (ns)”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude (org). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval** . São Paulo: EDUSC, 2006, v.I.

LE GOFF, Jacques. “Sonhos”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. (orgs.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

MATTOSO, José. **A Nobreza Medieval Portuguesa: a família e o poder**. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

MATTOSO, José. “Cavaleiros Andantes Cavaleiros Portugueses no Ocidente Europeu”. In: SEPARATA de **Presença de Portugal no Mundo** (Atas do Colóquio). Lisboa: Academia Portuguesa de História, S/D.

MATTOSO, José. “Eremitas Portugueses no século XII”. In: **Lusitania Sacra – Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica**. Tomo IX. Lisboa, 1972.

MEGALE, Heitor. **O Jogo dos Anteparos. A Demanda do Santo Graal: A Estrutura Ideológica e a Construção da Narrativa**. São Paulo: T. A. Queiroz Ed., 1992.

MEGALE, Heitor. “Introdução”. In: **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: T.A.Queiroz, 1988.

MICCOLI, Giovanni. “Os Monges”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Presença, 1989.

MONGELLI, Lênia Márcia. “A Novela de Cavalaria: A Demanda do Santo Graal”. In: MONGELLI, L. M. ; MALEVAL, Maria do Amparo e VICIM, Yara F. **A Literatura Portuguesa em Perspectiva**. SP: Atlas, 1992.

MONGELLI, Lênia Márcia. **Por Quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur**. Cotia, SP: Íbis, 1995.

OBOLENSKY, D. e KNOWLES, D. **Nova História da Igreja: a Idade Média**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1983.

SOUZA, Neila M. de. “A Demanda do Santo Graal e o Melhor dos Melhores Cavaleiros do Mundo”. In: ZIERER, Adriana (org.); SOUZA, Neila M. de e GOMES, Flávia S. (colabs.). **Uma Viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luis: Editora UEMA, 2010.

PEREIRA, Rita de Cássia. **O Herói e o Soberano — Modelo Heróico e**

Representações da Soberania na Demanda do Santo Graal. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

PERIN, Conceição S. B. “Os Cavaleiros Medievais: modelos de educação social”. In: LUPI, João e DAL, R; JR. Arno. **Humanismo Medieval.** Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

VAUCHEZ, André. **La Espiritualidad del Occidente Medieval.** Madrid: Cátedra, 1985.

VAUCHEZ, André. “O Santo”. In: LE GOFF, Jacques. (org.). **O Homem Medieval.** Lisboa: Presença, 1989

ZIERER, Adriana M. S. “Ramon Llull e o Cavaleiro como Modelo de Conduta à Sociedade Medieval”. In: **XI Congresso Latino-Americano de Filosofia Medieval. Tempo de Deus, Tempo dos Homens, Tempo do Mundo.** Fortaleza: Instituto Teológico Pastoral do Ceará, 2006, p. 1-13, CD-Rom.